

CURSOS DE IDIOMAS

GOBO

TOP LEVEL ESPANHOL

AUDIOVISUAL

INTERATIVO

PROGRAMADO

8



TOP LEVEL

ESPAÑHOL

Vol. 08

UNIDAD 19-20-21-22



CURSOS DE IDIOMAS

GLOBO

TOP LEVEL ESPANHOL



PLANO GERAL DA OBRA

Cursos de Idiomas Globo – Top Level – Espanhol é uma obra audiovisual interativa programada, publicada em 9 edições semanais de 64 páginas cada uma. Para perfeito aproveitamento do curso, observe a sequência das Unidades no alto das páginas.

AS FITAS

As lições apresentadas em cada uma das edições são reproduzidas em 9 fitas cassete que acompanham cada publicação.

COMO ACOMPANHAR O CURSO

• Ao início de cada lição, coloque a fita cassete correspondente no gravador.



Acione a tecla *play* no ponto indicado por este símbolo.



Acione a tecla *stop* no ponto indicado por este símbolo.

A) Conversación

1. Ouça na fita o diálogo extraído do filme.
2. A seguir, ouça pequenas seqüências do diálogo, lendo o texto correspondente.
3. Ouça de novo o diálogo, lendo o texto inteiro.
4. Leia o texto do diálogo, consultando as respectivas notas.

B) Español para especialistas

Escuche

1. Antes de ouvir a fita, cubra o texto do diálogo e leia atentamente a indicação que precede o exercício.
2. Ouça o diálogo. Durante ou depois da audição, faça o exercício.
3. Verifique a correção das suas respostas no quadro Respostas dos exercícios e ouça novamente o diálogo.

La lengua

4. Leia atentamente a apresentação e a explicação relativa à utilização das estruturas e funções lingüísticas.

Ejercicios

5. Faça os exercícios, depois de observar com atenção o exemplo.
6. Verifique a exatidão de suas respostas no quadro Respostas dos exercícios.
7. Consulte o vocabulário

C) En vivo

1. Escute na fita as frases da conversação.
2. Volte a ouvir as frases, lendo o texto no fascículo.
3. Leia atentamente as notas correspondentes.
4. *Modos de decir* – Ouça as expressões idiomáticas e leia as notas correspondentes.

D) El uso de la lengua

1. Faça por escrito os exercícios, depois de ter observado atentamente o exemplo.
2. Leia as notas gramaticais correspondentes.
3. Confira as respostas dos exercícios pelo quadro Respostas dos exercícios.
4. Leia atentamente a lista do vocabulário.

E) Lectura

Leia o texto e, se encontrar dificuldade de compreensão, consulte a tradução para o português.

NÚMEROS ATRASADOS

A Editora Globo mantém suas publicações em estoque até seis meses após seu recolhimento. As publicações atrasadas são vendidas pelo preço da última

edição lançada (corrigido, caso não haja alguma edição em bancas). Você pode escolher entre as opções abaixo:

1. NAS BANCAS

Através do jornaleiro ou distribuidor Chinaglia de sua cidade.

2. PESSOALMENTE

Dirija-se aos endereços abaixo:

São Paulo: Pça. Alfredo Issa, 18 – Centro –

Fone: (011) 230-9299.

Rio de Janeiro: Rua Teodoro da Silva, 821 – Grajaú –

Fones: (021) 577-4225 e 577-2355.

3. POR CARTA

Diretamente à Editora Globo, setor de Números Atrasados: Caixa Postal 289, CEP 06453-990, Alphaville, Barueri, SP.

OBS.: Os pedidos serão atendidos via correio acrescidos das despesas de envio.

© Instituto Geografico De Agostini S.p.A., Novara (1988).

© Instituto Geografico De Agostini S.p.A., Novara – De Agostini Mailing S.r.l., Novara (1990-1993)

© Editora Globo S.A. (1996). Direitos mundiais para a língua portuguesa, em território brasileiro.

As fotos não creditadas pertencem à obra original.

Gravação e mixagem das fitas

Cirrus Produções

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.

Rua Domingos S. dos Anjos, 277, 1º andar,
CEP 05136-170, São Paulo, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563-032,

Rio de Janeiro, RJ.

ISBN 85.250.1436-2

Impressão: Gráfica Editoriale Bologna, Milano, Italy.



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Roberto Irineu Marinho (presidente)

João Roberto Marinho (vice-presidente)

Roberto Irineu Marinho, José Roberto Marinho,

Luiz Eduardo Velho da Silva Vasconcelos, Mauro Molchansky,

Pedro Ramos de Carvalho (conselheiros)

DIRETORIA EXECUTIVA

Ricardo A. Fischer (diretor geral), Fernando A. Costa,

Flávio Barros Pinto, Carlos Alberto R. Loureiro, José

Francisco Queiróz (diretores)

DIVISÃO DE FASCÍCULOS E LIVROS

Diretor

Flávio Barros Pinto

Editorial

Sandra R. F. Espiloto (editora executiva), Vitorio Cestaroli

Filho (editor de arte), Edénir da Silva (assistente de redação),

Edison Gasparim (diagramador)

Colaboradores

Editora Página Viva (edição), Olga Cafalcchio (tradução), Vicente Cechelero (consultoria)

Marketing

Heitor de Souza Paixão (diretor), Atilio Roberto Bonon

(gerente de produção), Elisabete Blanco (supervisora de produto),

Sérgio Ishikawa (supervisor de marketing), Eliane Soares (assistente de

marketing), Marilda Faria de Oliveira, Zita Stellizer R. Arias

(coordenadoras de produção)

Circulação

Wanderlei Américo Medeiros (diretor)

Marketing Direto e Serviços ao Cliente

Wilson Paschoal Jr. (diretor)

Assinatura

Ubirajara Romero (diretor)

Comunicação

Mauro Costa Santos (diretor)

Serviço de Apoio Editorial

Antonio Carlos Marques (gerente)



Vocabulario

angustiado (<i>adj.</i>)	angustiado, atormentado
arrecife (<i>s.m.</i>)	recife
azúcar (<i>s.m.</i>)	açúcar
callar (<i>v.intr.</i>)	calar
cofia (<i>s.f.</i>)	touca
editorial (<i>s.f.</i>)	editora
empezar (<i>v.tr.</i>)	iniciar, começar
enfadarse (<i>v.refl.</i>)	aborrecer-se
ensayo (<i>s.m.</i>)	ensaio
ensenada (<i>s.f.</i>)	enseada
escuchar (<i>v.tr.</i>)	escutar
excursionista (<i>s.m.</i>)	excursionista
huelga (<i>s.f.</i>)	greve
llover (<i>v.intr.imp.</i>)	chover
lluvia (<i>s.f.</i>)	chuva
muela (<i>s.f.</i>)	diente molar
nevar (<i>v.intr.imp.</i>)	nevar
parar (<i>v.tr.</i>)	parar
rodear (<i>v.tr.</i>)	rodear, andar em redor
ruido (<i>s.m.</i>)	ruído
sala (<i>s.f.</i>) de espera	sala de espera
satisfacer (<i>v.tr.</i>)	satisfazer
vecino (<i>s.m.</i>)	vizinho
verano (<i>s.m.</i>)	verão

Respostas dos exercícios

Ejercicio Uno

1. Mañana hay que salir temprano.
2. Si queréis encontrarle, conviene llamarle antes de las 6.
3. Basta con que leáis algunas páginas de este ensayo científico que acaba de publicarse.
4. ¿Qué se piensa sobre esto?, me preguntó con voz angustiada.
5. ¿Hace mucho tiempo que llueve? Desde hace dos horas, pero no llovía desde hace cuatro meses.
6. Hace dos semanas que nieva en toda la región.
7. Uno se queda triste cuando se marcha un amigo.
8. Había mucho ruido en la reunión celebrada ayer por la tarde.
9. Hace tiempo que no tenemos un verano tan caluroso.
10. Hacía tiempo que quería ir a ver esta película.

Ejercicio Dos

1. El maestro no se decidirá a empezar mientras los alumnos no se callen.
2. Mientras el vecino del pueblo les indicaba la dirección los excursionistas escuchaban atentamente.
3. No me enfadaré mientras sigas portándote como hasta ahora.
4. Mientras sigas tomando azúcar te dolerán las muelas.
5. Mientras avanza en la lectura va entendiendo mejor la trama de la novela.
6. Mientras siga nevando los niños no podrán ir a la escuela.
7. No saldrá el periódico mientras la asamblea de redactores no decida parar la huelga.

8. No enciendas el cigarrillo mientras no hayamos acabado de comer.

Ejercicio Tres

- | | |
|---------------------------|-----------------|
| 1. la altura / la altitud | 6. la valentía |
| 2. la curiosidad | 7. la violencia |
| 3. la timidez | 8. la tristeza |
| 4. la inquietud | 9. la belleza |
| 5. el desorden | 10. la blancura |

Ejercicio Cuatro

1. A pesar de las fuertes lluvias de estos días, este verano no ha sido tan malo como el pasado.
2. Tomábamos el sol en la playa rodeados de sonrientes niños negros sorprendidos de vernos.
3. Nadábamos juntos en las aguas transparentes de la ensenada cerca de la barrera de arrecifes coralinos.
4. Desde que acabó sus estudios ha trabajado en distintas empresas sin acabar de encontrar una ocupación que le satisfaga plenamente.
5. La nueva editorial, cuyos primeros títulos serán publicados en otoño, tiene previstas cinco colecciones que van de la creación al ensayo, sin dejar de lado las ediciones críticas de clásicos castellanos.
6. La joven enfermera, con su graciosa cofia recogiendo sus rubios cabellos, recibía a los clientes del doctor, les ayudaba a quitarse el abrigo y les instalaba en la sala de espera.

Memoria para el arreglo de la policia de los espectáculos Y diversiones públicas, Y sobre su origen en España

Gaspar Melchor de Jovellanos nasceu em Gijón em 1744 e morreu em Oviedo em 1811. No curso da sua vida teve vários cargos políticos importantes que o levaram ao exílio. A obra de Jovellanos consiste em um grande número de narrações sobre questões económicas, pedagógicas e políticas destinadas a resolver os problemas práticos do momento, fundindo, no espírito do Iluminismo, modernidade e classicismo. Entre os escritos dedicados à regeneração do país estão a "Descrição sobre o projeto da Lei Agrária", na qual são analisados os principais problemas para a recuperação da economia, ou o "Projeto Geral de Instrução Pública", no qual Jovellanos destaca a importância da cultura como base do progresso. Na "Descrição para a organização da polícia dos espetáculos" Jovellanos faz uma história sobre as formas de diversão na Espanha e ataca o teatro espanhol e as corridas de touros. Entre as suas obras políticas é digna de nota a "Descrição em Defesa da Junta Geral". Foi também autor de uma obra dramática em prosa intitulada "O delinquente honrado" (1774), considerada a primeira tentativa de pré-romantismo teatral na Espanha.



SEGUNDA PARTE

Para exponer mis ideas con mayor claridad y exactitud, dividiré el pueblo en dos clases: una que trabaja y otra que huelga; comprenderé en la primera todas las profesiones que subsisten del producto de su trabajo diario, y en la segunda las que viven de sus rentas o fondos seguros. ¿Quién no ve la diferente situación de una y otra con respecto a las diversiones públicas? Es verdad que habrá todavía muchas personas en una situación media; pero siempre pertenecerán a ésta o aquella clase, según su situación incline más o menos a la aplicación o a la ociosidad. También resultará alguna diferencia de la residencia en aldeas o ciudades, y en poblaciones más o menos numerosas; pero es imposible definirlo todo. No obstante, nuestros principios serán fácilmente aplicables a todas clases y situaciones. Hablemos primero del pueblo que trabaja.

Este pueblo necesita diversiones, pero no espectáculos. No ha menester que el Gobierno le divierta, pero sí que le deje divertirse. En los pocos días, en las breves horas que puede destinar a su solaz y recreo, él buscará, él inventará sus entretenimientos; basta que se le dé libertad y protección para disfrutarlos. Un día de fiesta claro y sereno, en que pueda libremente pasear, correr, tirar a la barra, jugar a la pelota, al tejuelo, a los bolos, merendar, beber, bailar y triscar por el campo, llenará todos sus deseos, y le ofrecerá la diversión y el placer más cumplidos. ¡A tan poca costa se puede divertir a un pueblo, por grande y numeroso que sea!

Sin embargo, ¿cómo es que la mayor parte de los pueblos de España no se divierten en manera alguna? Cualquiera que haya corrido nuestras provincias habrá hecho muchas veces esta dolorosa observación. En los días más solemnes, en vez de la alegría y bullicio que debieran anunciar el contento de sus moradores, reina en las calles y plazas una perezosa inacción, un triste silencio, que no se pueden advertir sin admiración y lástima. Si algunas personas salen de sus casas, no parece sino que el tedio y la ociosidad las echan de ellas, y las arrastran al ejido, al humilladero, a la plaza o al pórtico de la iglesia, donde, embozados en sus capas, o al arrimo de alguna esquina, o sentados, o vagando acá y acullá, sin objeto ni propósito determinado, pasan tristemente las horas y las tardes enteras sin espaciarse ni divertirse. Y si a esto se añade la aridez e inmundicia de los lugares, la pobreza y desaliño de sus vecinos, el aire triste y silencioso, la pereza y falta de unión y movimiento que se nota en todas partes, ¿quién será el que no se sorprenda y entristezca a vista de tan raro fenómeno?

No es de este lugar descubrir todas las causas que concurren a producirle; sean las que fueren, se puede asegurar que todas emanarán de las leyes. Pero sin salir de nuestro propósito no podemos callar que una de las más ordinarias y conocidas está en la mala policía de muchos pueblos. El celo indiscreto de no pocos jueces se persuade a que la mayor perfección del gobierno municipal se cifra en la sujeción del pueblo, y a que la suma del buen orden consiste en que sus moradores se estremezcan a la voz de la justicia, y en que nadie se atreva a

SEGUNDA PARTE

Para expor minhas idéias com maior clareza e exactidão, dividirei o povo em duas classes: uma que trabalha e outra que folga; incluirei na primeira todas as profissões que subsistem do produto de seu trabalho diário, e na segunda as que vivem das suas rendas ou fundos. Quem não vê a diferente situação de uma e de outra em relação às diversões públicas? Haverá, ainda, muitas pessoas em uma situação intermediária; porém, sempre pertencerão a esta ou àquela classe, segundo a sua situação se incline para a aplicação ou para a ociosidade. Também resultará alguma diferença do fato de residirem nas aldeias ou nas cidades, e em populações mais ou menos numerosas; porém é impossível definir tudo. Contudo, nossos princípios serão facilmente aplicáveis a todas as classes e situações. Falaremos primeiro do povo que trabalha.

Este povo necessita de diversões, não de espetáculos. Não é preciso que o governo o divirta e sim que lhe permita divertir-se. Nos poucos dias, nas breves horas que pode destinar à sua distração e recreio, procurará e inventará sua distração; basta que se lhe dê liberdade e proteção para desfrutá-los. Um dia feriado claro e sereno, no qual pode livremente passear, correr, brincar de cabo-de-guerra, jogar bola, atirar pedras num alvo, jogar boliche, merendar, beber, dançar e andar nos campos, satisfará todos os seus desejos, e lhe oferecerá a diversão e o prazer mais completos. A tão pouco custo se pode divertir um povo, por maior e mais numeroso que seja!

Contudo, como é que a maior parte dos povos da Espanha não se diverte de maneira alguma? Quem tiver percorrido nossas províncias terá feito muitas vezes esta dolorosa observação. Nos dias mais solenes, em vez da alegria e do bulício que deveriam anunciar a satisfação de seus moradores, reina nas ruas e praças uma negligente ociosidade, um triste silêncio, que não podem ser percebidos sem admiração nem pesar. Se algumas pessoas saem das suas casas, parece ser o tédio e a ociosidade que as empurram, e as arrastam à entrada da aldeia, ao oratório, à praça ou ao pórtico da igreja, onde, cobertos com suas capas, encostados em uma esquina, sentados, ou vagando aqui e acolá, sem objetivo nem propósito determinados, passam tristemente as horas e as tardes inteiras sem se recrear nem se divertir. E se a isso se soma a aridez e imundície dos lugares, a pobreza e a desordem dos vizinhos, o ar triste e silencioso, a preguiça e falta de união e movimento que se nota em toda parte, quem não se surpreende e entristece com a visão de tão estranho fenómeno?

Não é este o lugar para descobrir todas as causas que concorrem para produzi-lo; sejam quais forem, pode-se assegurar que todas emanaram das leis. Porém, sem sair do nosso propósito, não podemos omitir que uma das mais comuns e conhecidas é a má polícia de muitos povoados. O zelo indiscreto de não poucos juizes está convencido de que a maior eficiência do governo municipal se baseia na sujeição do povo, e que o máximo da ordem consiste no fato de que seus moradores se estremezam com a voz da justiça, e em que ninguém se atreva a mover-se nem titubear ao ouvir o seu nome. Assim, qualquer desordem, barulho ou algazarra recebe o nome de motim

Memoria para el arreglo

moverse ni cespitar al oír su nombre. En consecuencia, cualquiera bulla, cualquiera gresca o algaraza recibe el nombre de asonada y alboroto; cualquiera disensión, cualquiera pendencia es objeto de un procedimiento criminal, y trae en pos de sí pesquisas y procesos, y presiones y multas, y todo el séquito de molestias y vejaciones forenses. Bajo tan dura policía el pueblo se acobarda y entristece, y sacrificando su gusto a su seguridad, renuncia a la diversión pública e inocente, pero, sin embargo, peligrosa, y prefiere la soledad y la inacción, tristes a la verdad y dolorosas, pero al mismo tiempo seguras.

De semejante sistema han nacido infinitos reglamentos de policía, no sólo contrarios al contento de los pueblos, sino también a su prosperidad, y no por eso observados con menos rigor y dureza. En unas partes se prohíben las músicas y cencerradas, y en otras las veladas y bailes. En unas se obliga a los vecinos a cerrarse en sus casas a la *quedada*, y en otras a no salir a la calle sin luz, a no pararse en las esquinas, a no juntarse en corrillos y a otras semejantes privaciones. El furor de mandar, y alguna vez la codicia de los jueces, ha extendido hasta las más ruines aldeas reglamentos que apenas pudiera exigir la confusión de una corte; y el infeliz gañán, que ha sudado los terrones del campo y dormido en la era toda la semana, no puede en la noche del sábado gritar libremente en la plaza de su lugar ni entonar un romance a la puerta de su novia.

Aún el país en que vivo, aunque tan señalado entre todos por su laboriosidad, por su natural alegría y por la inocencia de sus costumbres, no ha podido librarse de semejantes reglamentos; y el disgusto con que son recibidos, y de que he sido testigo alguna vez, me sugiere ahora estas reflexiones. La dispersión de su población, ni exige, ni permite, por fortuna, la policía municipal, inventada para los pueblos agregados; pero los nuestros se juntan a divertirse en las *romerías*, y allí es donde los reglamentos de policía los siguen e importunan. Se ha prohibido en ellas el uso de los palos, que hace aquí necesarios, más que la defensa, la fragosidad del país; se han vedado las danzas de hombres, se ha hecho cesar a media tarde las de mujeres, y, finalmente, se obliga a disolver antes de la oración las *romerías*, que son la única diversión de estos laboriosos e inocentes pueblos. ¿Cómo es posible que estén bien hallados y contentos con tan molesta policía?

Se dirá que todo se sufre, y es verdad; todo se sufre, pero se sufre de mala gana; todo se sufre, pero ¿quién no temerá las consecuencias de tan largo y forzado sufrimiento? El estado de libertad es una situación de paz, de comodidad y de alegría; el de sujeción lo es de agitación, de violencia y disgusto; por consiguiente, el primero es durable, el segundo expuesto a mudanzas. No basta, pues, que los pueblos estén quietos; es preciso que estén contentos, y sólo en corazones insensibles o en cabezas vacías de todo principio de humanidad y aun de política, puede abrigarse la idea de aspirar a lo primero sin lo segundo.

Los que miran con indiferencia este punto, o no penetran la relación que hay entre la libertad y la prosperidad de los pueblos, o, por lo menos, la desprecian, y tan malo es uno

de tumulto; cualquier oposición, cualquier briga es objeto de un procedimiento criminal, e trae atrás de sí investigaciones e procesos, e pressões e multas, e toda a seqüência de incômodos e humilhações forenses. Sob uma polícia tão dura, o povo se acobarda e entristece, e sacrificando o seu gosto à sua segurança, renuncia à diversão pública e inocente, contudo, perigosa, e prefere a solidão e a ociosidade, na verdade tristes e dolorosas, mas ao mesmo tempo seguras.

De semelhante sistema têm nascido infinitos regulamentos de polícia, não só contrários à alegria do povo, mas também à sua prosperidade, e não por isso observados com menos rigor e dureza. Em algumas partes proíbem as músicas e batucadas, e em outras os saraus e os bailes. Em algumas se obriga os vizinhos a fechar-se em casa ao toque de recolher, e em outras a não sair na rua sem luz, a não parar nas esquinas, a não juntar-se em grupos e a outras semelhantes privações. O furor de mandar, e algumas vezes a ânsia dos juizes, tem estendido até as mais humildes aldeias regulamentos que apenas caberiam na confusão de uma corte; e o infeliz lavrador, que suou no campo e dormiu na eira a semana toda, não pode na noite de sábado gritar livremente na praça de seu povoado nem cantar uma canção na porta da sua noiva.

O país em que vivo, embora tão citado por sua laboriosidade, por sua natural alegria e pela inocência dos seus costumes, não consegue libertar-se de semelhantes regulamentos; e o desgosto com que são recebidos, e que tenho testemunhado algumas vezes, sugere-me agora estas reflexões. A dispersão da sua população não exige nem permite, por sorte, a polícia municipal, inventada para os povoados agregados; porém, os nossos se juntam para divertir-se nas *romarias*, e é lá que os regulamentos da polícia os seguem e importunam. Foi proibido nelas o uso dos paus, que são necessários neste caso, mais do que para a defesa, para o acidentado do terreno; vetaram-se as danças de homens, ordenou-se terminar no meio da tarde as das mulheres, e, por fim, terminam antes dos sinos da oração as *romarias*, que são a única diversão destes povoados de gentes inocentes e trabalhadoras. Como podem estar bem satisfeitos e contentes com uma polícia tão incômoda?

Se dirá que tudo se sofre, e é verdade; tudo se sofre, porém se sofre de mau grado; tudo se sofre, porém quem não temerá as conseqüências de tão longo e forçado sofrimento? O estado de liberdade é uma situação de paz, comodidade e alegria; o de sujeição, de agitação, violência e desgosto; portanto, o primeiro é durável, e o segundo sujeito a mudanças. Não basta, pois, que os povoados estejam quietos; é preciso que estejam alegres, e só em corações insensíveis ou em cabeças totalmente vazias de qualquer princípio de humanidade e de política pode abrigar-se a idéia de aspirar ao primeiro sem o segundo.

Os que olham com indiferença este ponto, ou não compreendem a relação entre a liberdade e a prosperidade dos povos, ou, então, a des prezam, e tão ruim é um como o outro. Contudo, esta relação é bem clara e digna de atenção de uma administração justa e suave. Um povo livre e alegre será necessariamente ativo e trabalhador, e, assim sendo, será bem prudente e obediente à justiça. Quanto mais satisfeito, tanto mais amará o governo no qual vive, tanto melhor o obedecerá, mais de

Lectura

como otro. Sin embargo, esta relación es bien clara y bien digna de la atención de una administración justa y suave. Un pueblo libre y alegre será precisamente activo y laborioso, y siéndolo, será bien morigerado y obediente a la justicia. Cuanto más goce, tanto más amará el Gobierno en que vive, tanto mejor le obedecerá, tanto más de buen grado concurrirá a sustentarle y defenderle. Cuanto más goce, tanto más tendrá que perder, tanto más temerá el desorden y tanto más respetará la autoridad destinada a reprimirle. Este pueblo tendrá más ansia de enriquecerse, porque sabrá que aumentará su placer al paso que su fortuna. En una palabra: aspirará con más ardor a su felicidad, porque estará más seguro de gozarla. Siendo, pues, éste el primer objeto de todo buen Gobierno, ¿no es claro que no debe ser mirado con descuido ni indiferencia?

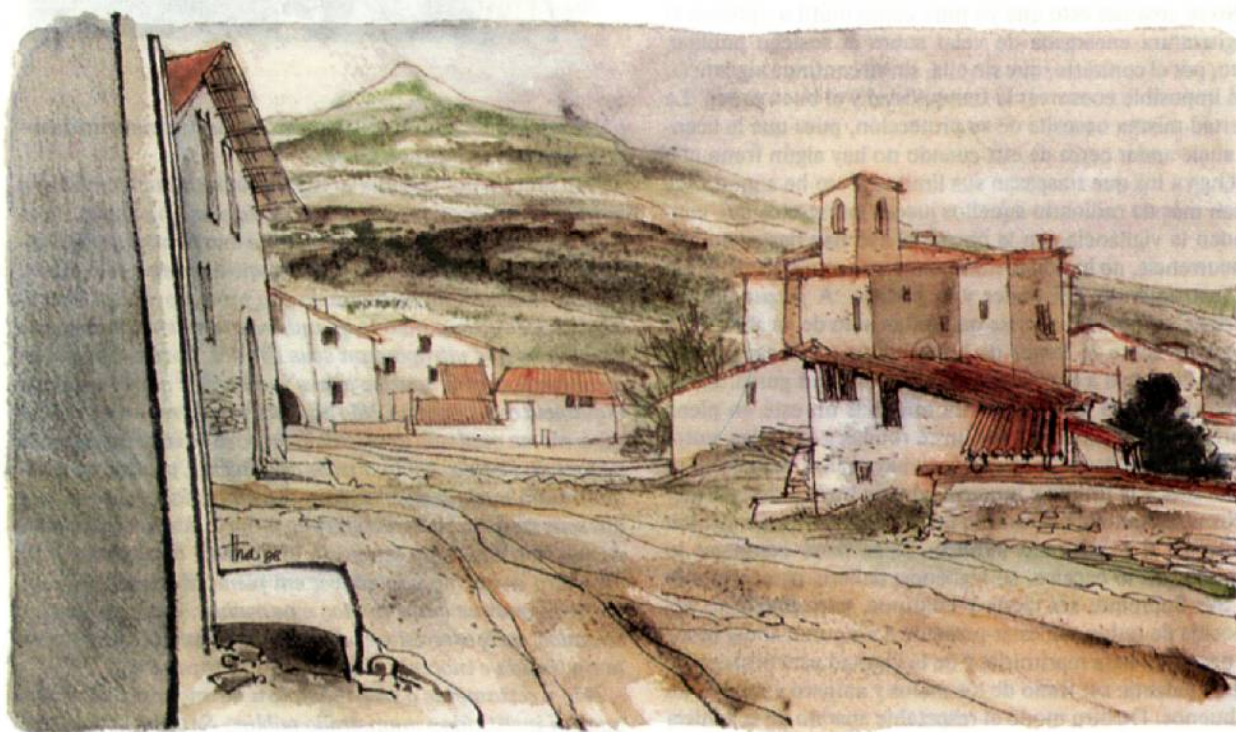
Hasta lo que se llama prosperidad pública, si acaso es otra cosa que el resultado de la felicidad individual, pende también de este objeto; porque el poder y la fuerza de un Estado no consiste tanto en la muchedumbre y en la riqueza cuanto, y principalmente, en el carácter moral de sus habitantes. En efecto, ¿qué fuerza tendría una nación compuesta de hombres débiles y corrompidos, de hombres duros, insensibles y ajenos de todo interés, de todo amor público?

Por el contrario, unos hombres frecuentemente congregados a solazarse y divertirse en común formarán siempre un pueblo unido y afectuoso; conocerán un interés general, y estarán más distantes de sacrificarse a su interés particular. Serán de ánimo más elevado, porque serán más libres, y, por

bom grado concorrerá para sustentá-lo e defendê-lo. Quanto mais satisfeito, tanto mais terá o que perder; tanto mais temerá a desordem e tanto mais respeitá a autoridade destinada a reprimi-la. Este povo terá mais desejo de enriquecer, porque saberá que aumentará seu prazer juntamente com a sua fortuna. Em uma palavra: aspirará com mais ardor à sua felicidade, porque estará mais seguro de gozá-la. Sendo, pois, este o primeiro objetivo de todo bom governo, não está claro que não deve ser olhado com descuido nem com indiferença?

Até o que se chama prosperidade pública, se por acaso for outra coisa que não o resultado da felicidade individual, depende também deste objetivo; porque o poder e a força de um Estado não consistem tanto na população e na riqueza quanto, e principalmente, no caráter moral dos seus habitantes. Na verdade, que força teria uma nação composta de homens fracos e corruptos, de homens duros, insensíveis e alheios a qualquer interesse, a qualquer amor público?

Pelo contrário, homens que freqüentemente se reúnem para alegrar-se e divertir-se formarão sempre um povo unido e afetuosos; conhecerão o interesse geral, e estarão mais longe de sacrificar seus interesses particulares. Terão espírito mais elevado, porque serão mais livres, e, por conseguinte, terão também o coração mais justo e valoroso. Cada um estimará a sua classe, porque estimará a si mesmo, e estimará as demais, porque quer que a sua seja estimada. Deste modo, respeitando a hierarquia e a ordem estabelecidas pela Constituição, viverão segundo seus princípios, e ela será amada e defendida vigorosamente, pois eles acreditarão que defendem a si mesmos. Tão certo é que a



Memoria para el arreglo



lo mismo, serán también de corazón más recto y esforzado. Cada uno estimará a su clase, porque se estimará a sí mismo, y estimará las demás, porque querrá que la suya sea estimada. De este modo, respetando la jerarquía y el orden establecidos por la Constitución, vivirán según ella, la amarán y la defenderán vigorosamente, creyendo que se defienden a sí mismos. Tan cierto es que la libertad y la alegría de los pueblos están más distantes del desorden que la sujeción y la tristeza.

No se crea por esto que yo mire como inútil u opresiva la magistratura encargada de velar sobre el sosiego público. Creo, por el contrario, que sin ella, sin su continua vigilancia, será imposible conservar la tranquilidad y el buen orden. La libertad misma necesita de su protección, pues que la licencia suele andar cerca de ella cuando no hay algún freno que detenga a los que traspasan sus límites. Pero he aquí donde pecan más de ordinario aquellos jueces indiscretos que confunden la vigilancia con la opresión. No hay fiesta, no hay concurrencia, no hay diversión en que no presenten al pueblo los instrumentos del poder y la justicia. A juzgar por las apariencias, pudiera decirse que tratan sólo de establecer su autoridad sobre el temor de los súbditos, o de asegurar el propio descanso a expensas de su libertad y su gusto. Es en vano: el público no se divertirá mientras no esté en plena libertad de divertirse; porque entre rondas y patrullas, entre corchetes y soldados, entre varas y bayonetas, la libertad se amedrenta y la tímida e inocente alegría huye y desaparece.

No es ciertamente el camino de alcanzar el fin para que fue instituido el magistrado público. Si es lícito comparar lo humilde con lo excelso, su vigilancia debería parecerse a la del Ser Supremo; ser cierta y continua, pero invisible; ser conocida de todos, sin estar presente a ninguno; andar cerca del desorden para reprimirle, y de la libertad para protegerla; en una palabra: ser freno de los malos y amparo y escudo de los buenos. De otro modo el respetable aparato de la justicia

liberdade e a alegria dos povos estão mais distantes da desordem do que a sujeição e a tristeza.

Não se creia por isso que eu veja como inútil ou opressiva a magistratura encarregada de velar pelo sossego público. Acredito, ao contrário, que sem ela, sem a sua contínua vigilância, será impossível conservar a tranqüilidade e a boa ordem. A própria liberdade necessita da sua proteção, pois a libertinagem pode acompanhá-la quando não tem nenhum freio que detenha os que ultrapassam seus limites. Porém é aqui que geralmente pecam aqueles juízes indiscretos que confundem vigilância com opressão. Não há festa, não há reuniões, não há diversão na qual não apresentem ao povo os instrumentos do poder e da justiça. A julgar pelas aparências, poderia-se dizer que tratam somente de estabelecer sua autoridade sobre o temor dos seus súditos, ou de assegurar o próprio descanso às custas de sua liberdade e do seu gosto. É em vão: o público não se divertirá enquanto não estiver em plena liberdade para divertir-se; porque entre rondas e patrulhas, entre policiais e soldados, entre casseletes e baionetas, a liberdade se amedronta e a tímida e inocente alegria foge e desaparece.

Não é certamente o caminho para alcançar o fim para o qual foi instituído o magistrado público. Se é lícito comparar

se convertirá en instrumento de opresión, y, obrando contra su mismo instituto, afligirá y turbará a los mismos que debería consolar y proteger.

Tales son nuestras ideas acerca de las diversiones populares. No hay provincia, no hay distrito, no hay villa ni lugar que no tenga ciertos regocijos y diversiones, ya habituales, ya periódicos, establecidos por costumbre. Ejercicios de fuerza, destreza, agilidad o ligereza; bailes públicos, lumbradas o meriendas, paseos, carreras, disfraces o mojigangas; sean los que fueren, todos serán buenos e inocentes, con tal que sean públicos. Al buen juez toca proteger al pueblo en tales pasatiempos, disponer y adornar los lugares destinados para ellos, alejar de allí cuanto pueda turbarlos, y dejar que se entregue libremente al esparcimiento y alegría. Si alguna vez se presentare a verle, sea más bien para animarle que para amedrentarle o darle sujeción; sea como un padre, que se complace en la alegría de sus hijos, no como un tirano, envidioso del contento de sus esclavos. En suma, nunca pierda de vista que el pueblo que trabaja, como ya hemos advertido, no necesita que el Gobierno le divierta, pero sí que le deje divertirse.

Diversiones ciudadanas

Mas las clases pudientes, que viven de lo suyo, que huelgan todos los días, o que a lo menos destinan alguna parte de ellos a la recreación y al ocio, difícilmente podrán pasar sin espectáculos, singularmente en grandes poblaciones. En las pequeñas, compuestas por la mayor parte de agricultores, podrá haber poca diferencia en las costumbres de sus clases. Cada una tiene sus cuidados y pensiones diarias. Los propietarios y colonos, granjeros y asalariados, todos trabajan de un modo o de otro, y si en los ricos son menos necesarias las tareas de fatiga, también el destino de mayor parte de tiempo al sueño, a la comida y al descanso, o cuando no, a la caza; la conversación, el juego y la lectura llenan los espacios del día, e igualan muy exactamente la condición de unos y otros.

Esta última reflexión es tanto más exacta cuanto el exceso de fortuna, que suele hacer apetecibles otras diversiones más artificiosas, saca frecuentemente a los ricos de los pueblos pequeños y los acerca a las grandes ciudades, donde, confundidos en la clase que les pertenece, siguen las costumbres, los usos y las distribuciones de los demás individuos de ella, y desde entonces están colocados en la segunda parte de nuestra división, de que hablaremos ahora.

La influencia de la riqueza, del lujo, del ejemplo y de la costumbre en las ideas de las personas de esta clase, las fuerza, por decirlo así, a una diferente distribución de su tiempo, y las arrastra a un género de vida blanda y regalada, cuyo principal objeto es pasar alegremente una buena parte del día. La ociosidad y el fastidio que viene en pos de ella, hace necesarias las diversiones, y ésta es la verdadera explicación del ansia con que se corre a ellas en los lugares populosos. Es verdad que una buena educación sería capaz de sugerir muchos medios de emplear útil y agradablemente el tiempo sin necesidad de espectáculos. Pero suponiendo que ni todos

o humilde com o excelso, sua vigilância deveria parecer-se com a do Ser Supremo; ser certa e contínua, porém invisível; ser conhecida de todos, sem se apresentar a ninguém; estar próxima da desordem para reprimi-la, e da liberdade para protegê-la; em uma palavra: ser freio para os maus e amparo e escudo para os bons. De outro modo, o respeitável aparato da justiça se converterá em instrumento de opressão e, trabalhando contra o seu próprio intuito, afligirá e perturbará os mesmos que deveria consolar e proteger.

Estas são as nossas idéias sobre as diversões populares. Não há província, não há distrito, não há vila nem lugar que não tenha certas festas e diversões, já habituais, já periódicas, estabelecidas pelo costume. Exercícios de força, destreza, agilidade ou velocidade; bailes públicos, noitadas em volta da fogueira ou merendas, passeios, corridas, fantasias ou bailes de máscaras; seja o que for, todos serão bons e inocentes, desde que sejam públicos. Ao bom juiz cabe proteger o povo em tais passatempos, arrumar e enfeitar os lugares destinados para eles, afastar dali o que puder perturbá-los, e deixar que se entreguem livremente ao divertimento e à alegria. Se alguma vez for vê-las, que seja mais para animá-las do que para amedrontá-las ou dar-lhes sujeição; seja como um pai, que se compraz com a alegria de seus filhos, não como um tirano, invejoso da alegria de seus escravos. Enfim, nunca perca de vista que o povo que trabalha, como já advertimos, não necessita que o governo o divirta, mas sim que o deixe divertir-se.

Diversões da cidade

Mas as classes abastadas, que vivem de renda, que descansam todos os dias, ou que pelo menos destinam alguma parte deles para a recreação e o ocio, difficilmente poderão passar sem espetáculos, particularmente em grandes cidades. Nas pequenas, compostas na maior parte por agricultores, poderá haver pouca diferença entre os costumes de suas classes. Cada uma tem seus cuidados e trabalhos diários. Os proprietários e colonos, granjeiros e assalariados, todos trabalham de um modo ou de outro, e como para os ricos são menos necessárias as tarefas estafantes, eles destinam a maior parte do tempo ao sono, à comida e ao descanso, ou quando não, à caça; a conversa, o jogo e a leitura preenchem os espaços do dia, e igualam muito a condição de uns e outros.

Esta última reflexão é tanto mais exata quando há excesso de fortuna, que em geral torna apetitosas outras diversões mais artificiais, costuma induzir os ricos dos povoados pequenos a irem para as grandes cidades, onde, confundidos com a classe a que pertencem, seguem os costumes, os usos e as atribuições dos demais indivíduos dela, e então são colocados em uma segunda parte da nossa divisão, de que falaremos agora.

A influência da riqueza, do luxo, do exemplo e do costume nas idéias das pessoas desta classe, as força, por assim dizer, a uma distribuição diferente do seu tempo, e as impele a um género de vida brando e agradável, cujo principal objetivo é passar alegremente uma boa parte do dia. A ociosidade e o tédio que provém dela tornam necessárias as diversões, e esta é a verdadeira explicação da ansia com que ocorrem nos lugares populosos. É verdade que uma boa educação seria capaz de sugerir

Memoria para el arreglo

recibirán esta educación, ni aprovechará a todos los que la reciben, ni cuando aproveche será un preservativo suficiente para aquellos en quienes el ejemplo y la corrupción destruyan lo que la enseñanza hubiere adelantado, ello es que siempre quedará un gran número de personas para las cuales las diversiones sean absolutamente necesarias. Conviene, pues, que el Gobierno se las proporcione inocentes y públicas, para separarlas de los placeres oscuros y perniciosos.

Cuando esta razón no bastase para establecer la necesidad de los espectáculos, otra muy urgente y poderosa aconsejaría su establecimiento, cual es la importancia de retener a los nobles en sus provincias, y evitar esta funesta tendencia que llama continuamente al centro la población y la riqueza de los extremos. Las recientes providencias dadas para alejar de Madrid a los forasteros prueban concluyentemente esta necesidad, pues ciertamente los que se hallaban en la corte sin destino no vinieron en busca de otra cosa que de la libertad y la diversión, que no hay en sus domicilios. La tristeza que reina en la mayor parte de las ciudades echa de sí a todos aquellos vecinos que, poseyendo bastante fortuna para vivir en otras más populosas y alegres, se trasladan a ellas usando de su natural libertad, la cual, lejos de circunscribir, debe ampliar y proteger toda buena legislación. Tras ellos van sus familias y su riqueza, causando, entre otros muchos, dos males igualmente funestos: el de despoblar y empobrecer las provincias, y el de acumular y sepultar en pocos puntos la población y la opulencia del Estado, con ruina de su agricultura, industria, tráfico interior y aún de sus costumbres.

muitos meios de empregar útil e agradavelmente o tempo sem necessidade de espetáculos. Porém, supondo que nem todos receberam esta educação, nem a aproveitarão todos os que a receberam, nem quando aproveitada será um defensivo suficiente para aqueles nos quais o exemplo e a corrupção destroem o que o ensino tiver proporcionado, por isso é que sempre haverá um grande número de pessoas para as quais as diversões são absolutamente necessárias. Convém, pois, que o governo as proporcione, inocentes e públicas, para separá-las dos prazeres obscuros e perniciosos.

Como se esta razão não bastasse para estabelecer a necessidade dos espetáculos, outra muito urgente e poderosa a aconselharia, que é a importância de manter os nobres nas suas províncias, e evitar esta funesta tendência que traz continuamente ao centro a população e a riqueza da periferia. As recentes providências para afastar de Madri os forasteiros provam esta necessidade, pois certamente os que se encontravam na corte sem destino não vieram em busca de outra coisa a não ser a liberdade e a diversão, que não têm em seus domicílios. A tristeza que reina na maior parte das cidades afasta todos aqueles que, possuindo bastante riqueza para viver em outras mais populosas e alegres, se mudam para elas, usando da sua natural liberdade, a qual, longe de circunscrever, deve ampliar e proteger toda boa legislação. Atrás deles vão suas famílias e sua riqueza, causando, entre outras coisas, dois males igualmente funestos: o de despovoar e empobrecer as províncias, e o de acumular e sepultar em poucos pontos a população e a opulência do Estado, com a ruína de sua agricultura, indústria, comércio interno e também de seus costumes.



A/UNIDAD

20

CONVERSACIÓN

Pernas mais longas, salas mais curtas

Direção: Javier Aguirre

Laura Valenzuela: *Lupe Cardoso*

Fernando Fernán Gómez: *Amadeo*

Emma Cohen: *Rosario "la Criollita"*

Isabel Garcés: *Doña Ramona*

José Sacristán: *Aníbal Trijueque*



O filme é ambientado em 1916: a Europa está em guerra, mas a Espanha, neutra, está ainda em plena Belle Époque e usufrui de uma discreta riqueza.

Raúl, o filho do duque de Arroca, estando apaixonado pela bailarina de teatro de revista Rosario, presenteia-a com um par de preciosos brincos de família, sem o conhecimento do pai. O duque, dando-se conta disso, chama Raúl ao seu estúdio e o repreende asperamente pelas suas saídas em público com a "atrizinha". Raúl se justifica declarando ao pai a sua paixão por Rosario: segue-se uma discussão animada que põe em foco os diversos pontos de vista de ambas as gerações. O duque vai ao camarim de Rosario, prometendo-lhe uma grande recompensa se restituir a jóia com a qual o seu filho impulsivamente a presenteou. Rosario, atraída pelo dinheiro, aceita a oferta sem pestanejar.

As últimas cenas do filme nos transportam dez anos mais tarde, para a Espanha de 1926, numa situação profundamente mudada. Lupe, a nova protagonista, também é atriz de teatro de revista (como Rosario era), mas alterna essa atividade com os estudos na universidade e com o cargo de governanta dos netos do duque. Embora o duque lhe declare o seu amor e lhe proponha fugir com ele, oferecendo-lhe uma vida de riqueza, Lupe, que está para se formar em química, prefere terminar os estudos para tentar um novo emprego nesse setor. Em relação a Rosario, Lupe nos mostra, portanto, um novo tipo de mulher que luta pela própria emancipação em um mundo agora diferente daquele, definitivamente superado, da Belle Époque, um mundo no qual as mulheres têm as saias mais curtas, mas as pernas mais longas para caminharem sozinhas na vida.



ESCENA 1¹

Raúl

Te he traído una sorpresa...

Rosario

¿Lenguas de gato²?

Raúl

No te burles de mí. Ya sé bien lo que necesita una verdadera artista. Son unos pendientes³ antiguos con una montura⁴ muy artística. De brillantes.

(MIENTRAS CORRE LA MAMPARA⁵ DEL CUARTO DE BAÑO)

Rosario

¡Brillantes!

Raúl

Se los regaló don Amadeo de Saboya a mi bisabuela⁶.

Rosario

¡La toalla⁷, dame la toalla! ¡Me tienes muerta de curiosidad⁸!

(ROSARIO TOMA LA TOALLA Y SE PRECIPITA A RECOGER EL REGALO)

¡Son preciosos!

(DESPUÉS DE EXAMINARLOS CON UNA LENTE DE JOYERO⁹)

¡Pero qué preciosísimos!...

Raúl

Es un delicado trabajo de orfebrería¹⁰.

Rosario

Me los voy a probar. ¡Raúl, pasa a la alcoba¹¹, no te quedes ahí!

(RAÚL ENTRA TÍMIDAMENTE EN LA ALCOBA MIENTRAS ELLA SE PRUEBA LOS PENDIENTES ANTE EL ESPEJO)

¡No me los voy a quitar ni para dormir¹²! Si no te importa¹³...



ESCENA 2¹⁴

Raúl

¿Me has mandado a llamar, papá?
(ENTRANDO EN EL DESPACHO)

Duque

Sí. Pasa, hijo. Quédese, Aníbal.

(DIRIGIÉNDOSE A SU SECRETARIO, CON EL QUE ESTÁ DESPACHANDO¹⁵)

No tengo para usted secretos políticos, ni



Conversación

tampoco¹⁶ familiares. ¡Tu desvergonzada exhibición en la pista de patinaje es la comidilla¹⁷ de todo San Sebastián¹⁸!

Raúl

Patinar no es un delito...

Duque

¡Es por lo menos una insensatez¹⁹, cuando se lleva cogida de la mano a Rosario²⁰ la Criollita²¹! ¡Una mujerzuela²²!

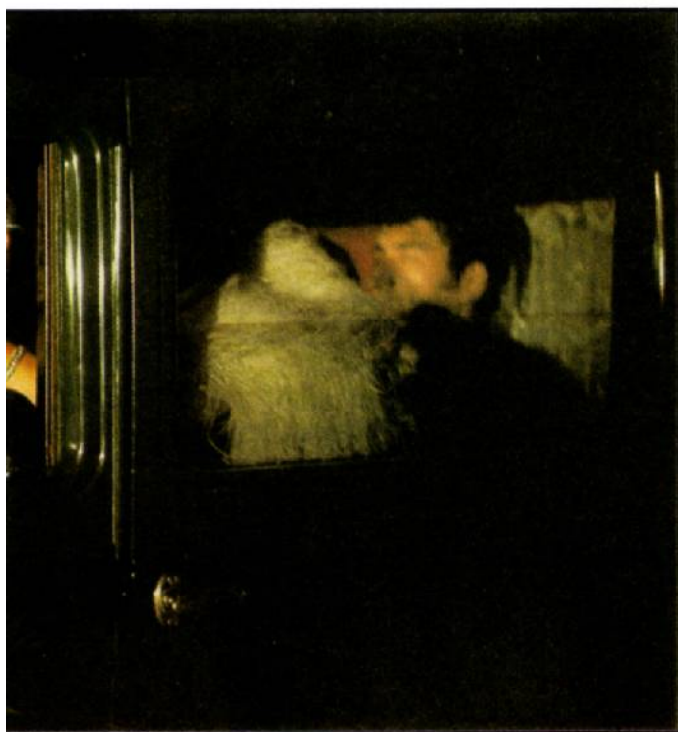
Raúl

¡Te ruego²³, papá, que midas²⁴ tus palabras!

1. Nesta primeira cena, Raúl, o fillo do duque de Arroca, apaixonado por Rosario, presentéia-a com um par de preciosos brincos de família, sem o conhecimento do pai.
2. *Lenguas de gato*, "línguas de gato", pequeno biscoito para o

chá, fino e chato.
3. *Pendientes*, "brincos".
4. *Montura*, "montagem".
5. *Correr la mampara* corresponde a "puxar o biombo".
6. *Bisabuela*, "bisavó". Amadeu de Savóia foi rei da Espanha entre 1871 e 1873.

En la pág. anterior, arriba: *En los años veinte, las señoritas pasean por la playa con discretísimos trajes de baño y acompañadas de sus damas de compañía.* Abajo: Amadeo, aristócrata "calavera", pasea en su coche, rodeado de actrices de variedades. A la derecha: Amadeo en el camerino de "La Criollita", estrella del teatro de variedades.



7. *Toalla*, "toalha".
8. *Me tienes muerta de curiosidad*, "me deixas morta de curiosidade".
9. *Joyero*, "joalheiro".
10. *Orfebrería*, "ourivesaria".
11. *Alcoba*, "alcova, quarto de dormir".
12. *Ni para dormir*: a partícula *ni* equivale em português a "nem".
13. *Si no te importa...* literalmente significa "se (você) não se importa...". *Importar* tem um amplo uso em frases impessoais, interrogativas ou negativas: nestas últimas pode assumir um significado de distúrbio ou incômodo (exemplo: *¿no te importa prestarme tu coche?*).
14. Raúl é repreendido pelo pai, que não aprova o comportamento libertino do filho. Durante a discussão, emergem os pontos de vista de ambas as gerações.
15. *Estar despachando*, perífrase verbal que significa "estar resolvendo assuntos comerciais".
16. *Ni tampoco*: o *ni* que precede *tampoco* reforça o seu significado negativo.
17. *Comidilla*, "divertimento, hobby" e, no sentido figurado

(como no contexto desta cena), "comentário, disse-que-disse, fofoca".
18. *San Sebastián*, capital da província de Guipúzcoa, uma das três regiões bascas, centro de férias de verão da Corte e da nobreza.
19. *Insensatez*, "insensatez, estupidéz".
20. *Llevar cogido de la mano* pode ser traduzido por "estar de mãos dadas".
21. *Criollito(a)*, diminutivo de *criollo(a)*, *creolo(a)*. *Creolo* se diz de uma pessoa de raça branca nascida na América Central ou do Sul, com pais europeus: por extensão, chamam-se *creolos* também os filhos de pai europeu e de mãe indígena, de um país da América Latina.
22. *Mujerzuela*, diminutivo pejorativo de *mujer* que pode ser traduzido em português por "mulherzinha".
23. *Rogar*, "rogar, pedir com insistência".
24. *Medir*, "medir", é um verbo irregular que apresenta alternância vocálica (presente do indicativo: mido, mides, mide, medimos,



Las señoritas decentes, ostensiblemente vigiladas por sus damas de compañía, se sientan en el parque, cerca de la pista de patinaje.

Duque

¡Cuando tú midas²⁵ tus actos!

Raúl

Compréndelo, papá, cuando a un hombre le arrastra la pasión²⁶...

Duque

¿Te arrastra la pasión?

Raúl

Me arrastra. ¡Amo a esa mujer! Te pido que hagas²⁷ un esfuerzo por comprenderme, papá... Ya sé que... cumplidos²⁸ los cuarenta años es difícil comprender a los jóvenes.

Duque

¡Un momento! El que yo esté efectivamente en el umbral²⁹ de la vejez no te da derecho a suponer que he perdido la noción de las cosas.

Raúl

Cuando a un hombre le arrastra la pasión...



ESCENA 3³⁰



Duque

Le presento mis respetos³¹, señorita.

Rosario

¡Uy, qué amable! Pero siéntese, siéntese.

Duque

Gracias. Usted debe saber... eh... soy el padre de Raúl.

Rosario

Y podría pasar por su hermano mayor³². Bueno... y no tan mayor³³...

Duque

Hm.

Rosario

¿No le importa que me cambie? Es que ahora tengo el número de los babilonios...

Duque

Desde luego³⁴... ¡Ejem! Verá usted³⁵... mi hijo le ha regalado unos pendientes de brillantes.

Rosario

Es tan gentil, delicado y perfecto³⁶...

Duque

El descarriado³⁷... Mi hijo, gentil y delicadamente, le ha robado esos pendientes a su madre.

Rosario

¿Los robó? ¿Le importaría ayudarme? ¡Oh, estos cordones³⁸!

Duque

Vengo a recuperarlos. Naturalmente, usted recibirá una justa compensación³⁹.

Rosario

¿Ah, sí?

Duque

Me permito la libertad de ofrecerle esta suma.

Rosario

¡Este Raúl, qué chiquillada⁴⁰! Para mí estos pendientes sólo tenían un valor sentimental. Son suyos.

Duque

¡No, no! Ésos no.

Rosario

¿Ah, no? ¡Qué tonta⁴¹! Yo creí que...

Duque

Sí, sí, ésos son.

Rosario

Estoy tan afectada⁴²...

ESCENA 4⁴³



Duque

¡Lupe, he roto con el mundo! ¡Te ofrezco mi vida!

Lupe

¿Ah, sí?

Duque

No eres la aventura de una noche. Viviré contigo. Quedaremos al margen del mundo y de la sociedad. Porque, ¿para qué más mundo que nuestro amor⁴⁴? Aquí me tienes, ¡para siempre!

Lupe

Amadeo... Es usted bueno, simpático, generoso, amable. ¡Pero todo eso que me ha dicho es una solemne tontería⁴⁵!

Duque

¿Qué?



Los saludos entre conocidos, en los años veinte, son muy ceremoniosos y llenos de cortesía.

medís, miden).

25. *Cuando tú midas...*: a subordinada temporal futura introducida por *cuando* exige o modo subjuntivo e não o futuro do indicativo, como em português.

26. *Arrastrar* significa literalmen-

te em português "arrastar", e no sentido figurado corresponde a "atrair, envolver".

27. *Pedir*, que neste contexto equivale a *rogar* e significa pedir alguma coisa que constitui um favor para quem faz o pedido, é se-

guido pelo verbo no modo subjuntivo, adequado ao caráter de pedido.

28. *Cumplido*, participio passado de *cumplir*, "completar, cumprir": aqui poderia-se considerar subentendida a expressão *una vez* e traduzir por "uma vez completados os quarenta anos".

29. *En el umbral de la vejez*, "às portas da velhice".

30. O duque de Arroca vai ao teatro onde Rosario trabalha, a fim de recuperar os brincos que o filho, impulsivamente, lhe deu de presente. Rosario, atraída pela recompensa em dinheiro oferecida pelo duque em troca dos brincos, os devolve a ele.

31. *Respeto* equivale a "respeito, obediência".

32. *Mayor*, adjetivo qualificativo comparativo de *grande*, é variável em número mas não em gênero; aqui tem valor de substantivo: "o maior", "o irmão mais velho".

33. *No tan mayor...*, "não tão velho..." (como poderia).

34. *Desde luego*, "sem dúvida".

35. *Verá usted*, expressão com a qual se introduz o anúncio de algo que se considera destinado a acontecer: usa-se também para esquivar-se de uma resposta imediata.

36. *Perfecto* pode ser traduzido neste caso por "perfeito" (um *perfecto caballero* é um "perfeito cavalheiro").

37. *Descarriado*, participio pas-

sado do verbo *descarriar* que, resultante da junção dos verbos *descarrear* e *desviar*, significa em português "desviar, afastar do justo e razoável".

38. *Cordón*, "cordão". Rosario está se trocando para uma outra cena e pede ao duque para ajudá-la a amarrar o vestido.

39. *Compensación*, "compensação, recompensa".

40. *Chiquillada*, termo derivado do substantivo *chiquillo* que significa "menino, garoto"; pode-se traduzir por "criancice".

41. *Tonto*, "tonto, idiota, bobo".

42. *Afectado*, participio passado de *afectar*, "afetar", que quer dizer "incomodar, afligir".

43. Passaram-se dez anos e estamos agora em 1926. Lupe, também atriz de teatro de revista como Rosario, alterna o teatro com os estudos universitários e com a atividade de governanta dos netos do duque. Este, apaixonando-se, propõe-lhe fugir com ele, mas a garota recusa, preferindo terminar os estudos de química e então procurar um trabalho mais digno.

44. *¿Para qué más mundo que nuestro amor?*, expressão com a qual o duque exprime o seu amor por Lupe e o desejo de que ela abandone tudo para segui-lo. Poderíamos traduzir por: "O que é todo o resto (do mundo), se nós nos amamos?"

45. *Tontería*, "bobagem, besteira".



Lupe
El mundo, la sociedad, el amor... ¿Qué tiene que ver⁴⁶ una cosa con otra?

Duque
Yo te quiero, Lupe.

Lupe
¿Y yo?

Duque
Eso, ¿y tú?

Lupe
Ese mundo del que usted me habla está cambiando debajo de nuestro pies. La mujer ya no es un objeto que se adquiere. Yo le quiero, Amadeo, pero no estoy enamorada de usted.

Duque
Estás muy sola, Lupe.

Lupe
Yo decido mi vida. Algún día⁴⁷ me enamoraré.

Duque
Pero en ese ambiente en que vives...

Lupe
Seré licenciada⁴⁸ en químicas.

Duque
¡Nunca parecerás una química!

Lupe
Tengo dos propuestas para cuando acabe⁴⁹ la carrera.

Duque
¡Tienes dos piernas⁵⁰! Porque te habrán mirado las piernas, ¿no?

Lupe
Son dos fabricantes de productos químicos.

Duque
Psé⁵¹. Son dos hombres.

Lupe
¡Todos no son iguales!

Duque
Lo son.

Lupe
Yo soy mucho más optimista. Estamos en 1926. Adiós, Amadeo. Y de todos modos⁵², gracias.

Duque
¡Ah, se me olvidaba! Te traigo un regalo. Te ruego que lo aceptes como química⁵³. Un homenaje a la ciencia.

Lupe
¡Son preciosos! Los pendientes de don Amadeo de Saboya, ¿verdad? ¡Ah! He oído hablar mucho de ellos. Son de otro mundo, Amadeo. Tan antiguos...



Arriba: Lupe Cardoso tiene un gran éxito en la revista en la que actúa.

Abajo: A pesar de sus éxitos en el teatro de variedades, Lupe Cardoso está decidida a terminar sus estudios universitarios y triunfar en el mundo de la ciencia.



46. ¿Qué tiene que ver una cosa con otra?, "O que tem a ver uma coisa com a outra?".

47. Algún día, "algum dia". Algún é a forma apocopada de alguno.

48. Licenciarse, além de significar "dar licença ou permissão a alguém", significa também "formar-se, tirar o diploma".

49. Cuando nas subordinadas temporais futuras exige o subjuntivo (ver nota 25).

50. Pierna, "perna". O duque quer dizer que as verdadeiras "ofertas" de trabalho para Lupe são as pernas com as quais dança.

51. Psé, som com o qual se exprime desprezo, indiferença e às vezes também reserva em relação a alguma coisa ou alguém.

52. Y de todos modos, "e em todo caso, e de qualquer modo".

53. Química é "química"; aqui o duque subentende "formada em química".



La preparación de un plan de cobro de los pagos atrasados

Ouçá na fita cassette a conversa entre o diretor de uma empresa, o diretor comercial e o responsável pelo escritório de contabilidade, reunidos para estudar um sistema de controle dos atrasos nos pagamentos.

Escuche

El director Para la reunión de hoy he convocado al director comercial para establecer un plan de control de los pagos atrasados. Sin mayor dilación¹ voy a pasarle la palabra para que les comente los documentos que ha preparado y que se les acaban de distribuir.

El director comercial Como ha dicho el señor director, tienen a su disposición un informe sobre los clientes en España y otro sobre los clientes en el extranjero². Los clientes españoles se han clasificado³ según el agente comercial, y los extranjeros por países. Hemos preparado también una lista de acreedores clasificados en función de la antigüedad de la deuda: menos de 30 días, menos de 60 días, menos de 90 días y más de 90 días.

El director Sr. Delgado, creo que es imprescindible que empecemos⁴ desde ahora a asignar responsabilidades para evitar los retrasos en los pagos.

El director comercial La estrategia que proponemos es la siguiente: en España, la sección de contabilidad se hace cargo de los clientes hasta los 30 días. Pasado este tiempo, la sección comercial se ocupa de ellos. Si a los 90 días no se ha efectuado el pago, el expediente del cliente acreedor se devuelve a contabilidad que lleva el caso a los tribunales o lo pasa a una empresa especializada en el cobro de morosos.

El director Veo un problema en lo que respecta⁵ a los clientes extranjeros, y es que en la sección de contabilidad no tiene usted a nadie que hable ni inglés ni alemán.

El jefe de contabilidad Con los clientes alemanes no hay problema, puesto que nosotros facturamos directamente a la filial en Alemania y ellos mismos se ocupan de los pagos de los clientes. Podemos encargarnos también sin dificultades de los clientes de lengua francesa. En cambio, el control de los pagos de los clientes de habla inglesa debería confiarse a la sección comercial.

Español para especialistas

El director comercial Por mi parte no veo ningún inconveniente en hacerlo.

El director En mi opinión, sería conveniente que nos precisara el costo de una deuda de un millón de pesetas durante un mes y también los planes concretos para llevar a cabo el control de la eficacia de las gestiones con los acreedores.

El director comercial Bien; simplificando la cuestión puede decirse que una deuda de un millón de pesetas durante un mes, teniendo en cuenta nuestro volumen de negocios, nos cuesta 100.000 pesetas. Esto le dará una idea de la importancia del plan que vamos a lanzar. Por otra parte, para comprobar y llevar a cabo un seguimiento del programa utilizaremos como índice el número de pagos no efectuados respecto al volumen total de negocios cada tres meses.

El director Ya comprendo. ¿Tienen alguna pregunta más? Espero que al estudiar la documentación puedan aportar algunas modificaciones de detalle. De todos modos, tómense tiempo porque no empezaremos a poner en marcha el sistema hasta fin de mes.

Responda às seguintes perguntas:

1. ¿Qué documentos ha preparado el director comercial?
2. ¿Quién se encarga de los clientes españoles?
3. ¿Quién se encargará de los clientes ingleses?
4. ¿Cuánto cuesta una deuda de un millón de pesetas durante un mes?



1. "Sem mais demora, sem acrescentar mais nada".
2. "No exterior". O termo *extranjero*, quando é substantivo, significa "exterior"; quando é adjetivo, significa "estrangeiro".
3. A língua espanhola prefere usar a construção ativa do que a passiva; em português diríamos: "os clientes espanhóis foram classificados...".
4. A oração dependente de um verbo de necessidade (*es útil, es necesario, es bueno* etc.) requer o verbo no modo subjuntivo.
5. *En lo que respecta* significa "no que diz respeito a, no que se refere a".
6. *Poner en marcha* significa "pôr em movimento, colocar em funcionamento".

La lengua

O espanhol coloquial tem adotado do francês expressões que têm a intenção de pôr em evidência especialmente o sujeito e o complemento objeto de uma frase. Por exemplo, frases como:

Juan llegó tarde.
 Pidió un café con leche para desayunar.

podem ser enfatizadas, sem alteração do sentido, passando para:

Juan *es el que* llegó tarde.
Un café con leche *es lo que* pidió para desayunar.

Tais frases, sempre seguindo o modelo do francês, correspondem em português a:

“Foi o João que chegou tarde”.
“Um café com leite foi o que pediu para o desjejum”.

Trata-se de modos de expressão condenados pelos puristas, mas nem por isso menos usados. O espanhol, porém, vai além, em expressões como as seguintes:

A María *es a quien* Juan escribió esta carta.
El lunes *es cuando* Juan salió de vacaciones.
A Marbella *es a donde* Juan irá de vacaciones.
En coche *es como* Juan irá a Marbella.

nas quais se pretende ressaltar com particular ênfase não só o sujeito e o objeto da frase, mas também os complementos (respectivamente) verbais, de tempo, de lugar e de modo. Em tais casos uma tradução literal em português não é possível. Diria-se, no máximo:

Maria *é a pessoa para a qual* João escreveu esta carta.
Segunda-feira *é o dia no qual* João partiu em férias.
Marbella *é o lugar para onde* João irá em férias.
O carro *é o meio com o qual* João irá a Marbella.

Ejercicios

A Transforme as frases como no exemplo.

Ustedes tienen que controlar *los pagos de los clientes*.
Los pagos de los clientes *es lo que* ustedes tienen que controlar.

1. *La secretaria* tiene que telefonar a la agencia.
2. Tienen que recuperar ustedes *los créditos pendientes de pago*.
3. Les entregaré *mañana* la lista de las principales deudas insolutas.
4. Tienes que resolver este problema *con mucha delicadeza*.
5. Tienes que informarte *en la delegación de Hacienda*.
6. Hay que reducir al máximo *los retrasos en los pagos*.

B Complete o seguinte diálogo, que se desenrola entre dois empregados.

- ¿ ?
— La activación del cobro de los pagos retrasados.
- ¿ ?
— El director y el director comercial.
- ¿ ?
— Se han distribuido las responsabilidades para reducir al máximo los retrasos en los pagos.
- ¿ ?
— Seguramente porque sale demasiado caro. No les mandan los expedientes hasta pasados 90 días de retraso.

Español para especialistas

Vocabulario

acreedor (s.m.)	credor
asignar (v.tr.)	assinalar, atribuir
atrasado (adj.)	atrasado
cobro (s.m.)	cobrança
deuda (s.f.) insoluta	dívida insolúvel
devolver (v.tr.)	devolver, restituir
establecer (v.tr.)	estabelecer
expediente (s.m.)	expediente
habla (s.f.)	língua, idioma
informe (s.m.)	informe, relação
lanzar (v.tr.)	lançar, jogar
pago (s.m.)	pagamento



Respostas dos exercícios

Escuche

1. El director comercial ha preparado una lista de clientes españoles y una lista de clientes extranjeros. Los clientes españoles se clasifican según el agente comercial y los extranjeros según el país. Ha preparado también una lista de acreedores en función de la antigüedad de la deuda.
2. En el caso de los clientes españoles, la sección de contabilidad se hace cargo de los clientes hasta los 30 días. Pasado este período, la sección comercial se ocupa de ellos. Si a los 90 días no se ha efectuado el pago, el expediente del cliente acreedor se devuelve a contabilidad que lleva el caso a los tribunales o lo pasa a una empresa especializada en el cobro de morosos.
3. En el caso de los clientes ingleses se ocupará de ellos el servicio comercial.
4. Una deuda de un millón de pesetas durante un mes cuesta 100 000 pesetas.

Ejercicios

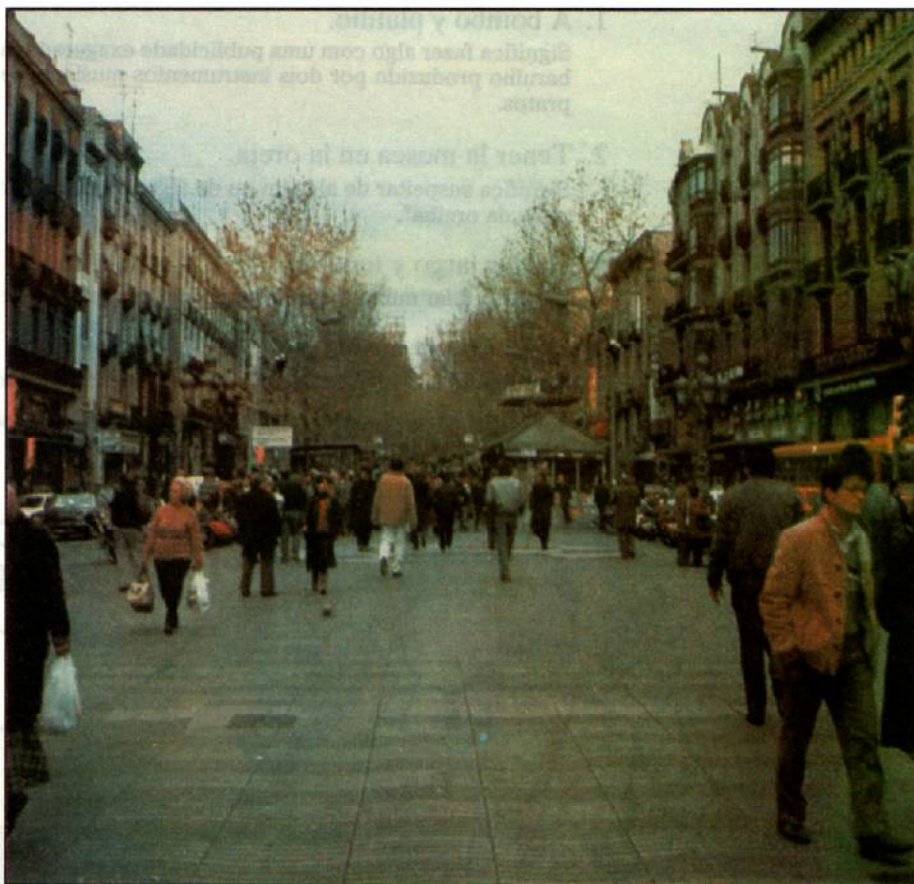
- A**
1. La secretaria es quien tiene que telefonar a la agencia.
 2. Los créditos pendientes de pago es lo que tienen que recuperar ustedes.
 3. Mañana es cuando les entregaré la lista de las principales deudas insolutas.
 4. Con mucha delicadeza es como tienes que resolver este problema.
 5. En la delegación de Hacienda es donde tienes que informarte.
 6. Los retrasos en los pagos es lo que hay que reducir al máximo.
- B**
- ¿Cuál era el tema de la reunión?
 - La activación del cobro de los pagos retrasados.
 - ¿Quién la había convocado?
 - El director y el director comercial.
 - ¿Y cuál ha sido el resultado?
 - Se han distribuido las responsabilidades para reducir al máximo los retrasos en los pagos.
 - ¿Por qué no se encarga de esto la sección de cobros a morosos por apremio?
 - Seguramente porque sale demasiado caro. No les mandan los expedientes hasta pasados 90 días de retraso.

C/UNIDAD

20

EN VIVO

Ouça na fita cassete a leitura das seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.



a = *lengua coloquial y de argot*
 b = *lengua estándar*



1. a) Estoy que no me agunto¹. ¿Y tú? 
- b) Estoy muy cansada. ¿Y tú?
2. a) ¡Estoy hasta las narices² de estos monos³!
- b) ¡Ya estoy harto de los críos!
3. a) Se tiran⁴ el día berreando⁵.
- b) No paran de llorar.
4. a) Mételes en la cama⁶ de una vez.
- b) Pues acuéstalos. 

1. *Aguantarse* literalmente significa "não responder, não reagir mal a um insulto; suportar um aborrecimento sem protestar". Equivale a *estoy harta*, "não agüento mais", e no contexto refere-se a "não suportar mais o cansaço".
2. *Estar hasta las narices* equivale a *estar hasta la coronilla*, *estar harto*, *estar hasta el sombrero*. Corresponde em português a "estou cheia", "estou até as tampas".
3. *Mono* literalmente significa "macaco"; na linguagem familiar é sinónimo de "criança de peito, garoto, novato".
4. *Tirarse* é sinónimo de *pasarse*. Em gíria significa "passar o tempo fazendo determinada coisa".
5. *Berrear* é o "mugir" dos vitelos e o "barir" dos elefantes; por extensão é também o gritar ou chorar incessante das crianças e, por hipérbole, é também aplicado à ação de cantar de modo desafinado.
6. *Meter en la cama* corresponde a "pôr na cama".

Modos de decir

1. A bombo y platillo.

Significa fazer algo com uma publicidade exagerada. A expressão refere-se ao grande barulho produzido por dois instrumentos musicais de uma orquestra: o bumbo e os pratos.

2. Tener la mosca en la oreja.

Significa suspeitar de alguém ou de alguma coisa. Corresponde a “estar com a pulga atrás da orelha”.

3. Hablar largo y tendido.

Significa falar muito e com abundância de detalhes de um determinado fato.

4. Pagar con la misma moneda.

Tem significado idêntico ao português: “pagar com a mesma moeda”.



D/UNIDAD

20

EL USO DE LA LENGUA

Ejercicio Uno

Complete as seguintes frases com um adjetivo, pronome ou advérbio de negação escolhido entre: *ninguno, nadie, nada, nunca, jamás, no, alguno*¹.

Exemplo:

Yo no he encontrado a ... amigo en el teatro.

Yo no he encontrado a ningún amigo en el teatro.

1. ... de ellos ha aceptado esta propuesta.
2. Isabel ... tiene paciencia ... con los niños.
3. ... compañero quisiera estar en tu lugar.
4. ¿Por qué te preocupas por ... ? ... te da prisas.
5. ... sabía que estas actividades eran gratuitas para todos los alumnos del curso.
6. ... he oído nada parecido. ... lo he oído ...
7. ¿Encuentra usted ... diferencia entre este mercado y el de su barrio? ..., ...
8. La empresa está muy sorprendida de ... tener noticia ... del candidato a estas alturas del año.
9. ... ha ido a la estación a recogerle.
10. ¿Me ha llamado alguien? ..., ... te ha llamado ...

1. Em espanhol o modo mais comum de exprimir a negação consiste em aplicar o advérbio *no* ao elemento da frase que se quer negar (exemplo: *Juan no vive en Roma; Juan vive no en Roma, sino en París*).

É frequente a aplicação do *no* e *sin*: a junção destes dois elementos confere à frase um significado afirmativo (exemplo: *Lo dijo no sin miedo = Lo dijo con miedo*). Quando para negar é usada qualquer expressão diferente de *no*, se esta expressão é colocada depois do verbo, é também necessário colocar *no* diante do verbo correspondente; se a negação é, ao contrário, colocada na frente do verbo, não necessita da negação *no* (exemplo: *No veo nada*

(*ni gota, ni pizca*) *que me interese = Nada veo que me interese*).

A negação em frase imperativa requer o verbo no subjuntivo (exemplo: *No vengas mañana*). As ordens negativas expressas de modo impessoal podem ser feitas com o verbo no infinitivo (exemplo: *No fumar en clase*).

Quando em português se usa o advérbio "somente" ou "só", em espanhol a frase torna-se negativa e se traduz por *no* + verbo + *más que* (exemplos: *No tiene más que dos hermanos* = "tem só dois irmãos"; *No fuma más que cigarrillos españoles* = "fuma somente cigarros espanhóis"). "Nenhum" seguido por um pronome pessoal geralmente se traduz por *ninguno* de ou, em tom mais for-

mal, *ninguno* entre (exemplo: *Ninguno de (entre) nosotros lo ha dicho*).

Às vezes os adjetivos ou pronomes *ninguno, ninguna* etc. são substituídos por *ni un (o), ni una* etc., que conferem à expressão um caráter mais decisivo (exemplo: *No ha leído ni un libro; Ni una de estas películas ha sido rodada en España*).

O adjetivo espanhol *nulo* significa *sin valor* quando se refere a documentos (exemplos: *un testamento nulo, una orden nula*). Quando se refere a pessoas, o adjetivo *nulo* significa *inepto, incapaz* ou *muy poco inteligente o adecuado para determinados trabajos* (exemplo: *Ese chico es nulo para el estudio*).



Ex.

El uso de la lengua

Ejercicio Dos

Coloque as seguintes frases na forma negativa, mudando, se necessário, algumas palavras.

Exemplo:

Todo el mundo habla de ello.

Nadie habla de ello.

1. Vamos a la playa a menudo.
2. Algunas veces les he encontrado en el ascensor.
3. Vamos a llamar a algunos amigos.
4. Ya han terminado las obras.
5. Siempre tomamos café después de comer.
6. Vas a verle a menudo.
7. El portero de la escalera lo sabe todo.
8. Le gusta mucho el jamón serrano.
9. El tendero lo ha vendido todo.



Ejercicio Tres

Encontre pelo menos dois sinônimos para cada um dos seguintes substantivos.

Exemplo:

hogar

casa, residencia, domicílio

- | | |
|---------------|-----------------|
| 1. paseo | 5. orgullo |
| 2. pánico | 6. preocupación |
| 3. muerte | 7. placer |
| 4. sacrificio | 8. movimiento |

Ejercicio Cuatro

Transforme as seguintes frases como nos exemplos².

Exemplos:

Sólo me iría a Brasil en barco.

No iría a Brasil más que en barco.

Nada más se ven montañas.

No se ven más que montañas.

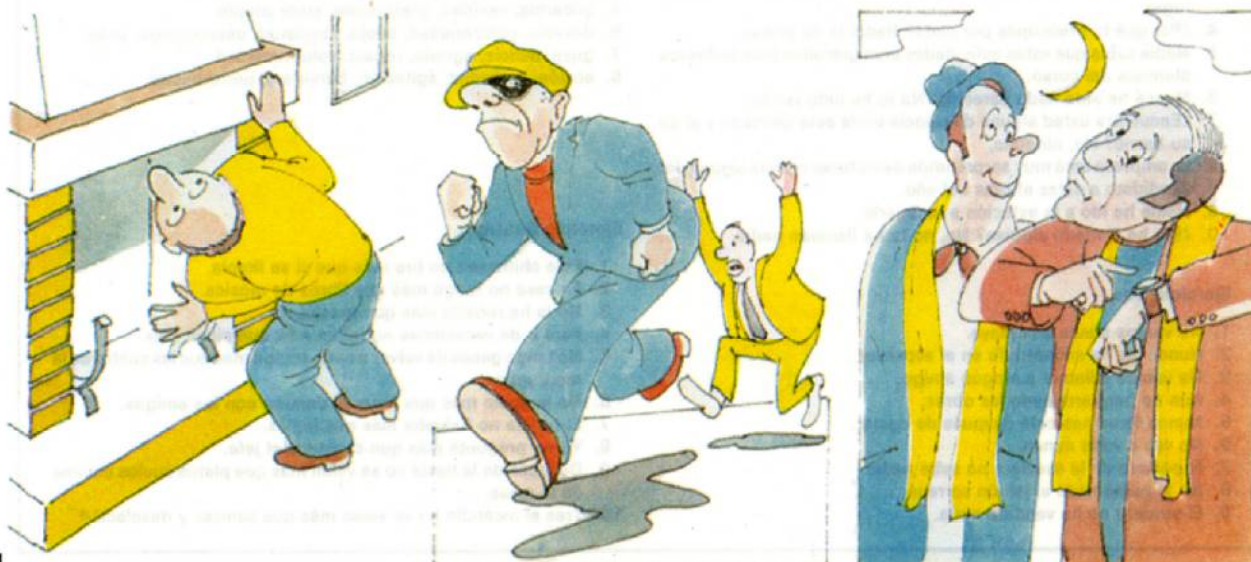
1. Esta chimenea sólo tira si se limpia.
2. En casa sólo tengo libros de música.
3. Nada más le ha robado el reloj.
4. Para ir de vacaciones sólo faltan cinco días.
5. No tengo ganas de volver a casa, sólo son las cuatro de la madrugada.
6. Nada más le gusta jugar al dominó con los amigos.
7. El turista nada más hablaba inglés.
8. Yo nada más pregunté si estaba el jefe.
9. Después de la fiesta sólo se veían platos sucios encima de la mesa.
10. Tras el incendio nada más se veían cenizas y desolación.

2. O advérbio *sólo* é uma contração de *solamente* e tem o mesmo significado dos advérbios *únicamente* e *exclusivamente*, mais formais, que conferem à frase um carácter restritivo. Pode ser substituído por *nada más* (exemplos: *Juan sólo lee novelas de ciencia ficción* = *Juan nada más lee novelas de ciencia ficción*; *Juan sólo estudia* = *Juan nada*

más estudia; *María sólo va al cine los sábados* = *María nada más va al cine los sábados*).

Este carácter restritivo da frase é posto em destaque pela colocação do advérbio na frente ou imediatamente depois do verbo. O mesmo efeito restritivo pode ser também obtido com a construção *no + verbo + más que* ou

sino (exemplos: *Juan no lee más que (sino) novelas de ciencia ficción*; *Juan no hace más que (sino) estudiar*; *María no va al cine más que (sino) los sábados*). Em português, a expressão correspondente é "não" + verbo + "nada além de" (exemplo: "João não lê nada além de contos de ficção científica").



El uso de la lengua

Vocabulario

a estas alturas (<i>expr. adv.</i>)	a esta altura, a este ponto
a menudo (<i>adv.</i>)	frequentemente
barco (<i>s.m.</i>)	barco
barrio (<i>s.m.</i>)	bairro
ceniza (<i>s.f.</i>)	cinza
chimenea (<i>s.f.</i>)	chaminé
darse prisa (<i>expr.</i>)	apressar-se
estación (<i>s.f.</i>)	estação
faltar (<i>v.tr.</i>)	faltar
jamón (<i>s.m.</i>) serrano	presunto cru
lugar (<i>s.m.</i>)	lugar
madrugada (<i>s.f.</i>)	madrugada
obras (<i>s.f.</i>)	obras
playa (<i>s.f.</i>)	praia
propuesta (<i>s.f.</i>)	proposta
reloj (<i>s.m.</i>)	relógio
tendero (<i>s.m.</i>)	quitandeiro
tener ganas (<i>expr.</i>)	ter vontade



Respostas dos exercícios

Ejercicio Uno

1. Ninguno de ellos ha aceptado esta propuesta.
2. Isabel no tiene paciencia alguna (ninguna paciencia) con los niños.
3. Ningún compañero (compañero alguno) quisiera estar en tu lugar.
4. ¿Por qué te preocupas por nada? Nadie te da prisas.
5. Nadie sabía que estas actividades eran gratuitas para todos los alumnos del curso.
6. Nunca he oído nada parecido. No lo he oído jamás.
7. ¿Encuentra usted alguna diferencia entre este mercado y el de su barrio? No, ninguna.
8. La empresa está muy sorprendida de no tener noticia alguna del candidato a estas alturas del año.
9. Nadie ha ido a la estación a recogerle.
10. ¿Me ha llamado alguien? No, no te ha llamado nadie.

Ejercicio Dos

1. No vamos nunca a la playa.
2. Nunca les he encontrado en el ascensor.
3. No vamos a llamar a ningún amigo.
4. Aún no han terminado las obras.
5. Nunca tomamos café después de comer.
6. No vas a verle nunca.
7. El portero de la escalera no sabe nada.
8. No le gusta nada el jamón serrano.
9. El tendero no ha vendido nada.

Ejercicio Tres

1. caminata, excursión, vuelta
2. miedo, temor, terror, horror, espanto, pavor
3. defunción, expiración, finamiento, óbito, extinción
4. dedicación, abnegación, holocausto, ofrenda, inmolación
5. soberbia, vanidad, presunción, amor propio
6. desvelo, contrariedad, enojo, inquietud, desasogiego, ansia
7. gozo, delicia, agrado, regalo, voluptuosidad
8. acción, actividad, agitación, hervidero, perturbación

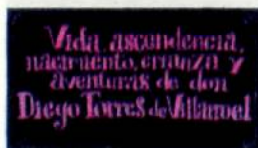
Ejercicio Cuatro

1. Esta chimenea no tira más que si se limpia.
2. En casa no tengo más que libros de música.
3. No le ha robado más que el reloj.
4. Para ir de vacaciones no faltan más que cinco días.
5. No tengo ganas de volver a casa, no son más que las cuatro de la madrugada.
6. No le gusta más que jugar al dominó con los amigos.
7. El turista no hablaba más que inglés.
8. Yo no pregunté más que si estaba el jefe.
9. Después de la fiesta no se veían más que platos sucios encima de la mesa.
10. Tras el incendio no se veían más que cenizas y desolación

Vida, ascendencia, nacimiento, crianza y aventuras de don Diego Torres de Villarroel

Diego Torres de Villarroel (1693-1770) é o último representante do romance picaresco e o mais conhecido expoente da narrativa espanhola do século XVIII. A *Vida, ascendência, nascimento, educação e aventuras do doutor dom Diego Torres de Villarroel* é a crônica da sua vida movimentada e pitoresca. No seu estilo está evidente a influência de Quevedo, embora na sua obra prevaleçam sempre o bom humor, a despreocupação e a sinceridade. A *Vida* é um documento histórico inestimável sobre a sociedade madrilense da primeira metade do século XVIII, no qual se fundem o espírito crítico que devia caracterizar os iluministas e a superstição própria do barroco. O próprio percurso biográfico de Torres, que foi eremita, charlatão, professor de dança, soldado, toureiro, astrólogo, catedrático de matemática em Salamanca e sacerdote, reflete a oscilação entre o barroco e o iluminismo. Escreveu também os *Sonhos morais* (1727-1751) e uma série de *Almanaques* nos quais, com o pseudônimo de "o grande pescador de Salamanca", faz previsões em versos sobre acontecimentos futuros.





TROZO TERCERO DE LA VIDA E HISTORIA
DE
DON DIEGO TORRES

EMPIEZA DESDE LOS VEINTE AÑOS, POCO MÁS O MENOS,
HASTA LOS TREINTA, SOBRE MESES MENOS O MÁS

Por desarmar de las maldiciones, de los apodos y las cuchufletas con que han acostumbrado morder los satíricos de estos tiempos a cuantos ponen alguna obra en público; por encubrir con un desprecio fingido y negociante mi entonada soberbia; por burlarme sin escrúpulo y con sosiego descansado de la enemistad de algunos envidiosos carcomidos; y por reirme, finalmente, de mí propio y de los que regañan por lo que no les toca ni les tañe, puse en mi cuerpo y en mi espíritu las horribles tachas y ridículas deformidades que se pueden notar en varios trozos de mis vulgarísimos impresos. Muchas torpezas y monstruosidades están dichas con verdad, especialmente las que he declarado para manifestar el genio de mis humores y potencias; pero las corcovas, los chichones, tiznes, mugres y lagañas que he plantado en mi figura, las más son sobrepuestas y mentirosas, porque me ha dado la piedad de Dios una estatura algo más que mediana, una humanidad razonable y una carne sólida, magra, enjuta, colorada y extendida con igualdad y proporción, la que podía haber mantenido fresca más veranos que los que espero vivir, si no la hubieran corrompido los pestilentes aires de mis locuras y malas costumbres. Pues para que sea verdad cuanto se vea en esta historia (que hoy tiene tantos testigos como vivientes), pondré en este pedazo de mi Vida la verdadera facha, antes de proseguir con las revelaciones de mis sucesos, acasos y aventuras. Pintaréme como aparezco hoy, para que el que lea rebaje, añada y discurra cómo estaría a los veinte años de mi edad. Yo tengo dos varas y siete dedos de persona; los miembros que la abultan y componen tienen una simetría sin reprehensión; la piel del rostro está llena, aunque ya me van asomando hacia los lagrimales de los ojos algunas patas de gallo; no hay en él colorido enfadoso, pecas ni otros manchones desmayados. El cabello (a pesar de mis cuarenta y seis años) todavía es rubio; alguna cana suele salir a acusarme lo viejo, pero yo las procuro echar fuera. Los ojos son azules, pequeños y retirados hacia el colodrillo. Las cejas y la barba, bien rebutidas de un pelambre alazán, algo más pajizo que el bermejo de la cabeza. La nariz es el solecismo más reprehensible que tengo en mi rostro, porque es muy caudalosa y abierta de faldones: remata sobre la mandíbula superior en figura de coraza, apagahumos de iglesia, rabadilla de pavo o cubilete de titiritero; pero, gracias a Dios, no tiene trompicones ni caballete, ni otras señales farisaicas. Los labios, frescos, sin humedad exterior, partidos sin miseria y rasgados con rectitud. Los dientes, cabales, bien cultivados, estrechamente unidos y libres del sarro, el escorbuto y otros asquerosos pegotes. El pie, la pierna y la mano son correspondientes a la magnitud de mi cuerpo; éste se va ya torciendo hacia la tierra, y ha empezado a descubrir un semicírculo a los costillares, que los maldicientes llaman corcova. Soy,

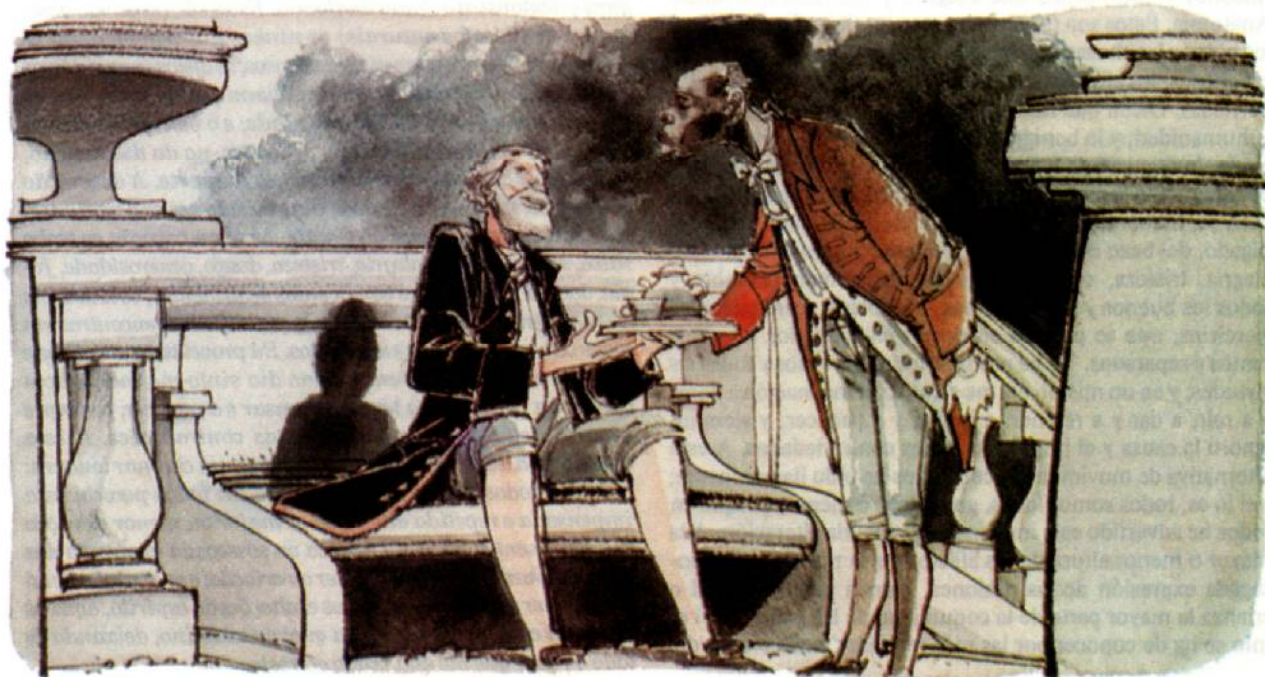
TERCEIRA PARTE DA VIDA E HISTÓRIA DE
DOM DIEGO TORRES

DOS VINTE ANOS, MAIS OU MENOS, ATÉ OS TRINTA, MAIS
MESES MENOS MESES

Para desarmar das maldições, das alcunhas e das zombarias com que estão acostumados a atacar os satiristas destes tempos aqueles que divulgam alguma obra em público; para encobrir com desprezo fictício e astuto minha grande soberba; para burlar-me sem escrúpulo e com sossego da inimizade de alguns invejosos carcomidos; e para rir-me, por fim, de mim mesmo e dos que repreendem o que não os afeta nem tange, atribuí ao meu corpo e espírito as horríveis manchas e ridículas deformidades que se podem notar em várias partes dos meus vulgaríssimos impressos. Muitas torpezas e monstruosidades estão ditas com verdade, em especial as que declarei para manifestar a índole dos meus humores e virtudes; porém as corcundas, os galos na cabeça, o tísne, imundícies e remelas que coloquei na minha pessoa são na maioria sobrepostas e mentirosas, porque a piedade de Deus me deu uma estatura pouco mais que mediana, uma aparência razoável e uma carne sólida, magra, enxuta, rosada e posta com regularidade e proporção, que eu poderia ter conservado fresca por mais verões do que os que espero viver, se não a tivessem corrompido os ares pestilentos de minhas loucuras e maus costumes. Pois para que seja verdade o que se vê nesta história (que tem hoje tantas testemunhas quantos são os vivos), descreverei neste pedaço da minha Vida o verdadeiro aspecto, antes de seguir com as revelações de meus sucessos, casos e aventuras. Pintar-me-ei como pareço hoje, para que quem leia desconte, acrescente e intua como eu era aos meus vinte anos. Eu tenho duas varas e sete dedos de pessoa; os membros que a compõem e avultam têm uma simetria sem repreensão; a pele do rosto está cheia, ainda que já me apareçam ao redor dos olhos alguns pés de galinha; não tem uma coloração enfadonha, nem sardas ou outras manchas desbotadas. O cabelo (apesar dos meus quarenta e seis anos) ainda é loiro; alguns cabelos brancos começam a aparecer para mostrar-me velho, mas procuro arrancá-los. Os olhos são azuis, pequenos e puxados em direção às têmporas. As sobrancelhas e a barba, bem cheias de um pelame avermelhado, um pouco mais cor de palha do que o vermelho da cabeça. O nariz é a parte mais repreensível que tenho no rosto, porque é muito grande e com as narinas abertas: termina sobre a mandíbula superior em forma de caruncho, apaga-velas de igreja, cauda de pavão ou covilheite de titeriteiro; porém, graças a Deus, não tem obstáculos nem protuberâncias, nem outros sinais farisaicos. Os lábios, frescos, sem umidade exterior, divididos sem mesquinha e traçados com exatidão. Os dentes, perfeitos, bem cuidados, estreitamente unidos e livres de tártaro, escorbuto e outras coisas asquerosas. O pé, a perna e a mão são correspondentes ao tamanho do meu corpo; este já está curvando-se para o chão, e começou a formar um semicírculo sobre as costelas, que os maledicentes chamam de corcunda. Sou, por inteiro, um

todo junto, un hombrón alto, picante en seco, blanco, rubio, con más catadura de alemán que de castellano o extremeño. Para los bien hablados, soy bien parecido; pero los marcadores de estaturas dicen que soy largo con demasía, algo tartamudo de movimientos y un si es no es derrengado de portante. Mirado a distancia, parezco melancólico de fisonomía, aturdido de facciones y triste de guiñaduras; pero, examinado en la conversación, soy generalmente risueño, humilde y afectuoso con los superiores, agradable y entretenido con los inferiores, y un poco libre y desvergonzado con los iguales. El vestido (que es parte esencialísima para la similitud de los retratos) es negro y medianamente costoso, de manera que ni pica en la profanidad escandalosa, ni se mete en la estrechez de la hipocresía puerca y refinada. El paño primero de Segovia, alguna añadidura de tafetán en el verano y terciopelo en el invierno, han sido las frecuentes telas con que he arropado mi desvaído corpachón. El corte de mi ropa es el que introduce la novedad, el que abraza el uso y antojo de las gentes, y, lo más cierto, el que quiere el sastre. Guardo en la figura de abate romano la ley de la reforma clerical, menos en los actos de mis escuelas, que allí me aparezco, con los demás catones, envainado en el bonete y la sotana, que son los apatuscos de doctor, las añadiduras de la ciencia y la cobertera de la ignorancia. A diligencias de los criados voy limpio por de fuera, y, con los melindres de mis hermanas, por de dentro; porque, a pesar de mi pereza y mi descuido, me hacen remudar el camisón todos los días. Llevo a ratos todos los cascabeles y campanillas que cuelgan de sus personas los galanes, los ricos y los aficionados a su vanidad: reloj de oro con sus borlones que van besando la ingle derecha,

homenzarrão alto, engraçado, branco, loiro, mais semelhante a um alemão do que a um castelhano ou estremenho. Para os observadores benevolentes, tenho um bom aspecto; porém os que ligam para a estatura dizem que sou alto demais, um pouco gago de movimentos e alquebrado na postura. Olhado à distância, pareço melancólico de fisionomia, aturdido de feições e triste de olhar; porém, observado durante uma conversa, sou geralmente risonho, humilde e afetuoso com os superiores, agradável e divertido com os inferiores, e um pouco livre e desavergonhado com os iguais. A roupa (é a parte essencial para a semelhança dos retratos) é preta e medianamente custosa, de maneira que nem toca na profanidade escandalosa, nem se mete na estreiteza da hipocrisia porca e refinada. O melhor tecido de Segóvia, acrescido de um pouco de tafetá no verão e veludo no inverno, têm sido os tecidos mais frequentes com os quais tenho vestido meu alto corpão. O corte da minha roupa é o que propõe a moda, o que responde aos usos e caprichos das pessoas e, naturalmente, o que quer o alfaiate. Conservo na figura do abade romano a lei da reforma clerical, menos nos atos das minhas escolas, porque ali me apresento, como os demais catões, embainhado com o barrete e a batina, que são os ornamentos dos doutores, os acréscimos postiços da ciência e a cobertura da ignorância. Graças aos cuidados dos criados estou limpo por fora e, com os melindres de minhas irmãs, por dentro; porque, apesar da minha preguiça e descuido, me fazem trocar a camisa todos os dias. Às vezes coloco todos os guizos e sinetas que enfeitam as pessoas dos elegantes, dos ricos e dos aficionados pela sua vaidade: relógio de ouro com suas borlas grandes que vão beijando a língua direita, um grande anel de diamantes, caixa de material incerto com





sortijón de diamantes, caja de irregular materia con tabaco escogido, sombrero de Inglaterra, medias de Holanda, hebillas de Flandes, y otros géneros que, por gritones y raros, publican la prolijidad, la locura, el antojo, el uso y el aseo. Mezclado entre los duques y los arcedianos, ninguno me distinguirá de ellos, ni le pasará por la imaginación que soy astrólogo ni que soy el Torres que anda en esos libros siendo la irrisión y el mojarrilla de las gentes. He sido el espanto y la incredulidad de los que buscan y desean conocer mi figura, porque los más pensaban encontrarse con un escolar monstruoso, viejo, torcido, jorobado, cubierto de cerdones, rodeado de una piel de camello, o malmetido en alguna albarda, como hábito propio de mi brutalidad. Éste soy, en Dios y en mi conciencia; y por esta copia, y la similitud que tiene mi gesto con la cara del mamarracho que se imprime en la primera hoja de mis almanaques, me entresacará el más rudo, aunque me vea entre un millón de hijos de Madrid.

El genio, el natural o este duende invisible (llámese como quisieren), por cuyas burlas, acciones y movimientos rastreamos algún poco de las almas, anda copiado con más verdad en mis papeles, ya porque cuidadosamente he declarado mis defectos, ya porque a hurtadillas de mi vigilancia se han salido, arrebuados entre las expresiones, las bachillerías y las incontinencias, muchos pensamientos y palabras que han descubierto las manías de mi propensión y los delirios de mi voluntad. Desmembrado y escasamente repartido se encuentra en algunas planas el cuerpo de mi espíritu; y para cumplir con el asunto que me he tomado, juntaré en breves párrafos algunas señas de mi interior, para que me vea todo junto el que quisiere quedar informado de lo que soy por dentro y por fuera. Tengo, como todos los hijos de Adán, hígado, bazo, corazón, tripas, hipocondrios, mesenterio y toda la caterva de rincones y escondrijos que asegura y demuestra la docta Anatomía. Éstos son (según aseguran los filósofos naturales) los nidos y las chozas donde se esconden y retiran los apetitos revoltosos, los afectos inescrutables y las pasiones altaneras y porfiadas. Dicen que habitan en estas interiores cavernas de la humanidad; y lo benigno, lo furioso, lo dócil y lo destemplado, lo arguyen de la disposición, textura, cualidad y temperamento de la parte. La pintura es galana, vistosa y posible; pero yo no sé si es verdadera. Lo cierto es que, salga del hígado, del bazo o del corazón, yo tengo ira, miedo, piedad, alegría, tristeza, codicia, largueza, furia, mansedumbre y todos los buenos y malos afectos, y loables y reprehensibles ejercicios, que se pueden encontrar en todos los hombres juntos y separados. Yo he probado todos los vicios y todas las virtudes, y en un mismo día me siento con inclinación a llorar y a reír, a dar y a retener, a holgar y a padecer, y siempre ignoro la causa y el impulso de estas contrariedades. A esta alternativa de movimientos contrarios he oído llamar locura; y si lo es, todos somos locos, grado más o menos; porque en todos he advertido esta impensada y repetida alteración. A la mayor o menor altura de los afectos y a la más furiosa o sosegada expresión de las pasiones, llaman genio, natural o crianza la mayor parte de la comunidad de las gentes; y si el mío se ha de conocer por las más repetidas exaltaciones del

tabaco escollido, chapéu da Inglaterra, meias da Holanda, fivelas de Flandres, e outros objetos que, vistosos e extravagantes, demonstram a prolixidade, a loucura, o capricho, o uso e o aseo. Misturado entre os duques e os nobres, ninguém me distinguiria deles, nem lhe passaria pela cabeça que sou astrólogo nem que sou o Torres que anda nesses livros como sendo a irrisão e o galhofeiro das pessoas. Tenho sido o espanto e a incredulidade dos que desejam conhecer a minha pessoa, porque a maioria pensava encontrar-se com um académico monstruoso, velho, curvo, corcunda, coberto de lardos, envolvido em uma pele de camelo, ou embrulhado em alguma albarda, como hábito próprio da minha brutalidade. Este sou eu, por Deus e pela minha consciência; e graças a esta cópia, e à semelhança que há entre o meu jeito e a cara de palhaço que se imprime na primeira folha dos meus almanaques, me reconhecerá mesmo a pessoa mais rude, entre um milhão de filhos de Madri.

A índole, a natural ou este duende invisível (chamem-no como quiserem), por cujas brincadeiras, ações e movimentos descobrimos um pouco das almas, é revelada com mais verdade nos meus escritos, seja porque cuidadosamente declarei meus defeitos, seja porque, fugindo da minha vigilância, saíram, amarrados entre as expressões, as loquacidades e as incontinências, muitos pensamentos e palavras que mostraram as manias da minha índole e os delírios da minha vontade. Desmembrado e mal distribuído se encontra em algumas páginas o corpo do meu espírito; e, para completar o assunto que comencei, juntarei em breves parágrafos algumas indicações sobre o meu interior, para que me veja por inteiro quem quiser ficar informado do que sou por dentro e por fora. Tenho, como todos os filhos de Adão, fígado, bazo, coração, tripas, hipocondrios, mesentério e toda a caterva de cantos e esconderijos que assegura e demonstra a douta anatomia. Estes são (segundo asseguram os filósofos naturais) os ninhos e os refúgios onde se escondem e retiram os apetites revoltosos, os afetos inescrutáveis e as paixões soberbas e obstinadas. Dizem que habitam nestas cavernas interiores da humanidade; e o benigno, o furioso, o dócil e o desequilibrado, deduzem-no da disposição, textura, qualidade e temperamento da parte. A descrição é atraente, vistosa e possível; mas eu não sei se é verdadeira. O certo é que, venha do fígado, bazo ou coração, eu tenho raiva, medo, piedade, alegria, tristeza, desejo, generosidade, fúria, docilidade e todos os bons e maus sentimentos, os louváveis e os repreensíveis estados da alma, que se podem encontrar em todos os homens juntos e separados. Eu provei todos os vícios e todas as virtudes, e em um mesmo dia sinto-me inclinado a chorar e a rir, a dar e a ter, a descansar e a padecer, e sempre ignoro a causa e o impulso destas contradições. A esta alternância de movimentos contrários ouvi chamar loucura; e, se o é, todos somos loucos; porque em todos percebi esta impensada e repetida alteração. À maior ou menor elevação dos sentimentos e à mais furiosa ou sossegada expressão das paixões, chamam índole, caráter ou criação; e se a minha se há de conhecer pelas mais repetidas exaltações do espírito, aqui as colocarei com a verdade com a qual as examino, deixando de lado o rubor que me está vindo ao rosto.

ánimo, aquí las pondré con la verdad que las examino, apartando por este breve rato el sonrojo que se va viniendo a mi semblante.

Soy regularmente apacible, de trato sosegado, humilde con los superiores, afable con los pequeños y, las más veces, desahogado con los iguales. En las conversaciones hablo poco, quedo y moderado, y nunca tuve valor para meterme a gracioso, aunque he sentido bullir en mi cabeza los equívocos, los apodos y otras sales con que sazonan los más políticos sus pláticas. Hállome felizmente gustoso entre toda especie, sexo y destino de personas; sólo me enfadan los embusteros, los presumidos y los porfiados; huyo de ellos luego que los descubro, con que paso generalmente la vida dichosamente entretenido. Tal cual resentimiento padece el ánimo en las precisas concurrencias, donde son inexcusables los pelmazos, los tontos y otras mezclas de majaderos que se tropiezan en el concurso más escogido; pero éste es mal de muchos y consuelo mío; sufro sus disparates con conformidad y tolerancia, y me vengo de sus desatinos con la pena que presumo que les darán mis desconciertos. Soy dócil y manejable en un grado vicioso y reprehensible, porque hago y concurro a cuanto me mandan, sin examinar los peligros ni las resultas infelices; pero bien lo he pagado, porque las congojas y desazones que he padecido en este mundo, no me las han dado mis émulos, mis enemigos ni la mala fortuna, sino es mi docilidad y mi franqueza. Mi dinero, mis súplicas, mi representación, tal cual es, mi casa y mis ajuares, los he franqueado a todos, sin exceptuar a mis desafectos. Lo más de mi vida, ya en los pasajes de mis aventuras, y ya en las avenidas de mis abatimientos, la he pasado comiendo a costa ajena, huésped honrado y querido en las primeras casas del reino; y, pudiendo ser rico con estos ahorros y las producciones de mis tareas, siempre andan iguales los gastos y las ganancias. He derramado entre mis amigos, parientes, enemigos y petardistas, más de cuarenta mil ducados que me han puesto en casa mis afortunados disparates. En veinte años de escritor he percibido a más de dos mil ducados cada año, y todo lo he repartido, gracias a Dios, sin tener a la hora que esto escribo más repuestos que algunos veinte doblones que guardará mi madre, que ha sido siempre la tesorera y repartidora de mis trabajos y caudales. Si a algún envidiosillo o mal contento de mis fortunas le parece mentira o exageración esta ganancia, véngase a mí, que le mostraré las cuentas de Juan de Moya y las de los demás libreros, que todavía existen ellas, y vivo yo y mis administradores. Es público, notorio y demonstrable mi desinterés, tanto, que ha tocado en perdición, desorden y majadería. He trabajado de balde y con continuación para muchos que han hecho su fama y su negocio con los desperdicios de mis fatigas. Habiendo sido el número de mis tareas bastante copioso, son más las que están en la lista de las regaladas que en la de las vendidas. Sobre el caudal de mis pronósticos y mis necesidades, ha tenido letra abierta el más retirado de mi amistad y el más extraño de mi conocimiento. El dicho Moya, que es el depositario de mis mercaderías y disparates, jurará que le tengo dada orden para que no regatee mis papeles y que los dé graciosamente al que llegare a su

Sou geralmente pacífico, de comportamento sossegado, humilde com os superiores, afável com os inferiores e, na maioria das vezes, desembaraçado com os iguais. Nas conversas falo pouco, baixo e moderado, e nunca tive coragem de meter-me a engraçado, ainda que tenha ouvido bulir na minha cabeça os trocadilhos, os apelidos e outras argúcias com as quais temperam os mais políticos suas conversas. Sinto-me muito à vontade entre todas as espécies, sexo e tipo de pessoa; somente me irritam os mentirosos, os presunçosos e os obstinados; fujo deles logo que os encontro, e desse modo passo a vida agradavelmente. De igual ressentimento sofre a minha alma nas ocasiões necessárias, onde são inevitáveis os lerdos, os idiotas e outros tipos de patetas que se encontram mesmo nos lugares mais escolhidos; porém este é o mal de muitos e o meu consolo; suporto os seus disparates com conformidade e tolerância, e me vingo de seus desatinos com a pena que supponho lhes provocará a minha desaprovção. Sou dócil e maleável num grau vicioso e repreensível, porque faço e participo de tudo aquilo que me pedem, sem examinar os perigos nem as consequências infelizes; mas já paguei por isso, porque as angústias e os desprazeres que padeço neste mundo, não foram dados pelos meus émulos, meus inimigos nem pela má sorte, mas sim por minha docilidade e minha franqueza. Meu dinheiro, minhas súplicas, a minha influência, tal como é, minha casa e meus pertences, os coloquei à disposição de todos, sem excluir os meus desafectos. A maior parte da minha vida, seja nos caminhos das minhas aventuras, seja nas avenidas dos meus desânimos, passei-a comendo às custas alheias, hóspede honrado e querido nas melhores casas do reino; e, podendo ser rico com estas economias e os ganhos dos meus encargos, sempre são iguais os gastos e os ganhos. Gastei com meus amigos, parentes, inimigos e caloteiros mais de quarenta mil ducados que tinha ganho com os meus felizes disparates. Em vinte anos como escritor, recebi mais de dois mil ducados por ano, e tudo distribuí, graças a Deus, sem ter, no momento em que escrevo isto, mais do que uns vinte dobrões que minha mãe terá guardado, que sempre foi a tesoureira e administradora dos meus trabalhos e ganhos. Se a algum invejosinho ou descontente por minha fortuna parecem mentira ou exagero estes ganhos, venha a mim, que lhe mostrarei as contas de Juan de Moya e as dos demais livreiros, que ainda existem, e ainda vivo eu e meus administradores. É público, notório e demonstrável meu desinteresse, tanto que resvalou na perdição, desordem e estupidez. Trabalhei grátis e continuamente para muitos que fizeram a sua fama e seus negócios com o desperdício das minhas fadigas. Tendo sido o número das minhas obras bastante grande, são mais as que estão na lista das doadas do que na das vendidas. Sobre o caudal dos meus prognósticos e minhas bobagens, dei espaço ao mais afastado dos meus amigos e ao mais estranho dos meus conhecidos. O supracitado Moya, administrador de minhas mercadorias e disparates, jurará que lhe tenho ordenado para que não regatee os meus escritos e que os dê gentilmente a quem se apresentar na sua loja, sem outra apresentação a não ser uma boa capa. Sendo (como direi mais adiante, além do que já disse) o escritor mais desprezado e pobre desta

**Vida, ascendencia,
 nacimiento, cruz y
 aventuras de don
 Diego Torres de Villarroel**

tienda, sin más recomendación que la de una buena capa. Siendo (como diré más adelante, además de lo dicho) el escritor más desdichado y pobre de esta era, me he conducido, en las ciento y veinte dedicatorias que se pueden ver en mis librillos, con bizarría tan gloriosa, que he desmentido los créditos de petardo con que regularmente se miran estos cultos. Nunca miré a más fines ni a más esperanzas que al agradecimiento, la veneración y el adorno de la obra. Al tiempo que expresaba mis rendimientos, escondía mi persona; y, las más veces, dedicaba a los héroes más elevados, a los ausentes, o a quien yo contemplaba que estuviese muy fuera de la retribución, y que la ausencia o el retiro dificultasen las comunes satisfacciones. Mis deseos y mis sacrificios fueron siempre puros, atentos, cortesanos y libres de las infecciones del interés mecánico y la lisonja abominable. He puesto esta menudencia impertinente para que se sepa que no tengo todas las condiciones de mal autor, pues me falta la codicia con que muchos se sujetan a hacer las obras, confiados alegremente en que el héroe a quien dedican les ha de pagar a lo menos la impresión; y éstos no cortejan, que roban. Hablo gordo entre los que me tratan y conocen. Grite ahora el satírico que quisiere, ponga los manchones que le elija su rabiosa infidelidad a mi pobreza y mi desasimiento, que aquí estoy yo, que sabré limpiarme y desmentirle con mis operaciones y los testigos más memorables de la España.

Trato a mis criados como a compañeros y amigos, y, al paso que los quiero, me estoy lastimando de que los haya hecho la fortuna la mala obra de tener que servirme. Jamás he despedido a ninguno; los pocos que me han acompañado, o murie-

era, me comportei, nas 120 dedicatórias que se podem ver nos meus livrinhos, com bizarría tão gloriosa, que desmenti as acusações de vigarice com as quais geralmente se recebem estes presentes. Nunca enxerguei outros fins nem outras esperanças que não o agradecimento, a veneração e o adorno da obra. Ao mesmo tempo em que expressava minha devoção, escondia minha pessoa; e, na maioria das vezes, dedicava aos heróis mais nobres, aos ausentes, ou a quem eu achava que estivesse muito distante da retribuição, e que a ausência ou o retiro dificultassem as comuns satisfações. Meus desejos e sacrifícios foram sempre puros, atentos, cortes e livres das infecções do interesse mecânico e da lisonja abominável. Declaro esse pormenor impertinente para que se saiba que não tenho todas as condições de mau autor, pois me falta a cobiça com que muitos se sujeitam a fazer as obras, confiando alegremente que o herói a quem dedicam lhes pagará pelo menos a impressão; e estes não são cortes, mas roubam. Falo alto entre os que se relacionam comigo e me conhecem. Grite agora o satirista o que quiser, invente as manchas que lhe sugere sua raivosa infidelidade à minha pobreza e meu desinteresse, que aqui estou eu, que saberei limpar-me e desmenti-lo com mi-



ron en mi casa o han salido de ella con doctrina, oficio y conveniencia. Los actuales que me asisten no me han oído reñir ni a ellos ni a otro de los familiares, y el más moderno tiene ocho años en mi compañía. Todos comemos de un mismo guisado y de un mismo pan, nos arropamos en una misma tienda, y mi vestido, ni en la figura ni en la materia, se distingue de los que yo les doy. El que anda más cerca de mí es un negro sencillito, cándido, de buena ley y de inocentes costumbres; a éste le pongo más de punta en blanco, porque en su color y su destino no son reparables las extravagancias de la ropa; yo me entretengo en bordar y en ingreír sus vestidos, y logro que lo vean galán, y a mí ocupado. Ni a éste ni a los demás los entretengo en las prolijidades y servidumbres que más autorizan la vanidad que la conveniencia; y aun siendo costumbre por acá, entre los amos de mi carácter y grado, llevar a la cola un sirviente en el traje de escolar, en ningún tiempo he querido que vayan a la rastra. Yo me llevo y me traigo solo donde he menester; me visto y me desnudo sin edecanes; escribo y leo sin amanuenses ni lectores; sirvo más que mando; lo que puedo hacer por mí, no lo encargo a nadie; y, finalmente, yo me siento mejor y más acomodado conmigo que con otro. Si éste es buen modo de criar sirvientes o de portarse como servidos, ni lo disputo, ni lo propongo, ni lo niego; yo digo lo que pasa por mí, que es lo que he prometido, y lo demás revuélvanlo los críticos como les parezca.

La valentía del corazón, la quietud del espíritu y la serenidad de ánimo, que gozo muchos años ha, es la única parte que se le puede envidiar a mi naturaleza, mi genio o mi crianza. De niño tuve algún temor a los cuentos espantosos, a las novelas horribles y a las frecuentes invenciones con que se estremecen y se espantan las credulidades de la puerilidad y los engaños de la juventud y la vejez; pero ya ni me asustan los calavernarios, ni me atemorizan los difuntos, ni me produce la menor tristeza la posibilidad de sus apariciones. Crea el que lee que, según sosiega la tranquilidad de mi espíritu, sospecho que no me inquietaría mucho ver ahora delante de mí a todo el purgatorio. Este valor (que más parece desesperado despecho) aseguro que es hijo de una resignación cristiana, pues, siendo Dios el único dueño de mi vida, sé que estoy debajo de sus disposiciones y providencias, y es imposible rebelarme a sus decretos; para el día que determine llamarme a juicio, estoy disponiendo, con su ayuda, mi conformidad, y no me acongoja que el aviso sea a palos, a pedradas, a médicos, a cólicos o difuntos; sea como Su Majestad fuere servido, que a todo estoy pronto y resignado. Por la soledad, la noche, el campo y las crujías melancólicas, me paseo sin el menor recelo, y nunca se me han puesto delante aquellas fantasmas que suele levantar en estos sitios la imaginación corrompida o el ocio y el silencio, grandes artífices de estas fábricas de humo y ventolera. Las brujas, las hechiceras, los duendes, los espiritados, y sus relaciones, historias y chistes, me arrullan, me entretienen y me sacan al semblante una burlona risa, en vez de introducirme el miedo y el espanto. Varias veces he proferido en las conversaciones que traigo siempre en mi bolsillo un doblón de a ocho, que en esta era, vale más de trescientos reales, para dárselo a quien me quiera

nhas ações e as testemunhas mais memoráveis da Espanha.

Trato os meus criados como companheiros e amigos, e, exatamente porque os estimo, me lamento de que a sorte lhes tenha dado a horrível tarefa de servir-me. Jamais despedi nenhum; os poucos que me acompanharam, ou morreram em minha casa ou saíram dela com saber, ofício e conveniência. Os que me servem atualmente nunca me ouviram reprová-los nem a ninguém dos meus familiares, e o mais novo tem oito anos em minha companhia. Todos comemos do mesmo guisado e do mesmo pão, protegemo-nos sob o mesmo teto, e a minha roupa, nem no modelo nem no tecido, se diferencia daquelas que lhes dou. O que está mais próximo de mim é um negro simples, ingênuo, de bons princípios e de inocentes costumes; a este faço vestir roupas melhores, porque devido à sua cor e seu destino não chamam tanto a atenção nele as extravagâncias da roupa; eu me entretenho em bordar e em enfeitar suas roupas, e gosto que o vejam elegante, e eu ocupado. Nem a este nem aos demais retenho nas minúcias e obrigações servis, que mais enfatizam a vaidade do que a conveniência; e mesmo sendo costume por aqui, entre os patrões do meu tipo e grau, levar atrás de si um criado em roupa de escolar, em nenhuma ocasião quis levá-los atrás de mim. Eu os levo e trago somente onde preciso; me visto e me dispo sem ajudantes, escrevo e leio sem amanuenses nem leitores; sirvo mais do que mando; o que posso fazer sozinho, não peço a ninguém; e, finalmente, sinto-me melhor comigo mesmo do que com os demais.

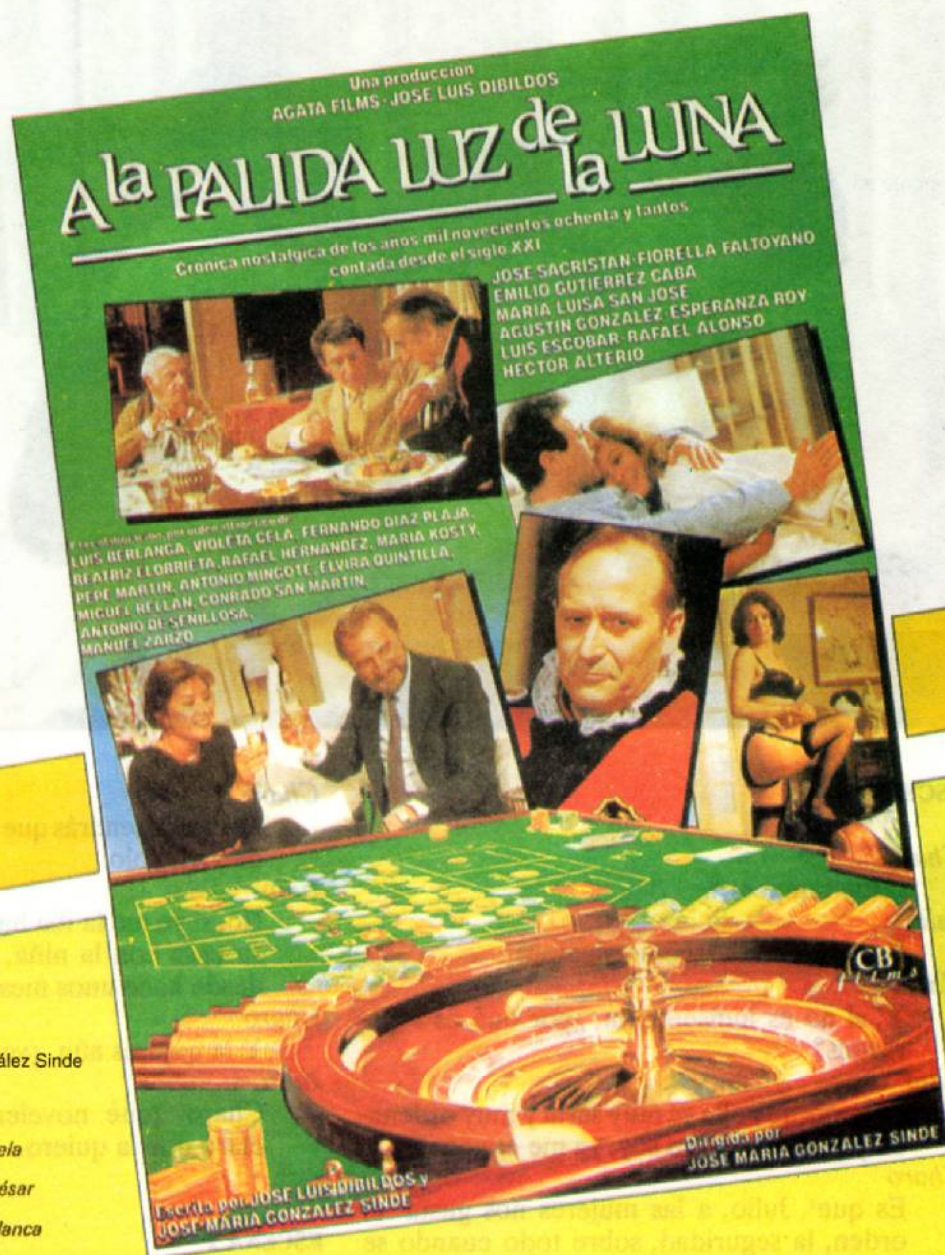
A coragem do coração, a tranqüilidade do espírito e a serenidade do ânimo, de que gozo há muitos anos, é a única parte que podem invejar do meu caráter, índole ou educação. Quando pequeno tinha um pouco de medo dos contos assombrados, dos de terror e das freqüentes invencões com as quais se estremecem e espantam as credulidades da puerilidade e os enganos da juventude e da velhice; mas hoje não me assustam os ossários, nem me aterrorizam os defuntos, nem me produz a menor tristeza a possibilidade de sua aparição. Acredite quem lê que, conforme se tranqüiliza o meu espírito, suspeito que não me inquietaria muito ver agora diante de mim todo o purgatório. Esta coragem (que mais parece um desesperado ressentimento) asseguro que é filha de uma resignação cristã, pois, sendo Deus o único dono da minha vida, sei que estou sob as suas disposições e providências, e é impossível rebelar-me contra seus decretos; para o dia no qual escolherá chamar-me para julgamento, estou preparando, com a sua ajuda, a minha conformidade, e não me angustia que o aviso seja a pauladas, a pedradas, com médicos, cólicas ou defuntos; seja como Sua Majestade desejar, que para tudo estou pronto e resignado. Tanto na solidão, na noite, no campo e nas sendas melancólicas, passeio sem o menor receio, e nunca se me apresentaram aquelas fantasmas que costumam colocar nestes lugares a imaginação corrompida ou o ócio e o silêncio, grandes artífices destas fábricas de fumaça e extravagâncias. As bruxas, as feiticeiras, os duendes, os possuídos, e seus amigos, histórias e piadas, me acalantam, me entretêm e me trazem ao rosto um sorriso zombeteiro, em vez de causar-me medo e espanto. Várias vezes declarei que trago sempre nos meus bolsinhos um dobrão de oito, que nestes tempos vale mais de trezentos



hechizar, o regalársele a una bruja, a una espiritada que yo examine, o al que me quisiere meter en una casa donde habite un duende: me he convidado a vivir en ella sin más premio que el ahorro de los alquileres; y hasta ahora he pagado las que he vivido, y discurro que mi doblón me servirá para misas, porque ya creo que me he de morir sin verme hechizado ni sorbido. Yo me burlo de todas estas especies de gentes, espíritus y maleficios, pero no las niego absolutamente; las travesuras que he oído a los historiadores crédulos de mi tiempo, todas han salido embustes; yo no he visto nada, y he andado a montería de brujos, duendes y hechiceros lo más de mi vida. Algo habrá; sea en hora buena, y haya lo que hubiere; para que no me coja el miedo, le sobra a mi espíritu la contemplación de lo raro, lo mentiroso de las noticias y la esperanza de que no he de ser tan desgraciado que me toque a mí la mala ventura y el mochuelo; y cuando sea tan infeliz que me pille el golpe de alguna de las dichas desgracias, me encaramo en mi resignación católica; y mientras llega el talegazo, me río de todos los chismes y patrañas que andan en la boca de los crédulos y medrosos y en la persuasión de algunos que comercian con este género de drogas. Tengo presente al Torreblanca, al padre Martín del Río en sus *Desquisiciones mágicas*, y muy en la memoria los actos de fe que se han celebrado en los santos tribunales de la Inquisición, en los que regularmente se castigan más majaderos, tontos y delinquentes en el primer mandamiento de la Ley de Dios, que brujos y hechiceros; y venero los conjuros con que la Santa Madre Iglesia espanta y castiga a los diablos y los espíritus; y todo me sirve para creer algo, disputar poco y no temer nada. [...]

*reais, para dá-lo a quem quiser me enfeitiçar, ou a uma bruxa, a uma possuída que eu examine, ou a quem quiser me colocar em uma casa onde more um duende: me ofereci para viver nela sem outra recompensa que a economia do aluguel; e até agora sempre paguei em todas as que vivi, e estou convencido que o meu dobrão me servirá para missas, porque creio que deverei morrer sem nunca ter sido enfeitiçado nem sugado. Eu zombo de toda essa espécie de pessoas, espíritos e malefícios, porém não as nego; as travessuras que ouvi contar os crédulos narradores do meu tempo, todas se revelaram mentiras; eu não vi nada, e estive à caça de bruxos, duendes e feiticeiros por grande parte da minha vida. Algo deve haver; que seja em boa hora e que haja o que houver; para que não me assalte o medo, resta ao meu espírito a contemplação das estranhezas, as falsidades das notícias e a esperança de que não hei de ser tão desgraçado que caiba a mim a má sorte e a pior parte; e quando tiver a infelicidade de ser atingido por alguma das sobreditas desgraças, procurarei agarrar-me à minha resignação católica; e enquanto chega o golpe, rio de todos os mexericos e mentiras que andam na boca dos crédulos e medrosos e na persuasão de alguns que negociam com esta espécie de droga. Lembro-me do Torreblanca, padre Martín do Rio, nas suas *Desquisiciones mágicas*, e tenho bem presentes na memória os atos de fé que se celebraram nos santos tribunais da Inquisição, nos quais se castigam mais os estúpidos, bobos e delinquentes no primeiro mandamento da Lei de Deus, do que bruxos e feiticeiros; e venero os métodos com os quais a Santa Mãe Igreja espanta e castiga os diabos e os espíritos; e tudo isso me serve para acreditar em algo, questionar pouco e não temer nada. [...]*





Na pálida luz da lua

Direção: José María González Sinde

José Sacristán: *Julio*

Fiorella Faltoyano: *Carmela*

Emilio Gutiérrez Caba: *César*

María Luisa San José: *Blanca*

Julio sempre viveu à margem da lei, sem trabalho; até o seu casamento com Carmela naufragou e as suas recorrentes tentativas para voltar com a esposa não deram em nada. Por acaso, em seguida, a uma batida de carro, Julio encontra um velho companheiro de universidade, César, que se tornou um especialista em computadores, e pede-lhe para inseri-lo fraudulentamente, por meio do computador, na repartição de um ministério, de modo que possa ter, assim, um salário seguro e possa arranjar-se econo-

micamente para sempre, fraudando o Estado. Não seria, além de tudo, o único a fazê-lo: até o proprietário da sua casa, um marquês, contou-lhe tranqüilamente como fraudar a previdência social e as leis dos subsídios ao desemprego. Mas para Julio as coisas dão errado: o governo acaba ordenando uma inspeção em todas as folhas de pagamento dos ministérios, fazendo assim fracassar a esquálida fraude de César e Julio, que deverá voltar à sua vida de sempre, feita de miséria e pequenos expedientes.

A la PALIDA LUZ de la LUNA



César, al enterarse de una mala noticia por la radio, se siente desvanecer y es reanimado por Blanca y sus amigos Julio y Carmela.

ESCENA 1¹

Charo²
¿Hoy tampoco?

Julio
Estaba reunida³, como siempre.

Charo
Y, si no es indiscreción, ¿por qué os separásteis?

Julio
Pues porque ella es muy seria y muy ordenada y yo soy... como soy, ya me conoces.

Charo
Es que⁴, Julio, a las mujeres nos gusta⁵ el orden, la seguridad, sobre todo cuando se tienen hijos. Mira ese pobre⁶. Se sienta ahí a las nueve de la mañana y lleva la contabilidad⁷ de siete u⁸ ocho tiendas. Entre eso y la Tuna de Parados⁹ saca¹⁰ más que cuando estaba en la empresa. ¡Pues aún suspira por entrar otra vez en nómina¹¹!

Julio
Yo eso es que lo odio. El horario fijo, el sueldecito¹²... Sin embargo, Carmela es como tu marido.



Charo

Entonces tendrás que ir haciéndote a la idea¹³ de vivir solo.

Julio

No, si ya me la iba haciendo, Charo. Ella en su casa con la niña, y yo en la mía... Pero desde hace unos meses ha cambiado todo.

Charo

Y la quieres aún, ¿verdad?

Julio

Charo, ¡qué novelera¹⁴ eres! Pues claro, claro que la quiero. 

ESCENA 2¹⁵



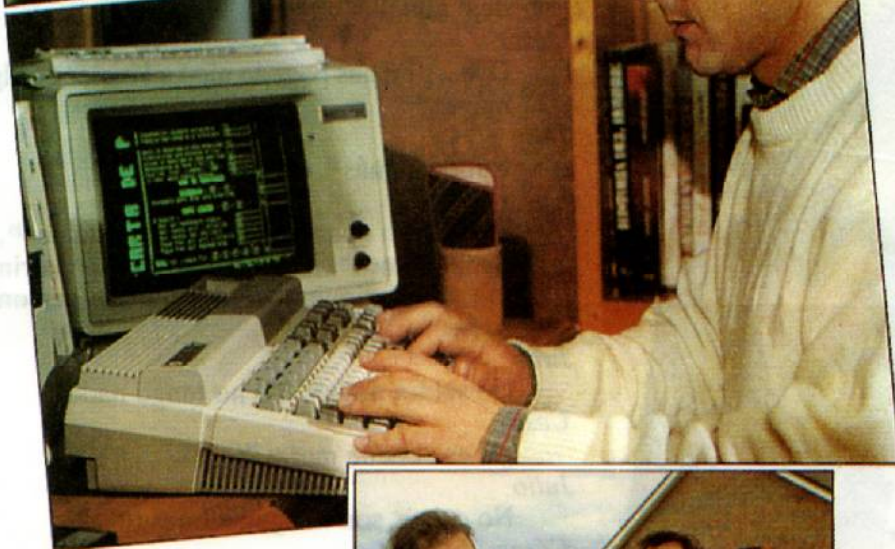
Julio

Óyeme, explícame una cosa... Dime... ¿cómo es eso de que se comunican?

César

Verás. Te voy a enseñar¹⁶ algo.
(MIENTRAS DESCUELGA¹⁷ EL TELÉFONO Y CONECTA¹⁸ SU ORDENADOR PERSONAL CON EL ORDENADOR DEL MINISTERIO DE HACIENDA¹⁹)

Conversación



En la parte superior: Blanca ha salido de compras con Carmela y le comenta el comportamiento extraño que últimamente está observando en su marido César. Arriba: César logra penetrar en el banco de datos de Hacienda y consulta la ficha fiscal de Julio. A la derecha: Julio y César, antiguos compañeros de estudios, se reencuentran después de muchos años sin verse.



1. O trecho do filme *Na pálida luz da lua* que apresentamos nesta unidade é constituído por quatro cenas. Na primeira, Julio, que vive separado da esposa, está na casa de amigos e fala com Charo da sua vida sentimental.
 2. Charo (ou Charito) é o diminutivo de *Rosario, Rosaria*.
 3. *Estaba reunida*: supõe-se desta expressão que a esposa de Julio esteja comprometida e ocupada com alguma "reunião". Julio se ausentou por um momento

para tentar telefonar para a esposa, mas não a encontrou.
 4. *Es que...*, expressão que em português pode ser traduzida por "o fato é que...".
 5. *A (nosotras) las mujeres nos gusta...*: usa-se interpor o artigo definido plural entre o pronome (que pode ser até suprimido) e o substantivo quando este último indica sexo, nacionalidade ou profissão (exemplo: "nós brasileiros somos trabalhadores", *nosotros los brasileños somos*

trabajadores ou *los brasileños somos trabajadores*). Note-se também o uso pleonástico do pronome *nos*. O uso pleonástico dos pronomes é muito freqüente em espanhol, tanto na forma átona (*me, te, le, nos, ...*) quanto na variante tônica precedida pela preposição *a* (*a mi, a ti, ...*); muitas vezes reforça-se com o pronome átono uma frase que tem como complemento indireto um substantivo (exemplo: *a mi madre no le interesa bailar*).

6. *Pobre* literalmente significa "pobre"; aqui, "coitado" (Charo refere-se ao seu marido).
 7. *Llevar la contabilidad*, sinónimo de *contabilizar*, significa "administrar, fazer as contas".
 8. A conjunção *o* transforma-se em *u* quando a palavra que a segue começa por *o* ou *ho*.
 9. *Tuna de parados*: o termo *tuna* provém do francês antigo *tune*, que significava refúgio de mendigos ou grupo de vagabundos e, por extensão, "vida vagabunda". Aqui Charo alude ao salário-desemprego. O termo *parado*, participio passado de *parar*, "parar", assume como substantivo o significado de "desempregado".
 10. *Sacar*, literalmente "sacar, extrair", aqui equivale a *ganar*, "ganhar".
 11. *Entrar... en nómina*, "ser contratado, trabalhar como empregado estável". *Nómina* é a lista das pessoas que recebem o salário em um escritório. Aqui, especificamente, é a lista que nas empresas estatais um encarregado preenche para depois passá-la ao escritório de administração, de onde são pagos os salários. Os empregados, uma vez retirado o salário, assinam na própria lista para dar recibo.
 12. *Sueldecito*, diminutivo irónico do substantivo *sueldo*, "salário".
 13. *Hacerse a la idea* equivale a *acostumbrarse*, "acostumar-se".
 14. *Novelera* diz-se de pessoa inclinada à fofoca e à conversa frívola ou dedicada à leitura de romances: o termo deriva, de fato, de *novela*, "romance". Aqui Julio refere-se à amiga Charo.
 15. Julio, guiando distraidamente o automóvel, bate atrás do utilitário de César, um velho companheiro de universidade, provocando-lhe uma contusão na perna. Ambos se reconhecem e César convida o amigo para tomar um café na sua casa; nesse meio tempo conversam sobre as respectivas ocupações. Especialista em computadores, César sabe de muitos assuntos sigilosos do Ministério da Fazenda e redige as listas dos empregados do mesmo.
 16. Além do significado de "ensinar", *enseñar* tem também o de "mostrar, fazer ver".
 17. *Descolgar*, "tirar o telefone do gancho", é formado pelo prefixo negativo *des* e pelo verbo *colgar*, "pendurar".
 18. *Conectar*, "conectar, colocar em comunicação direta".
 19. *Ministerio de Hacienda*, "Mi-

A la PALIDA LUZ de la LUNA



En la parte superior: César y su esposa Blanca.
Arriba: Julio comenta unas notas con Carmela.
Abajo: César trabajando en un programa informático.



Esto es un secreto, pero bueno, estamos entre amigos. Yo he colaborado un poco en el diseño de algunos programas de centros oficiales. Dime tu número de carnet de identidad²⁰.

Julio

Doscientos quince cinco cuarenta y nueve.

César

Cuesta²¹ de Santo Domingo, dieciocho.

Julio

¡Bueno! Pues no ha llovido²² desde que yo dejé aquello...

César

Oye... ¿Tú has pagado algo a Hacienda alguna vez?

Julio

Nunca, jamás²³, no, no qué va²⁴...

César

Pero si no aparecen ni cuotas líquidas²⁵, ni deducciones²⁶, ni incrementos del patrimonio, ni rendimientos²⁷ del trabajo personal, nada.

Julio

No saldrá nada²⁸. Yo no tengo nada...

César

¿Y ese coche maravilloso?

Julio

No existe, son imaginaciones tuyas.

César

Pues aún tengo la rodilla hinchada²⁹...

Julio

Oye, y...y...y... ¿y eso qué es? ¿Mi ficha³⁰ de Hacienda?

César

Sí, señor. El último ejercicio en el ordenador³¹ de los Servicios Centrales concretamente.

Julio

Pues desenchufa³², César, por tu padre, que las carga el diablo³³. ¡Quita, quita, quita³⁴!

César

¿Ves como se comunican? Los ordenadores están en todas partes. Por ejemplo, eso que se ha puesto tan de moda, las tragaperras³⁵.

Julio

Hm.

César

¿Cuántos millones de personas juegan todos los días sin saber que están jugando con un ordenador?

Conversación

Julio

Un momento, un momento... ¿Las de³⁶ los bares? ¿Las de las cerezas, los limones³⁷, vamos, las que dan dinero?

César

Sí, hombre, sí. Eso lo que lleva es una pequeña memoria con un tabla de números aleatorios³⁸.

Julio

¿Pero tú me quieres decir que ese cacharro es capaz de saber cuándo va a dar dinero una tragaperras? ¡Hombre!

César

Sí, y el micro de los niños. ¡Si eso no es nada! ¡Tú me das veinte o treinta posiciones consecutivas de una máquina y yo te digo cuándo va a dar lo premios!

Julio

Pero... ¿así de fácil³⁹?

César

¡Claro!

Julio

¡Venga, hombre, venga! No me lo creo. Eso es imposible, César.



Carmela, que trabaja en una empresa de selección de personal, está pasando unos tests para seleccionar a un aspirante.

nistério da Fazenda".

20. *Carnet de identidad*, "carteira de identidade" expedida pelo Estado a todos os cidadãos.

21. *Cuesta*, literalmente "costa, encosta, declive".

22. *Llover*, "chover"; em sentido figurado significa "ocorrerem, acontecerem muitas coisas de uma só vez"; aqui Julio quer dizer que

já se passou muito tempo desde quando se mudou daquele endereço (o *no* inicial é irônico).

23. *Nunca, jamás...*, "nunca, jamais..."; usadas em conjunto, as duas negações intensificam o significado negativo.

24. *No qué va...*, expressão informal de negação equivalente a "mas, vá!", "o que é isso!".

25. *Cuotas líquidas* significa "salário líquido" e se refere ao salário que resta depois de terem sido subtraídos os eventuais impostos.

26. *Deducción*, "dedução".

27. *Rendimiento*, "rendimento, renda".

28. *No salir nada...* aqui significa "não vai aparecer nada!" (ou seja, Julio não pagou impostos

porque não possui absolutamente nada).

29. *Hinchado*, participio do verbo *hinchar*, "inchar".

30. *Ficha* literalmente significa "ficha"; aqui "ficha fiscal", papel no qual um computador imprime as informações desejadas.

31. *Ordenador*, "computador".

32. *Desenchufar*, o prefixo negativo *des* no verbo *enchufar*, "combinar, ligar, ajustar", muda o seu significado para "desligar", "destacar, desconectar a comunicação direta".

33. *Las cargas el diablo*, expressão proverbial com a qual se manifesta o temor de que algo, aparentemente inocente, torne-se perigoso. *Cargar*, "carregar, agravar"; *diablo*, "diabo".

34. *Quita, quita...*, do verbo *quitar*, significa "tirar"; aqui "tira, tira!" (referindo-se à tomada do computador).

35. *Tragaperras*, termo composto pelo verbo *tragar*, "tragar, engolir, devorar", e *pererras*, sinônimo de *pesetas*, *dinero*; pode-se traduzir por "máquinas caça-níqueis".

36. *Las de los...*; o pronome demonstrativo "aquele" seguido pelo pronome relativo *que* ou pela preposição *de* é substituído pelo artigo correspondente ao substantivo ao qual se refere; aqui o antecedente é *tragaperras*.

37. *Cerezas... los limones*: Julio refere-se aos símbolos que aparecem no monitor das *tragaperras* (algumas combinações destes símbolos permitem vencer).

38. *Aleatorio* significa "aleatório, incerto".

39. *Así de fácil*; *así* seguido pela preposição *de* + um adjetivo serve para colocar em maior evidência o significado do adjetivo.

A la PALIDA LUZ de la LUNA

ESCENA 3⁴⁰



Arturo

Yo ahora en mi negocio lo hago todo muy sencillo. Toma y daca⁴¹. Ni facturas, ni nóminas, ni Seguridad Social... ni gaitas⁴². ¿Economía sumergida? ¡Pues sí, señor! ¡Nos ha fastidiado⁴³! Si aquí, en cuanto asomas un poco, ¡zas!, te dan en la cresta⁴⁴.

Marqués

Pues ya ve usted, Arturo. Yo en eso no estoy conforme⁴⁵ con usted. A mí la Seguridad Social me parece una institución modélica⁴⁶.

Arturo

¡Hombre!

Marqués

Verá usted: a Benito, que oficialmente es el portero de la finca⁴⁷, lo tengo en nómina durante un año cotizando⁴⁸ al máximo. Después, le despido⁴⁹. Y entonces cobramos⁵⁰: seis meses de desempleo⁵¹, la indemnización y los salarios de trámite⁵².

Arturo

Pues no lo entiendo. Porque eso lo tendría que pagar usted.

Marqués

Eso sería si yo fuera solvente⁵³. Pero yo demuestro mi insolvencia, y entonces se hace cargo⁵⁴ de todo el Fondo de Garantía Salarial⁵⁵, que para eso está.



ESCENA 4⁵⁶



Julio

Oye, que sí, que tenías tú razón, ¿eh? Que esto de los ordenadores sirve para todo, ¿eh?

César

¡Claro!

Julio

Fíjate, fíjate. La alemana⁵⁷ ésta... (EXTENDIENDO UN RECORTE⁵⁸ DE PERIÓDICO)
Tres años llevaba la tía⁵⁹ cobrando la nómina del marido después de muerto. Gracias a Dios, aquí estas cosas no pueden pasar, porque... estamos aún muy atrasados⁶⁰.

César

¡Qué dices! España es uno de los primeros países del mundo en análisis de sistemas.

Julio

Entonces estamos vendidos⁶¹, ¿no?

César

¡Tampoco es para tanto⁶²!

Julio

¡Si los ordenadores son tan facilones, cualquier día un listo⁶³ tira de aparato⁶⁴ y se mete en nómina para toda la vida! En un sitio donde haya mucha gente..., una gran empresa, un organismo oficial..., ¿quién se iba a enterar⁶⁵?

César

Pues sí, es perfectamente posible, pero... que yo sepa, eso aún no se le ha ocurrido⁶⁶ a nadie.

Julio

Claro, no casarían⁶⁷ las cuentas y se descubriría en seguida, ¿no?

César

No, si el programador es hábil podría hacerlas cuadrar al céntimo. No sé, no sé.

Julio

César, por lo que más quieras, por tus hijos, por Blanca, ¡que es la salvación de mi vida!

César se presenta en casa de Julio para explicarle las dificultades que está sufriendo por haberle ayudado.



Conversación



En la parte superior:

Julio, actuando con la tuna en la noche madrileña.

Arriba: Julio celebra su buena suerte en el casino con el dueño de la casa donde vive y su criado.

César

No te entiendo.

Julio

Tú conoces las claves⁶⁸ de entrada de varios ministerios. ¡Tú eres el que más sabe de esto en España! Hazlo por Carmela, por la niña.

César

¡Pero qué dices!

Julio

¡Por favor, escúchame, que es lo último que te pido! ¡Ayúdame a sentar la cabeza⁶⁹! César, quiero ser funcionario.

César

¡Tú, tú no estás bien, Julio! ¡Tú estás loco! ¡De verdad te lo digo, tú estás loco!

Julio

¡Si para ti es muy fácil, no se va a enterar nadie!

César

¡Que no, que no, que de ninguna manera! ¡Te lo repito por última vez, Julio! ¡Olvidate hasta de mi nombre!

Julio

¡César!

40. Julio está jantando com alguns amigos e o proprietário da sua casa, um marquês. Um amigo, Artur, e o marquês entabulam uma conversa sobre o tema da economia informal e do subemprego.

41. *Toma y daca*, expressão coloquial que significa literalmente "pegue e me dê aqui" (*daca* é a contração de *dá* e *cá*): corresponde em português à expressão "negócio fechado".

42. *Gaita*, flauta com fole de pele de cabra usada durante as festas das pequenas cidades (em português se traduz como "gaita de fole"). Famosa é a "gaita galega", parecida com a gaita de fole escocesa. Neste contexto o termo é usado no sentido figurado e é sinónimo de *lata*, "algo maçante e aborrecido".

43. *Fastidiao*, é a forma coloquial do participio passado *fastidiado*, com a perda do *d* intervocálico. *Fastidiar* é sinónimo de "aborrecer".

44. *Dar en cresta a alguien* significa humilhar ou desiludir alguém quando está adquirindo muita segurança, "cortar as asas" (neste caso se refere aos pesados impostos que recaem sobre as atividades empresariais).

45. *No estar conforme* significa "não concordar".

46. *Modélica*, adjetivo de criação moderna, de *modelo*. Em português se diria "uma instituição modelo".

47. *Finca* é "imóvel, casa de campo ou na cidade".

48. *Cotizar* (do francês *cotiser*, "impor a alguém a sua cota") significa aqui "pagar as contribuições à previdência social".

49. *Despedir*, "despedir, demitir, mandar embora um empregado".

50. *Cobrar*, "cobrar".

51. *Desempleo*, "desemprego".

52. *Salarios de tramite*, "salário por serviços temporários". O digno marquês é, portanto, um hábil fraudador do Estado!

53. *Solvente* diz-se de uma pessoa que goza de boa situação econômica e está em condições de pagar os próprios empregados e honrar qualquer tipo de compromisso ou obrigação.

54. *Hacerse cargo* significa "encarregar-se".

55. *Fondo de Garantía Salarial*, órgão estatal criado para cobrir, com os fundos de seus associados, as eventuais falências e dar assistência, assim, aos desempregados.

56. Nesta cena Julio pede a César para inseri-lo fraudulentamente, por meio do computador, no corpo de funcionários de uma grande empresa. Julio sempre viveu sem trabalhar e quer, com este estratagemas, continuar a enganar o próximo.

57. *Alemana*, "alemã".

58. *Recorte*, "recorte".

59. *Tía*, literalmente "tia", é usado com sentido depreciativo para designar uma pessoa qualquer do sexo feminino; pode-se traduzir por "fulana".

60. *Atrasado*, "atrasado".

61. *Vendido* neste caso significa "logrado, destruído".

62. *¡Tampoco es para tanto!*: com esta expressão César faz notar ao amigo que exagera um pouco.

63. *Un listo*, "uma pessoa esperta, rápida".

64. *Tira de aparato* pode-se traduzir por "mete a mão".

65. *Enterarse*, sinónimo de *darse cuenta*, equivale a "dar-se conta, perceber, descobrir".

66. *Ocurrírsele algo a alguien*, "ocorrer algo a alguém, alguém ter uma ideia".

67. *Casar las cuentas*: *casar*, além de "esposar", significa "juntar, unir, acompanhar"; aqui significa "comparar as contas, corresponder, bater as contas".

68. *Clave*, "chave"; no sentido figurado, "recurso, truque, segredo, senha" etc.

69. *Sentar la cabeza*, "pôr a cabeça no lugar".

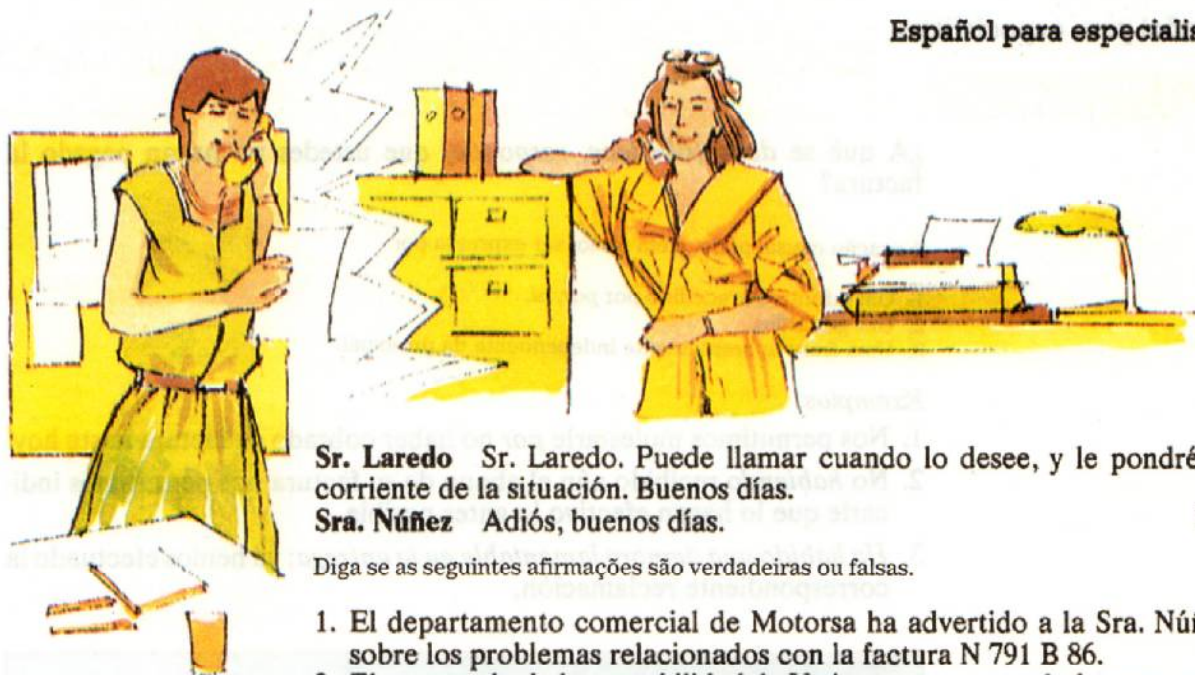
Gestiones para cobrar un pago atrasado

Escuche

Ouçá na fita cassete a conversa telefônica entre o senhor Morales, responsável pela contabilidade da empresa Utrisa, a senhora Núñez, da empresa Motorsa, e o senhor Laredo, gerente-geral da loja da empresa Utrisa, a respeito de uma fatura vencida e ainda não paga, à espera da aprovação da companhia de seguros, por causa de uma avaria ocorrida durante o transporte.



- Sr. Morales** Buenos días. Sección de contabilidad de Utrisa. ¿Dígame¹?
- Sra. Núñez** Buenos días. Llamo de parte de Motorsa. Desearía hablar con el encargado de la contabilidad para los proveedores.
- Sr. Morales** Soy yo mismo. ¿Tiene algún² problema?
- Sra. Núñez** Soy la Sra. Núñez, de la sección comercial de Motorsa. Le telefono en relación con³ nuestra factura N 791 B 86 cuyo⁴ pago debía haberse efectuado el 31 de enero y que ustedes todavía no han hecho efectivo.
- Sr. Morales** Un momento, por favor. Voy a buscarla en mi fichero. Efectivamente, no se ha abonado porque falta la conformidad del jefe de almacén.
- Sra. Núñez** ¿Y cómo es que no tiene usted la conformidad? La sección comercial no me ha informado de ningún problema. ¿Me puede poner con⁵ el jefe de almacén, por favor? Y usted debe ser el Sr....
- Sr. Morales** El Sr. Morales. Ahora mismo le paso con el jefe de almacén. No cuelgue⁶, por favor.
- Sr. Laredo** Diga...
- Sra. Núñez** Buenos días. Soy la Sra. Núñez, de Motorsa. Acabo de hablar con el Sr. Morales y me ha comunicado que en el almacén no han dado la conformidad para el pago de nuestra factura N 791 B 86. ¿Podría explicarme claramente qué ha sucedido y cuándo van a enviar la conformidad a contabilidad?
- Sr. Laredo** Espere un momento, por favor; voy a consultar mi fichero a ver qué ha sucedido. Sí, ya veo. Hubo dificultades en el transporte y parte del material quedó completamente inutilizado. Ya he enviado la correspondiente queja al transportista.
- Sra. Núñez** Me parece muy bien, pero éste es un problema que no nos afecta en absoluto, puesto que nosotros no nos responsabilizamos del transporte y vendemos la mercancía en las condiciones en que sale de fábrica.
- Sr. Laredo** No le digo que no, pero comprenda que hasta que⁷ no tenga la confirmación de la compañía de seguros no puedo dar la conformidad a contabilidad.
- Sra. Núñez** No me parece un procedimiento muy habitual. ¿Cuándo tendrá usted la confirmación de su compañía de seguros?
- Sr. Laredo** En principio, la próxima semana. En cuanto la tenga voy a enviar la factura a contabilidad para que realicen el pago lo más pronto posible.
- Sra. Núñez** Eso espero. De todos modos, confío que la semana que viene podrá resolverse este asunto. Voy a llamarle a principios de semana para saber cómo van las gestiones con la compañía de seguros. ¿Me dice su nombre, por favor?



Sr. Laredo Sr. Laredo. Puede llamar cuando lo desee, y le pondré al corriente de la situación. Buenos días.
Sra. Núñez Adiós, buenos días.

Diga se as seguintes afirmações são verdadeiras ou falsas.

1. El departamento comercial de Motorsa ha advertido a la Sra. Núñez sobre los problemas relacionados con la factura N 791 B 86.
2. El encargado de la contabilidad de Utrisa no encuentra la factura en su archivo.
3. El Sr. Morales es el jefe de almacén.
4. La factura no se ha pagado por un defecto de fabricación del material.
5. El Sr. Laredo quiere asegurarse que la compañía de seguros les indemnizará antes de pagar la factura.
6. La Sra. Núñez no ha quedado satisfecha y volverá a llamar al Sr. Laredo la próxima semana.

1. *Dígame*, literalmente "diga-me", é a forma com a qual se inicia uma conversa telefônica. Corresponde em português a "Alô".
 2. Forma apocopada do adjetivo indefinido *alguno*; a apócope verifica-se quando o adjetivo precede um substantivo masculino singular. A mesma regra vale para *ninguno*.

3. Expressão equivalente a "em relação a, a respeito de".
 4. *Cuyo*, pronome relativo possessivo, quando é anteposto ao nome funciona como adjetivo, com o qual concorda em gênero e número.
 5. *Poner con*, em uma conversa telefônica, significa "passar, pôr em contato com".

6. A forma negativa do imperativo se obtém antepondo a negação *no* ao verbo no modo subjuntivo. Recordamos que o *o* do verbo *colgar* se transforma em ditongo (*Presente do indicativo: cuelgo, cuelgas, cuelga, colgamos, colgais, cuelgan*).
 7. *Hasta que* introduz uma oração subordinada temporal.

La lengua

Examinemos agora a formação das orações causais, que podem ser introduzidas por um bom número de conjunções ou locuções como *porque*, *como*, *ya que*, *dado que*, *supuesto que*, *pues*, *en vista de que*, *a causa de que* etc.

Exemplos:

Les telefoneamos *porque* la factura del material que le enviamos todavía no ha sido hecha efectiva por ustedes.

No puedo dar la conformidad para el pago *ya que* aún espero el visto bueno de la compañía aseguradora.

Dado que no hay problema alguno, no entiendo la causa de este retraso.

A causa pode também ser expressa mediante expressões do tipo *deberse a*, *responder a*, *obedecer a*.

Exemplo:

El retraso en el pago de la factura se *debe a* (*obedece a*) la falta de conformidad del almacén.

Español para especialistas

¿A qué se debe (*obedece, responde*) que ustedes no hayan pagado la factura?

A oração causal pode, além disso, ser expressa por:

1. Um infinitivo precedido por *por, al*.
2. Um gerúndio.
3. Uma frase aparentemente independente da principal.

Exemplos:

1. Nos permitimos molestarle *por* no haber cobrado su factura hasta hoy.
2. *No habiendo* recibido aún el abono de su factura nos permitimos indicarle que lo hagan efectivo lo antes posible.
3. *Ha habido una demora lamentable en la entrega*; ya hemos efectuado la correspondiente reclamación.



Ejercicios

A Para cada uma das seguintes frases encontre duas formas alternativas que expressem a causa.

1. Dado que no tenemos el visto bueno de la compañía de seguros, aún no podemos hacer efectiva su factura.
2. El cliente no hace efectivo el pago porque ha habido una demora lamentable en la entrega del material.
3. Le ruego que active estos asuntos porque hay que reducir al máximo los retrasos de los pagos.
4. Como no nos han pagado, no les mandaremos más mercancías.

B Imagine o diálogo entre o senhor Morales e o seu agente de seguros, a respeito da controvérsia com a empresa Motorsa.

Vocabulario

abonar (v.tr.)
 afectar (v.tr.)

almacén (s.m.)
 asunto (s.m.)
 confiar (intr. e tr.)
 confirmación (s.f.)
 conformidad (s.f.)
 demora (s.f.)
 fichero (s.m.)
 gestión (s.f.)
 mercancía (s.f.)
 proveedor (s.m.)
 queja (s.f.)
 seguro (s.m.)

pagar
 ostentar, aparentar,
 afetar, fingir
 armazém, estoque, almoxarifado
 assunto, argumento, tema
 confiar
 confirmação
 aprovação, conformidade
 demora, atraso
 fichário
 gestão, gerência
 mercadoria
 fornecedor
 queixa, reclamação
 seguro



Respostas dos exercícios

Escuche

1. Falso
2. Falso
3. Falso
4. Falso
5. Verdadero
6. Verdadero

Ejercicios

A Exemplos possíveis.

1. No podemos hacer efectiva su factura porque no tenemos el visto bueno de la compañía de seguros. Al no tener el visto bueno de la compañía de seguros, aún no podemos hacer efectiva su factura.
2. Dada la lamentable demora en la entrega del material, el cliente no hace efectivo el pago. Por la lamentable demora en la entrega del material, el cliente no hace efectivo el pago.

3. Teniendo que reducir al máximo los retrasos de los pagos, le ruego que active estos asuntos. Le ruego que active estos asuntos ya que hay que reducir al máximo los retrasos de los pagos.
4. No nos han pagado; no les mandaremos más mercancía. No les mandaremos más mercancía porque no nos han pagado.

B Exemplo de diálogo possível.

- Buenos días, soy el Sr. Morales de Utrisa. ¿Ha recibido el expediente de Motorsa?
- Sí, ya nos hemos puesto en contacto con el transportista.
- ¿Ha reconocido que hubo problemas?
- Sí. Acepta que ha sido culpa suya.
- ¿Cuándo me dará usted su conformidad para pagar la factura?
- Dentro de muy pocos días.
- Entonces ¿puedo abonarle ya?
- Sí, sin ningún problema.

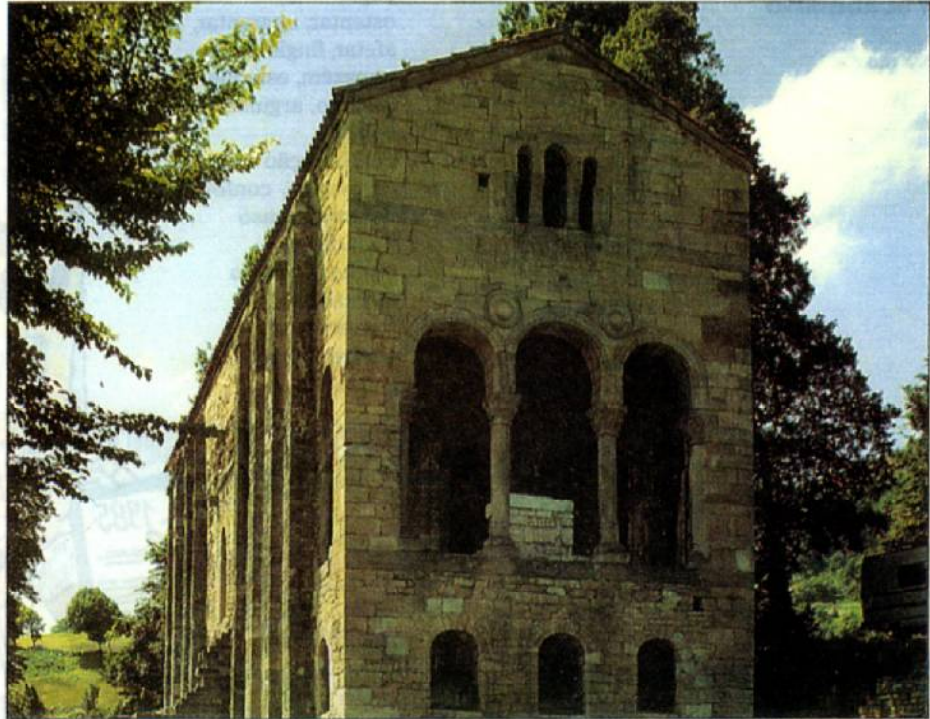
C/UNIDAD

21

EN VIVO

Ouçá na fita cassete a leitura das seguintes frases, observando as diferenças léxicas e sintáticas entre os dois registros lingüísticos.

a = *lengua coloquial y de argot*
 b = *lengua estándar*



1. a) Hola, ¿te gustó la salidita¹ de ayer por la noche?

b) Hola, ¿te gustó la salida de ayer por la noche?

2. a) Mucho; los amiguetes de mi hermano son la monda².

b) Mucho; los amigos de mi hermano son magníficos.

3. a) ¿Y el agujero³?

b) ¿Y el restaurante?

4. a) De coña⁴.

b) Muy bien.

1. Nestes casos o diminutivo dá um senso de intimidade, de estima e de familiaridade (mas às vezes é usado também no sentido irônico, para significar exatamente o oposto).
2. *La monda* é uma expressão que

se aplica em uma situação julgada extraordinária, seja em sentido positivo ou negativo; diz-se também de pessoa que faz rir. Corresponde em português a "o máximo".

3. Com o termo *agujero*, "bura-co", se designa qualquer lugar pú-

blico de reunião ou de diversão como "bar, restaurante, cinema, hotel" etc.

4. Expressão da linguagem de gíria correspondente a *fenomenal*, que em português significa "extraordinário, o máximo".

Modos de decir



1. Mantenerse en sus trece.

Com esta expressão se quer sustentar obstinadamente uma afirmação, uma posição, um propósito. *Mantenerse* pode também ser substituído por *estar* e *seguir*. Significa "não arredar pé".

2. De buena tinta.

Expressão com a qual se indica uma informação obtida de uma fonte ou pessoa digna de total credibilidade. Significa "de boa fonte, de boa origem".

3. Entrado en años.

Significa de idade avançada, velho ou próximo da velhice.

4. Equivocarse de medio a medio.

Corresponde em português a "errar completamente", "errar feio", "enganar-se redondamente" etc.

D/UNIDAD

21

EL USO DE LA LENGUA

Ejercicio Uno

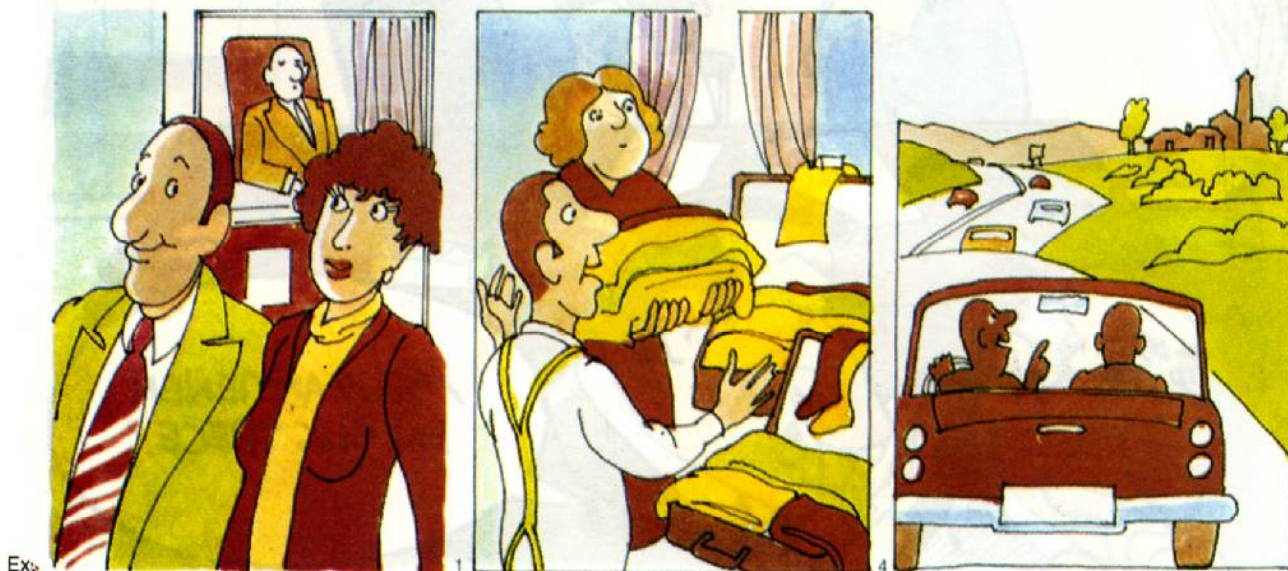
Coloque as formas *algun(o)*, *cierto*, *casi*, *muy*, *mucho*, *poco* segundo as exigências gramaticais e sintáticas de cada frase¹.

Exemplo:

Nos ha dado ... consejos útiles para nuestro trabajo.

Nos ha dado algunos consejos útiles para nuestro trabajo.

1. Las ... maletas que hemos comprado no serán suficientes para meter toda la ropa.
2. Esto debe costar ... 5.000 pesetas; no es muy caro.
3. Por ... amables que sean, seguro que no van a ayudarle.
4. Vivo a ... 150 Km de Madrid. No está mal el viaje de cada día al trabajo.
5. Han aprendido de memoria ... poemas de García Lorca.
6. ... manifestantes exaltados lanzaron piedras contra la policía.
7. No va nunca al cine; las ... películas que ha visto no le han gustado nada.
8. Por ... cansado que esté, tiene que hacer los ejercicios antes de acostarse.



Ejercicio Dos

Complete as seguintes frases com um dos pronomes indefinidos: *alguno*, *alguien*, *algo*².

Exemplo:

...de sus amigos le ha anunciado el nacimiento de su hijo.

Alguno de sus amigos le ha anunciado el nacimiento de su hijo.

1. Has leído ... de sus últimas novelas, ¿no? Mal hecho.
2. ... de estos cuadros han sido enviados al extranjero.
3. ... preguntó por ti pero no dijo quién era.
4. ¿Hay ... que te preocupe en estos momentos?
5. Aún no hemos podido cosechar ... a pesar de que las tormentas destruyeron parte de la cosecha.
6. Dame ..., me encantan las cerezas.

El uso de la lengua

7. Conozco a ... que está muy interesado en este tipo de libros.
8. ¿Podrías decirle ... que consolase a María?

1. Os adjetivos indefinidos espanhóis mais comuns são *algun(o)* e *cierto* (exemplos: *He hojeado este libro en algunas ocasiones*; *Los trenes siempre llegan con algún retraso*; *A cierta distancia de donde nos encontrábamos, se veía una ciudad*; *En ciertas ocasiones, es preferible callarse*).

Os advérbios "cerca" e "quase" do português, diante de um número, podem ser traduzidos por *casi* (exemplo: *Hace casi dos años que no nos veíamos*).

A expressão em português "por mais" seguida de um adjetivo se traduz em espanhol por *por muy*

+ adjetivo + *que* + verbo no subjuntivo (exemplo: *Por muy listos que sean, no adivinarán la respuesta*). Se depois de "por mais" vem um substantivo, em vez de *muy* usa-se *mucho* ou *poco*, que concordam com o substantivo em questão (exemplos: *Por muchos libros que leáis, no encontraréis la respuesta*; *Por pocas ganas de salir que tengas, debes salir a dar un paseo*).

2. Os pronomes indefinidos correspondentes ao adjetivo *algun(o)* são "algun", que concorda em gênero e número, "alguém" (para pessoas) e "algo"

(para coisas), que são invariáveis (exemplos: *Algunas de las casas de la urbanización eran muy pequeñas*; *¿Alguien quiere venir conmigo?*; *Algo le preocupa a María*).

Alguien, no masculino singular seguido por um adjetivo, significa "é uma pessoa..." (exemplo: *Don Juan es alguien muy importante en la empresa*).

Alguno, alguna, algunos, algunas podem ser seguidos por um complemento partitivo introduzido por *de* (exemplos: *Algunos de vosotros aprobaréis el curso*; *Ha conocido a algunas de mis amigas*).



Ejercicio Tres

Complete as seguintes frases escolhendo o termo adequado entre os propostos.

Exemplo:

suma, cuenta, minuta, factura

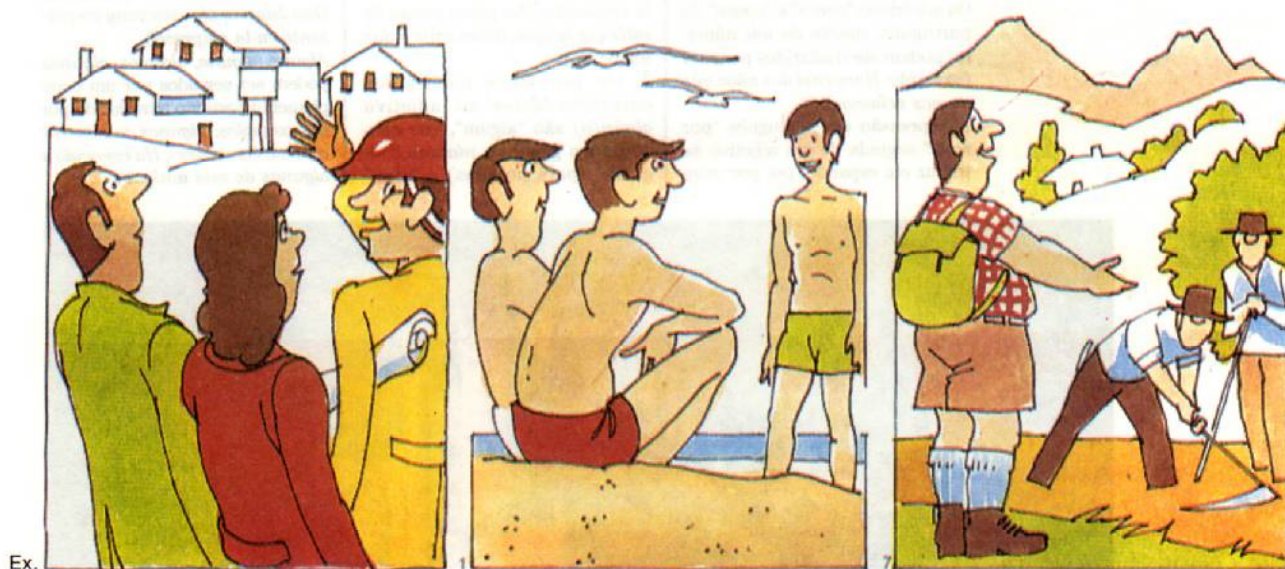
Oye, paga tú la ... del hotel.

Oye, paga tú la cuenta del hotel.

1. vendedora, taquillera, recepcionista, azafata
La señora preguntó a la ... a qué hora comenzaba la película.
2. revolió, devolió, envolvió
El ladrón lo ... todo pero no se llevó nada importante.
3. bata, blusa, camisa, chaquetilla
El farmacéutico, con su ... blanca, estaba de pie detrás del mostrador.
4. zapatillas, sandalias, botas, bambas
En verano me gustan más las ... porque el talón está descubierto.

El uso de la lengua

5. camino, sendero, callejón, carril
¿Por qué no circulan por el ... de la derecha los coches en las autopistas?
6. arrancar, abrir, iniciar, comenzar
Tendrías que ... una cuenta corriente en el banco.
7. vestidos, trajes, conjuntos, vestuarios
Los ... se componen de pantalón y chaqueta y, a veces, de chaleco.
8. extraer, recoger, quitar, sacar
Mañana por la mañana tengo que ir al banco para ... dinero.



Ejercicio Cuatro

Coloque no plural as siguientes frases.

Ejemplo:

En esta casa tiene usted todo el espacio que necesita.

En estas casas tienen ustedes todo el espacio que necesitan.

1. En mi paseo por la playa me detenía alguna vez para charlar con algún amigo.
2. Estoy buscando un apartamento que no esté muy lejos de casa.
3. Es un hombre taciturno, siempre ensimismado en sus libros y que tiene pocos amigos.
4. A menudo se pregunta si ha obrado bien.
5. Te equivocas, nunca he dicho esto.
6. Espero que esta noche se tomará una decisión; por favor, intenta venir a la reunión.
7. Señor, tiene usted la suerte de vivir en una tierra tranquila del país.
8. Tienes que saber que con tu manera de hablar y de actuar pasas por un loco.



Vocabulario

acostar (v.tr.)	deitar, estender-se, ir dormir
actuar (v. intr. e tr.)	atuar, agir, efetuar
azafata (s.f.)	aeromoça
bata (s.f.)	roupão, robe
bota (s.f.)	bota
carril (s.m.)	carril, trilho
cereza (s.f.)	cereja
cosecha (s.f.)	colheita
charlar (v.intr.)	falar, conversar
ensimismado (adj.)	absorto
loco (adj. e s.)	louco, maluco
maleta (s.f.)	maleta
meter (v.tr.)	meter, introducir
mostrador (s.m.)	balcão de loja
revolver (v.tr.)	revolver, remexer, revirar
ropa (s.f.)	roupa
sacar (v.tr.)	tirar, sacar
sandalia (s.f.)	sandália
taquillero (s.m.)	bilheteiro, aquele que vende bilhetes ao público (em estações, cinemas, teatros)

Respostas dos exercícios

Ejercicio Uno

1. Las *muchas* maletas que hemos comprado no serán suficientes para meter toda la ropa.
2. Esto debe costar *casi* 5.000 pesetas; no es muy caro.
3. Por *muy* amables que sean, seguro que no van a ayudarle.
4. Vivo a *casi* 150 km de Madrid. No está mal el viaje de cada día al trabajo.
5. Han aprendido de memoria *algunos* poemas de García Lorca.
6. *Ciertas* manifestantes exaltados lanzaron piedras contra la policía.
7. No va nunca al cine; las *pocas* películas que ha visto no le han gustado nada.
8. Por *muy* cansado que esté, tiene que hacer los ejercicios antes de acostarse.

Ejercicio Dos

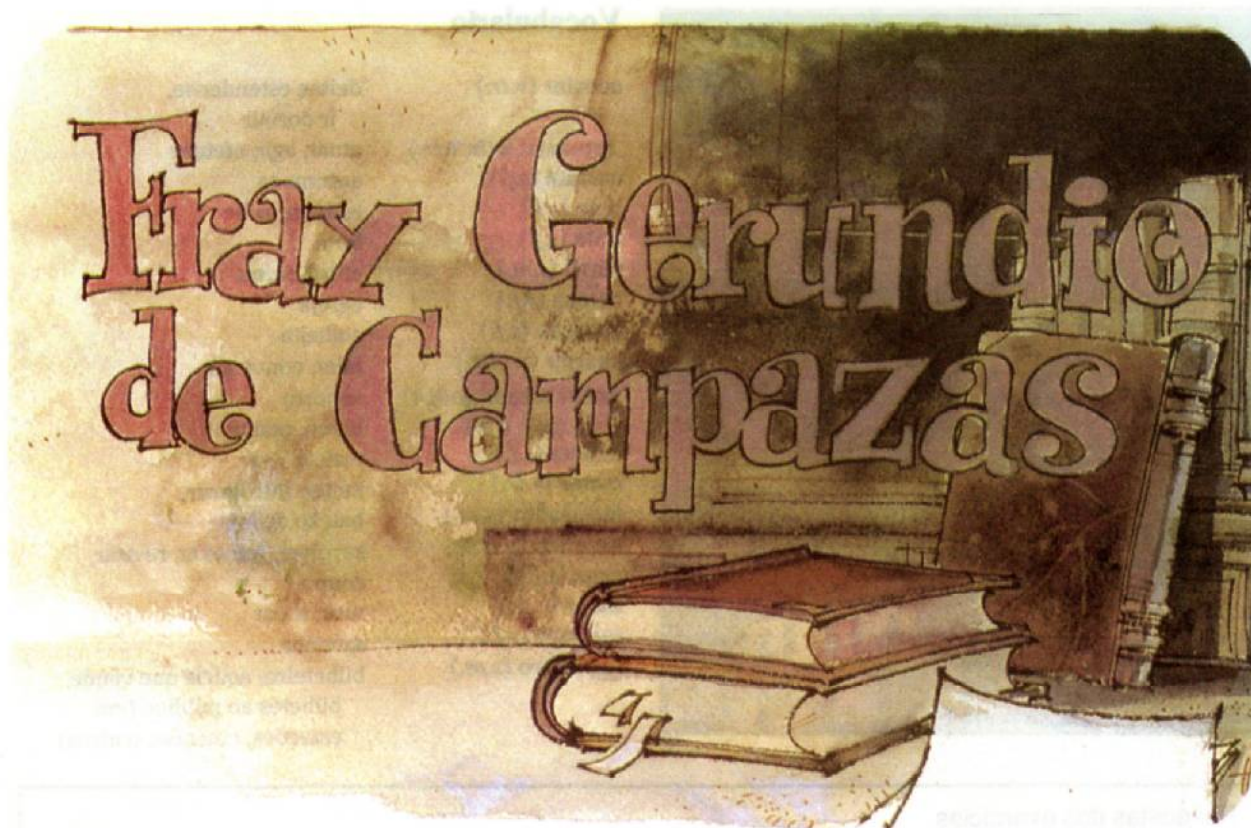
1. Has leído *alguna* de sus últimas novelas, ¿no? Mal hecho.
2. *Algunos* de estos cuadros han sido enviados al extranjero.
3. *Alguien* preguntó por ti pero no dijo quién era.
4. ¿Hay *algo* que te preocupe en estos momentos?
5. Aún no hemos podido cosechar *algo* a pesar de que las tormentas destruyeron parte de la cosecha.
6. Dame *algunas*, me encantan las cerezas.
7. Conozco a *alguien* que está muy interesado en este tipo de libros.
8. ¿Podrías decirle *algo* que consolase a María?

Ejercicio Tres

1. La señora preguntó a la *taquillera* a qué hora comenzaba la película.
2. El ladrón lo *revolvió* todo pero no se llevó nada importante.
3. El farmacéutico, con su *bata* blanca, estaba de pie detrás del mostrador.
4. En verano me gustan más las *sandalias* porque el talón está descubierta.
5. ¿Por qué no circulan por el *carril* de la derecha los coches en las autopistas?
6. Tendrías que *abrir* una cuenta corriente en el banco.
7. Los *trajes* se componen de pantalón y chaqueta y, a veces, de chaleco.
8. Mañana por la mañana tengo que ir al banco para *sacar* dinero.

Ejercicio Cuatro

1. En nuestros paseos por las playas nos deteníamos algunas veces para charlar con algunos amigos.
2. Estamos buscando unos apartamentos que no estén muy lejos de casa.
3. Son unos hombres taciturnos, siempre ensimismados en sus libros y que tienen pocos amigos.
4. A menudo se preguntan si han obrado bien.
5. Os equivocáis, nunca hemos dicho esto.
6. Esperamos que esta noche se tomará una decisión; por favor, intentad venir a la reunión.
7. Señores, tienen ustedes la suerte de vivir en unas tierras tranquilas del país.
8. Tenéis que saber que con vuestra manera de hablar y de actuar pasáis por unos locos.



José Francisco de Isla (1703 - 1781) entrou aos dezesseis anos na ordem dos jesuítas. Estudou teologia em Salamanca e pregou em várias cidades espanholas. Morreu em Bolonha depois da expulsão dos jesuítas da Espanha. Traduziu do francês várias obras entre as quais *Gil Blas de Santillana*, de Lesage. A sua obra principal é a *História do famoso pregador frade Gerundio de Campazas, aliás Zotes* (1758), narração romanceada formada por uma série de aventuras com pouca continuidade que fornecem a base para uma sátira sobre a oratória da época. Nesta, frade Gerundio, filho de camponeses, entra em uma certa ordem religiosa e sob a orientação do frade Blas, seu tutor, escreve uma série de sermões cheios de latinismos e erudições supérfluas. Frade Prudenza é quem se encarrega de criticá-los. As caricaturas do padre Isla são ricas em comicidade, embora na sua narração a parte didática prevaleça sobre o romance. A obra, no momento da sua publicação, provocou uma imensa polémica, a ponto de ser proibida pelo Santo Ofício.



CAPÍTULO V
DE LOS DISPARATES QUE APRENDIÓ EN LA ESCUELA DE VILLAORNATE

Éralo un cojo, el cual, siendo de diez años, se había quebrado una pierna por ir a coger un nido. Había sido discípulo en León de un maestro famoso, que de un rasgo hacía una pájara, de otro un pabellón, y, con una *A* o una *M* al principio de una carta, cubría toda aquella primera llana de garambainas. Hacía carteles que dedicaba a grandes personajes, los cuales por lo común se los pagaban bien; y, aunque le llamaban por esto el maestro Socaliñas, a él se le daba poco de los murmuradores, y no por eso dejaba de hacer sus ridículos cortejos. Sobre todo era eminente en dibujar aquellos carteles que llaman de letras de humo, y, con efecto, pintaba un *Alabado* que podía arder en un candil. De este insigne maestro fue discípulo el cojo de Villaornate, y era fama que por lo menos había salido tan primoroso garambainista como su mismo maestro.

2. Siendo cosa averiguada que los cojos por lo común son ladinos y avisados, este tal cojo de quien vamos hablando no era lerdo, aunque picaba un poco en presumido y en extravagante. Como salió tan buen pendolista, desde luego hizo ánimo a seguir la carrera de las escuelas; esto es, a ser maestro de niños, y para soltarse en la letra, se acomodó por dos o tres años de escribiente con el notario de la vicaría de San Millán, el cual era hombre curioso y tenía algunos libros romancistas, unos buenos y otros malos. Entre éstos había tres libritos de ortografía, cuyos autores seguían rumbos diferentes y aun opuestos, queriendo uno que se escribiese según la etimología o derivación de las voces, otro defendiendo que se había de escribir como se pronunciaba, y otro que se debía seguir la costumbre. Cada uno alegaba por su parte razones, ejemplos, autoridades, citando academias, diccionarios, lexicones *ex omni lingua, tribu, populo et natione*; y cada cual esforzaba su partido con el mayor empeño, como si de este punto dependiera la conservación o el trastornamiento y ruina universal de todo el orbe literario, conviniendo todos tres en que la ortografía era la verdadera *clavis scientiarum*, el fundamento de todo el buen saber, la puerta principal del templo de Minerva, y que si alguno entraba en él sin ser buen ortografista, entraba por la puerta falsa, no habiendo en el mundo cosa más lastimosa que el que se llamasen escritores los que no sabían escribir. Sobre este pie metía cada autor una zambra de todos los diantres en defensa de su particular opinión. Al etimologista y derivativo se le partía el corazón de dolor viendo a innumerables españoles indignos que escribían *España* sin *H*, en gravísimo deshonor de la gloria de su misma patria, siendo así que se deriva de *Hispania*, y ésta de *Hispaan*, aquel héroe que hizo tantas proezas en la caza de conejos, de donde en lengua *púnica* se vino a llamar *Hispania* toda tierra donde había mucha gazapina. Y si se quiere que se derive de *Héspero*, aún tiene origen y cuna más brillante, pues no viene menos que del lucero vespertino, que es ayuda de cámara del Sol cuando se acuesta y le sirve el gorro para

CAPÍTULO V
DOS DESPROPÓSITOS QUE APRENDI NA ESCOLA DE VILLAORNATE

Era manco porque, quando tinha dez anos, tinha quebrado uma perna ao ir pegar um ninho. Tinha sido discípulo em León de um professor famoso, que de uma linha desenhava um pássaro, de outra um pavilhão, e, com um A ou um M no início de uma carta, cobria toda aquela primeira página de rabiscos. Fazia cartazes que dedicava a grandes personagens, os quais geralmente lhe pagavam bem; e, mesmo que por isso o chamassem de professor Ardiloso, ele se importava pouco com os faladores, e nem por isso deixava de fazer as suas ridículas homenagens. Sobretudo era bom para desenhar aqueles cartazes que chamam de letras esfumadas, e, com efeito, pintava um "Seja Louvado" que podia arder em uma candeia. Deste notável professor foi discípulo o manco de Villaornate, e se dizia que pelo menos tinha saído tão primoroso nos rabiscos quanto o seu professor.

2. Sendo coisa certa que os mancos em geral são astutos e sagazes, este tal manco de que estamos falando não era lerdo, mesmo excedendo um pouco em presunção e extravagância. Visto que tinha se tornado um tão bom calígrafo, desde cedo se animou em seguir carreira nas escolas; isto é, tornar-se professor de crianças, e para adquirir desenvoltura na escrita, empregou-se por dois ou três anos como escrevente com o tabelião do vicariato de San Millán, que era um homem curioso e tinha alguns livros em língua vernácula, uns bons e outros ruins. Entre esses havia três livrinhos de ortografia, cujos autores seguiam caminhos diferentes e até opostos, querendo um que se escrevesse segundo a etimologia ou derivação das palavras, outro defendendo que tinha-se que escrever como se pronunciava, e outro que se devia seguir o costume. Cada um alegava, por sua vez, razões, exemplos, autoridades, citando academias, dicionários, léxicos *ex omni lingua, tribu, populo et natione*; e cada um sustentava a sua idéia com o maior empenho, como se disso dependesse a conservação ou o transtorno e ruína universal de toda a esfera literária, concordando todos os três que a ortografia era a verdadeira *clavis scientiarum*, o fundamento de todo o bom saber, a porta principal do templo de Minerva, e que se alguém entrava nele sem ser bom em ortografia, entrava pela porta falsa, não havendo no mundo coisa mais lastimável do que ver definidos como escritores aqueles que não sabem escrever. Sobre essa premissa cada autor levantava uma algazarra dos diabos em defesa da própria opinião. Ao etimologista e derivativo partia-se-lhe o coração de dor vendo inumeráveis espanhóis indignos que escreviam *España* sem *H*, em gravíssima desonra para a glória de sua própria pátria, já que deriva de *Hispania*, e esta de *Hispaan*, aquele herói que fez tantas proezas na caça aos coelhos, razão pela qual na língua púnica começou-se a chamar de *Hispania* toda terra aonde havia muitos coelhos. E se quiser-se fazê-lo derivar de *Héspero*, tem ainda uma origem e berço mais brilhante, pois vem nada menos do que da estrela vespertina, que é camareira pessoal do Sol quando este se deita e lhe coloca o gorro para dormir; a qual a olho nu se vê que está no território celestial da nossa amada

Traz Gerúndio de Carpaças

dormir; el cual a ojos vistas se ve que está en el territorio celestial de nuestra amada patria; y quitándola a ésta la *H* con sacrílega impiedad, oscurecióse todo el esplendor de su clarísimo origen. ¡Y los que hacen esto se han de llamar españoles! ¡Oh indignidad! ¡Oh indecencia!

3. Pero donde perdía todos los estribos de la paciencia y aun de la razón, era en la torpe, en la bárbara, en la escandalosa costumbre o corruptela de haber introducido la *y* griega, cuando servía de conjunción en lugar de la *i* latina, que sobre ser más pulida y más pelada tenía más parentesco con el *ei* de la misma lengua, de donde tomamos nosotros nuestra *i*. Fuera de que la *y* griega tiene una figura basta, rústica y grosera, pues se parece a la horquilla con que los labradores cargan los haces en el carro; y, aunque no fuera más que por esta gravísima razón, debía desterrarse de toda escritura culta y aseada.

—Por esto —decía dicho etimologista— siempre que leo en algún autor y *Pedro*, y *Juan*, y *Diego*, en lugar de *i* *Diego*, *i* *Pedro*, *i* *Juan*, se me revuelven las tripas, se me conmueven de rabia las entrañas, *i* no me puedo contener sin decir entre dientes *hi de pu...* ¡Al contrario, no me harto de echar mil bendiciones a aquellos celeberrimos autores que saben cuál es su *i* derecha, *i* entre otros a dos catedráticos de dos famosas universidades, ambos inmortal honor de nuestro siglo *i* envidia de los futuros, los cuales en sus dos importantísimos tratados de ortografía han trabajado con glorioso empeño en restituir la *i* latina al trono de sus antepasados; por lo cual digo *i* diré mil veces que son benditos entre todos los benditos.

4. No le iba en zaga el otro autor que, despreciando la etimología y la derivación, pretendía que en las lenguas vivas se debía escribir como se hablaba, sin quitar ni añadir letra alguna que no se pronunciase. Era gusto ver cómo se encendía, cómo se irritaba, cómo se enfurecía contra la introducción de tantas *hh*, *nn*, *ss* y otras letras impertinentes que no suenan en nuestra pronunciación.

—Aquí de Dios y del Rey —decía el tal autor, que no parecía sino portugués en lo fanfarrón y en lo arrogante—; si pronunciamos *ombre*, *onra*, *ijo*, sin aspiración ni alforjas, ¿a qué tonemos de pegar a estas palabras aquella *h* arrimadiza, que no es letra ni calabaza, sino un recuerdo, o un punto aspirativo? Y si se debe aspirar con la *h* siempre que se pone, ¿por qué nos reímos del andaluz cuando pronuncia *jijo*, *jonra*, *jombre*? Una de dos: o él *habla* bien, o nosotros escribimos mal. Pues ¿qué diré de las *nn*, *ss*, *rr*, *pp* y demás letras dobles que desperdiciamos lo más lastimosamente del mundo? Si suena lo mismo *pasión* con una *s* que con dos, *inocente* con una *n* que con dos, *Filipo* con una *p* que con dos, *ut quid perditio haec*? Que doblemos las letras en aquellas palabras en que se pronuncian con particular fortaleza, o en las cuales, si no se doblan, se puede confundir su significado con otro, como en *perro* para distinguirlo de *pero*, en *parro* para diferenciarle de *paro*, y en *cerro* para que no se equivoque con *cero*, vaya; pero en *buro*, que ya se sabe lo que es y no puede equivocarse con otro algún significado, ¿para qué *emos* de gastar una *r* más, que después puede *acernos* falta para mil cosas? ¿Es esto más que gastar tinta, papel y tiempo contra todas las reglas de la buena

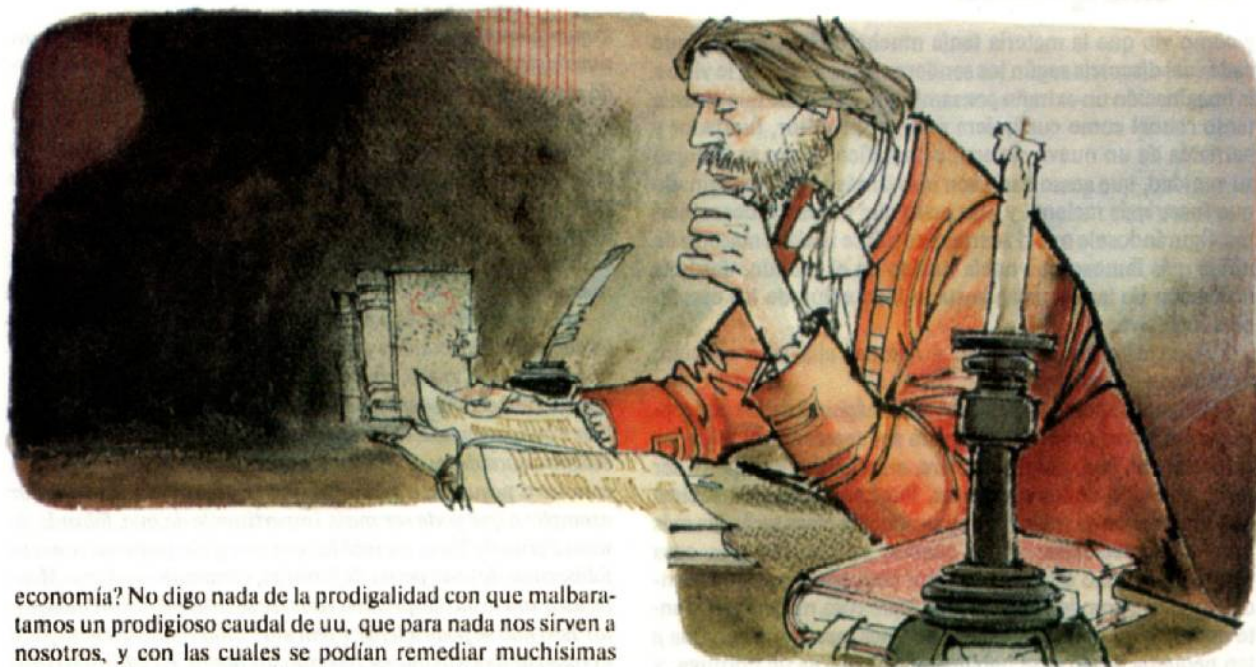
pátria; e eliminando este *H* con sacrílega impiedad, obscureceu-se todo o esplendor da sua brilhante origem. E os que fazem isso ainda têm o desprazo de querer ser chamados de espanhóis! Oh, indignidade! Oh, indecência!

3. Mas onde perdia todos os freios da paciência e até da razão era no torpe, no bárbaro, no escandaloso costume ou corruptela de ter introduzido o *y* grego, quando servia de conjunção, no lugar do *i* latino, que além de ser mais delicado e mais simples, tinha mais parentesco com o *ei* da mesma língua, de onde derivamos o nosso *i*. Além do que o *y* grego tem um aspecto rude, rústico e grosseiro, pois se parece com a forquilha com que os lavradores carregam os feixes de lenha na carroça; e, se não fosse por esta gravíssima razão, deveria ser banido de toda escrita culta e aseada.

Por isto —dizia o citado etimologista— sempre que leio em algum autor y *Pedro*, y *Juan*, y *Diego*, no lugar de *i* *Diego*, *i* *Pedro*, *i* *Juan*, se me embrulha o estômago, se me contorcem de raiva as entranhas, e não posso me conter sem dizer entredentes filho da pu... E ao contrário não me canso de mandar mil bênçãos àqueles celeberrimos autores que sabem qual é o seu *i* correto, e entre outros dois famosos catedráticos de duas famosas universidades, ambos honra imortal do nosso século e inveja dos futuros, os quais em seus importantíssimos tratados de ortografia trabalharam com glorioso empenho para restituir o *i* latino ao trono de seus antepassados; pelo que digo e direi mil vezes que são benditos entre todos os benditos.

4. Não lhe seguia os passos o outro autor que, desprezando a etimologia e a derivação, queria que nas línguas vivas se escrevesse como se falava, sem tirar nem pôr letra alguma que não se pronunciasse. Era divertido ver como se inflamava, se irritava, se enfurecia contra a introdução de tantos *h*, *n*, *s* e outras letras impertinentes que não soavam na nossa pronúncia.

—Por Deus e pelo Rei —dizia o tal autor, que parecia um português na fanfarronice e arrogância—; se pronunciamos *ombre*, *onra*, *ijo*, sem aspiração nem acréscimos, por que devemos pregar a estas palavras aquela *h* parasita, que não é letra nem abóbora, mas sim uma reconciliação, ou um sinal de aspiração? E se devêssemos aspirar com o *h* sempre que o colocamos, porque rimos do andaluz quando pronuncia *jijo*, *jonra*, *jombre*? Das duas, uma: ou ele fala bem ou nós escrevemos mal. E o que dizer dos *nn*, *ss*, *rr*, *pp* e demais letras duplas que desperdiçamos da maneira mais lastimável? Se soa do mesmo modo *pasión* com um *s* ou com dois, *inocente* com um *n* ou com dois, *Filipo* com um *p* ou com dois, *ut quid perditio haec*? Que dupliquemos as letras naquelas palavras em que se pronunciam com particular força, ou nas quais, se não duplicadas, pode-se confundir o seu significado com outro, como em *perro* para distingui-la de *pero*, em *parro*, para diferenciá-la de *paro*, e em *cerro* para que não se confunda com *cero*, vá lá; porém em *buro*, que já se sabe o que é e não pode confundir-se com nenhum outro significado, para que temos que gastar um *r* a mais, que depois pode fazer-nos falta para mil coisas? Isto nada mais é do que gastar tinta, papel e tempo contra todas as regras da boa economia. Não digo nada da prodigalidade com que desperdiçamos uma extraordinária quantidade de *uu*, que para nada nos servem, e com os quais se poderia remediar muitíssimas nações pobres que não têm um *u* para levar à boca. Por exemplo: em qué, em por qué, em para qué, em quier, et reliqua. Sabem me dizer os



economía? No digo nada de la prodigalidad con que malbaratamos un prodigioso caudal de uu, que para nada nos sirven a nosotros, y con las cuales se podían remediar muchísimas pobres naciones que no tienen una u que llegar a la boca. Verbigracia: en *qué*, en *por qué*, en *para qué*, en *quiero*, *et reliqua*. ¿No me dirán ustedes qué falta nos *ace* la u, puesto que no se pronuncia? ¿Estaría peor escrito *quiero*, *qé*, *por qé*, *para qé*, etc.? Añado que, como la misma q lleva envuelta en su misma pronunciación la u, podíamos *aorrar* muchísimo caudal de uu para una urgencia, aun en aquellas voces en que claramente suena esta letra; porque, ¿*qé* inconveniente tendría *qe* escribiésemos *qerno*, *qando*, *qales*, para pronunciar *querno*, *quando*, *quales*? Aún hay más en la materia: puesto que la k tiene la misma fuerza que la q, todas las veces que la u no se declara, distingamos de tiempos y concordaremos derechos; quiero decir, desterremos la q de todas aquellas palabras en que no se pronuncia la u, y valgámonos de la k, pues aunque así se parecerá la escritura a los *kiries* de la misa, no perderá nada por eso, Vaya un verbigracia de toda esta ortografía:

5. "El ombre ke kiera escribir coretamente, uya qanto pudiere de escribir akellas letras ke no se egspresan en la pronunciación; porke es desonra de la pluma, ke debe ser buena ija de la lengua, no aprender lo ke la enseña su madre, etc. Cuéntense las uu que se *aorran* en sólo este período, y por aquí se sacará las que se podían *aorrar* al cabo del año en libros, instrumentos y cartas; y luego extrañarán que se haya encarecido el papel.

6. Por el contrario, el ortografista que era de opinión que en esto de escribir se había de seguir la costumbre, no se metía en dibujos; y haciendo gran burla de los que gastaban el calor natural en estas bagatelas, decía que en escribiendo como habían escrito nuestros abuelos, se cumplía bastante; y más, cuando en esto de ortografía hasta ahora no se habían establecido principios ciertos y generalmente admitidos, más que unos pocos, y que en lo restante cada uno fingía los que se le antojaba. El cojo que, como ya dijimos, era un si es no es muchísimo extravagante, leyó todos los tres tratados;

senhores que falta nos faz o u, visto que não se pronuncia? Estaria mais mal escrito qiero, qé, por qé, para qé etc.? Acrescento que, como o próprio q inclui já na sua pronúncia o u, poderíamos economizar uma grandíssima quantidade de uu para uma emergência, mesmo naquelas palavras em que claramente soa esta letra; porque, qe inconveniente teria se escrevêssemos qerno, qando, qales, para pronunciar querno, quando, quales? E ainda tem mais: dado que o k tem a mesma força do q, todas as vezes que o u não se escuta, distingamos os tempos e ficaremos bem; quero dizer, vamos banir o q de todas aquelas palavras nas quais não se pronuncia o u, e utilizemos o k, pois mesmo que assim a escrita se pareça com os kiries da missa, não perderá nada com isso. Eis um exemplo de toda essa ortografia:

5. "O omem ke kiser escrever coretamente, fuja qanto puder de escrever akelas letras ke não se espresam na pronúncia; porke é desonra para a pena, ke deve ser boa filha da língua, não aprender o ke lhe ensina sua mãe etc." Se contarmos os uu que se economizam somente neste período, poderemos calcular quanto se poderia economizar em um ano em livros, documentos e cartas; e depois acham estranho que o papel tenha encarecido.

6. Ao contrário, o ortógrafo que era de opinião que nessa história de escrever deviam-se seguir os costumes, não fazia demonstrações; e zombando muito dos que gastavam o calor natural nestas bagatelas, dizia que escrevendo como escreviam nossos avós, fazia já o seu dever; e mais, pois nesse campo da ortografia até agora não se tinham estabelecido princípios certos e genericamente aceitos, além de uns poucos, e que no resto cada um inventava o que queria. O manco que, como já dissemos, era um grandíssimo extravagante, leu todos os três tratados; e como viu que o assunto tinha muito de arbitrário, e que cada um discorria segundo os caminhos do seu coração, lhe veio à mente um estranho pensamento. Pareceu-lhe que tinha tantos dotes quan-

Erax Gerundo de Carpaças

y como vio que la materia tenía mucho de arbitraria, y que cada cual discurría según los senderos de su corazón, le vino a la imaginación un extraño pensamiento. Parecióle que él tenía tanto caudal como cualquiera para ser inventor, fundador y patriarca de un nuevo sistema ortográfico; y aun se lisonjeó su vanidad, que acaso daría con uno jamás oído ni imaginado que fuese más racional y más justo que todos los descubiertos; figurándosele que si acertaba con él se haría el maestro de niños más famoso que había habido en el mundo, desde la fundación de las escuelas hasta la institución de los escuolarios inclusive.

7. Con esta idea comenzó a razonar allá para consigo, diciéndose a sí mismo:

— ¡Válgame Dios! Las palabras son imágenes de los conceptos, y las letras se inventaron para ser representación de las palabras; con que, por fin y postre, ellas también vienen a ser representación de los conceptos. Pues ahora, aquellas letras que representaren mejor lo que se concibe, ésas serán las más propias y adecuadas; y así, cuando yo concibo una cosa pequeña, la debo escribir con letra pequeña, y cuando grande, con letra grande. Verbigracia: ¿qué cosa más impertinente que, hablando de una Pierna de Vaca, escribirla con una *p* tan pequeña como si se hablara de una pierna de hormiga, y tratando de un Monte, usar una *m* tan ruin como si tratara de un mosquito? Esto no se puede tolerar, y ha sido una inadvertencia fatal y crasísima de todos cuantos han escrito hasta aquí. ¿Hay una cosa más graciosa o, por mejor decir, más ridícula que igualar a Zaqueo en la *z* con Zorobabel y con Zabulón, siendo así que consta de la Escritura que el primero era pequeñito y casi enano, y los otros dos, cualquiera hombre de juicio los concibe por lo menos tan grandes y tan corpulentos como el mayor gigantón del día del Corpus? Porque pensar que no llenaban tanto espacio de aire como llenan de boca, *proportione servata*, es cuento de niños. Pues ve aquí, ¡que salgan Zaqueo y Zabulón en un escrito y que,

to qualquer outro para ser inventor, fundador e patriarca de um novo sistema ortográfico; e ainda lisonjeou sua vaidade achando que encontraria um sistema nunca ouvido nem imaginado, que fosse mais racional e mais correto do que todos os descobertos; e imaginava que, se conseguisse isso, se tornaria o professor de crianças mais famoso que já tinha havido no mundo, desde a fundação das escolas até a própria instituição das academias de medicina.

7. Com esta idéia começou a raciocinar, dizendo para si mesmo:

— Valha-me Deus! As palavras são imagens dos conceitos, e as letras foram inventadas para serem a representação das palavras; pois bem, então, elas também vêm a ser a representação dos conceitos. Pois então, aquelas letras que representarem melhor o que se concebe, essas serão as mais próprias e adequadas; e assim, quando eu concebo uma coisa pequena, devo escrevê-la com letra pequena, e quando é grande, com letra grande. Por exemplo: o que pode ser mais impertinente do que, falando de uma Perna de Vaca, escrevê-la com um *p* tão pequeno como se falássemos de uma perna de formiga, e tratando-se de um Monte, usar um *m* tão desprezível como se se tratasse de um mosquito? Isso não se pode tolerar; e tem sido uma inadvertência fatal e crassa de todos os que escreveram até agora. Existe uma coisa mais engraçada, ou melhor dizendo, mais ridícula do que igualar Zaqueu no *z* com Zorababel e com Zabulão, visto que consta nas Escrituras que o primeiro era pequenino e quase



siendo o habiendo sido en sí mismos tan desiguales en el tamaño, han de parecer iguales en la escritura! ¡Vaya, que es un grandísimo despropósito! Ítem: si se habla de un hombre en quien todas las cosas fueron grandes, como si dijéramos un San Agustín, ponderando su talento, su genio, su comprensión, ¿hemos de escribir y pintar en el papel estas agigantadas prendas con unas letritas tan menudas y tan indivisibles, como si habláramos, por comparanza, de las del autor del poema épico de la vida de San Antón y otros de la misma calaña? Eso sería cosa ridícula y aun ofensiva a la grandeza de un Santo Padre de tanta magnitud. Fuera de que, ¿dónde puede haber mayor primor que el hacer que cualquiera lector, sólo con abrir un libro y antes de leer ni una sola palabra, conozca, por el mismo tamaño y multitud de las letras grandes, que allí se trata de cosas grandiosas, magníficas y abultadas; y al contrario, en viendo que todas las letras son de estatura regular, menos tal cual que sobresale a trechos como los pendones en la procesión, cierre incontinenti el libro y no pierda tiempo en leerle, conociendo desde luego que no se contienen en él sino cosas muy ordinarias y comunes? Quiero explicar esto con el ejemplo de un estupendo sermón predicado al mismo San Agustín, el mejor que he oído, ni pienso oír en los días de mi vida. Preguntaba el predicador por qué a San Agustín se le llamaba el *Gran Padre de la Iglesia*, y a ningún otro Santo Padre ni Doctor de ella se le daba este epíteto. (Así decía él). Y respondió:

8. "Porque mi Agustino no sólo fue Gran Padre, sino Gran Madre y Gran Abuelo de la Iglesia. Gran Padre, porque antes de su Conversión tuvo muchos Hijos, aunque no se le logró más que uno. Gran Madre, porque Concibió y Parió muchos Libros. Gran Abuelo, porque Engendró a los Ermitaños de San Agustín, y los Ermitaños de San Agustín engendraron después todas las Religiones mendicantes, que siguen su Santa Regla, las cuales todas son Nietas del Grande Agustino. Y note de paso el discreto que la Regla destruye la Maternidad, y la Regla fue la que aseguró la Paternidad de mi Gran Padre, *Magnus Parens*.

9. "Este trozo de sermón, que oí con estos mismísimos oídos que han de comer la tierra, y un pobre ignorante y mentecato, aunque tenía crédito de gran letrado y hombre maduro, trató de puerco, sucio, hediondo y digno del fuego; pero a mí me pareció, y hoy me lo parece, la cosa mayor del mundo: digo que este trozo de sermón, escrito como está escrito, esto es, con letras mayúsculas y garrafales en todo lo que toca a San Agustín, desde la primera vista llama la atención del lector y le hace conocer que allí se contienen cosas grandes, y sin poderse contener luego se abalanza a leerlo. Cuando al contrario, si estuviera escrito con letras ordinarias, no pararía mientes en él, y quizá le arrimaría sin haber leído una letra. Así que en esta mi ortografía se logra, lo primero, la propiedad de las letras con los conceptos que representan; lo segundo, el decoro de las personas de quien se trata; lo tercero, el llamar la atención de los lectores. Y podía añadir lo cuarto, que también se logra la hermosura del mismo escrito; porque son las letras grandes en el papel lo que los árboles en la huerta, que la amenizan y la agracian, y

añão, e os outros dois, qualquer homem de juízo os concebe pelo menos tão grandes e tão corpulentos como o maior gigante do dia de Corpus Christi? Porque pensar que não preenchiam tanto espaço no ar quanto o enchem na boca, proporcione servata, é história para crianças. E disso resulta que apareçam Zaquê e Zabulão num escrito e que, sendo ou tendo sido eles tão desiguais em tamanho, tenham que parecer iguais na escrita! Olha que é um grandíssimo despropósito! Igualmente: se falamos de um homem no qual todas as coisas foram grandes, como se disséssemos um Santo Agostinho, avaliando o seu talento, seu gênio, sua compreensão, temos que escrever e pintar no papel estas magníficas qualidades com umas letrinhas tão miúdas e tão indivisíveis, como se falássemos, por comparação, daquele autor de um poema épico sobre a vida de Santo Antônio e outros da mesma índole? Isso seria uma coisa ridícula e até ofensiva à grandeza de um Santo Padre de tanta magnitude. Além do que, onde pode haver maior primor do que no fazer com que qualquer leitor, somente ao abrir um livro e antes de ler uma só palavra, conheça, pela dimensão e quantidade das letras maiúsculas, que ali se trata de coisas grandiosas, magníficas e solenes; e, ao contrário, vendo que todas as letras são de tamanho regular, menos aquela que sobressai a cada trecho como os estandartes na procissão, feche imediatamente o livro e não perca tempo em lê-lo, conhecendo desde cedo que não contém em si a não ser coisas muito banais e comuns? Quero explicar isto com o exemplo de um estupendo sermão do mesmo Santo Agostinho, o melhor que já ouvi, ou penso ouvir por todos os dias da minha vida. Perguntava o pregador porque Santo Agostinho era chamado de Grande Pai da Igreja, e a nenhum outro Santo Padre nem Doutor dela se dava este epíteto. (Assim dizia ele). E respondeu:

8. "Porque o meu Agostinho não somente foi um Grande Pai, mas também uma Grande Mãe e Grande Avô da Igreja. Grande Pai, porque antes da sua Conversão teve muitos Filhos, mesmo se não se lhe atribui mais do que um. Grande Mãe, porque Concebeu e pariu muitos Livros. Grande Avô, porque Gerou os Eremitas de Santo Agostinho, e os Eremitas de Santo Agostinho geraram depois todas as Religiões mendicantes, que seguem a sua Santa Regra, as quais são todas Netas do Grande Agostinho. E note entretanto o sábio que a Regra destrói a Maternidade, e a Regra foi o que assegurou a Paternidade ao meu Grande Pai. *Magnus Parens*!

9. "Esse trecho de sermão, que ouvi com estes mesmíssimos ouvidos que a terra há de comer, e um pobre ignorante e mentecapto, que mesmo tendo fama de grande letrado e homem maduro, tratou de porco, sujo, hediondo e digno do fogo; mas a mim pareceu, e ainda hoje parece, a maior coisa do mundo: digo que este trecho de sermão, escrito como está, isto é, com letras maiúsculas e garrafas em tudo o que diz respeito a Santo Agostinho, desde a primeira olhada chama a atenção do leitor e o faz saber que ali estão grandes coisas, e sem poder se conter logo se apressa em lê-lo. Enquanto, se, ao contrário, estivesse escrito com as letras normais, não prestaria atenção nele, e talvez o guardaria sem ter lido uma letra. De modo que nesta minha ortografia se obtém, em primeiro lugar, a propriedade das letras com os conceitos que representam; em segundo lugar, a reverência para com as pes-

Frax Gerundio de Carpaças



desde luego da a entender que aquélla es huerta de señor, cuando un libro todo de letras iguales y pequeñas parece huerta de verdura y hortaliza, que es cosa de frailes y gente ordinaria.

10. Con estas disparatadas consideraciones se enamoró tanto el extravagante cojo de su ideada ortografía, que resolvió seguirla, entablarla y enseñarla. Y habiendo vacado por aquel tiempo la escuela de Villaornate, por ascenso del maestro actual a fiel de fechos de Cojeces de Abajo, la pretendió y la logró a dos paletadas, porque ya había cobrado mucha fama en toda la tierra con ocasión de los litigantes que acudían a la vicaría. Llovían niños como paja de todo el contorno a la fama de tan estupendo maestro; y Antón Zotes y su mujer resolvieron enviar allá a su Gerundico, para que no se malograra la viveza que mostraba. El cojo le hizo mil caricias, y desde luego comenzó a distinguirlo entre todos los demás niños. Sentábase junto a sí, haciale punteros, limpiábale los mocos, dábale avellanas y mondaduras de peras; y cuando el niño tenía gana de proveerse, el mismo maestro le soltaba los dos cuartos traseros de las bragas (porque consta de instrumentos de aquel tiempo que eran abiertas), y arremangándole la camisita, le llevaba en esta postura hasta el corral, donde el chicuelo hacía lo que había menester. No era oro todo lo que relucía, y el bellaco del cojo sabía bien que no echaba en saco roto los cariños que hacía a Gerundico, porque a los buenos de sus padres se les caía con esto la baba; y además de pagarle muy puntualmente el real del mes, la rosca del sábado que llevaba su hijo era la primera y la mayor, y siempre acompañada con dos huevos de pava, que no parecían sino mesmamente como dos bolas de truchos. Amén de eso, en tiempo de matanza eran corrientes y seguras tres morcillas, con un buen pedazo de solomo; esto sin entrar en cuenta la morcilla cagalar, con dos buenas varas de longaniza, que era el colgajo del día de San Martín, nombre que tenía el maestro. Y cuando paría señora (así llamaban los niños a la maestra), era cosa sabida que la tía Catanla la regalaba con dos gallinas, las más gordas que había en todo su gallinero, y con una libra de bizcochos, que se traían exprofesamente de la confitería de Villamañán. Con esto se esmeraban maestro y maestra en acariciar al niño, tanto, que la maestra todos los sábados le cortaba las uñas, y de quince en quince días le espulgaba la cabeza y sacaba las liendres.

soas de quem se fala; em terceiro, o chamar a atenção dos leitores. E poderia acrescentar ainda o quarto, que também se obtém a beleza da escrita; porque as letras maiúsculas no papel são como árvores numa horta, que a amenizam e lhe dão graça, e prontamente dão a entender que aquela é a horta do senhor; enquanto um livro todo de letras iguais e pequenas parece uma horta de venturus e hortaliças, que é coisa de frades e gente comum.

10. Com estas disparatadas considerações, se apaixonou tanto o extravagante manco pela sua idealizada ortografia, que resolveu segui-la, difundi-la e ensiná-la. E como naquele tempo vagara um lugar na escola de Villaornate, pela promoção do professor atual a fiel tabelião de Cojeces de Abajo, pediu-o e o obteve num piscar de olhos, porque já tinha grande fama em toda a região por causa dos litigantes que recorriam ao vicariato. Choviam meninos como palha de toda a vizinhança com a fama de tão estupendo professor; e Antón Zotes e sua mulher resolveram enviar para lá o seu Gerundino, para que não malograsse a inteligência que demonstrava. O manco fez-lhe mil carinhos, e desde cedo começou a distingui-lo entre os demais meninos. Sentava-o junto a si, apontava seus lápis, limpava-lhe a coriza, dava-lhe avelãs e peras; e quando o menino precisava fazer as suas necessidades, o próprio professor lhe soltava as duas partes posteriores das calças (porque consta de documentos daquele tempo que eram abertas), e arregaçando-lhe a camisa, o levava assim até o estábulo, onde o menino fazia o que tinha que fazer. Não era ouro tudo o que reluzia, e o velhaco do manco sabia bem que não botava em saco furado os carinhos que fazia em Gerundino, porque aqueles ingênuos dos seus pais babavam por isso; e além de pagar-lhe muito pontualmente o real do mês, a rosca do sábado que o seu filho levava era a melhor, e sempre acompanhada de dois ovos de perua, que pareciam mais duas bolas de bilhar. Além disso, na época de abate, eram garantidas e certas duas morcelas, com um bom pedaço de lombo; isto sem levar em conta a morcela do intestino, com duas belas varas de linguiça, presente do dia de San Martín, nome do professor. E quando paria a senhora (assim os meninos chamavam a professora), era sabido que a tia Catanla a presenteava com duas galinhas, as mais gordas de todo o galinheiro, e com uma libra de biscoitos, que trazia propositadamente da confeitaria de Villamañán. E assim se esmeravam o professor e a professora em acariciar o menino, tanto que a professora todos os sábados lhe cortava as unhas, e de quinze em quinze dias lhe tirava os piolhos da cabeça e removia as lêndreas.

A/UNIDAD

22

CONVERSACIÓN

Fortunata e Jacinta

Direção: Angelino Forns

Emma Penella: *Fortunata*

Liana Orfei: *Jacinta*

Máximo Valverde: *Juan Santacruz*

Bruno Corazari:
Maximiliano Rubín



Obra entre as mais significativas do grande romancista "realista" Benito Pérez Galdós (1843 - 1920), *Fortunata e Jacinta* nos transporta à Madri da segunda metade do século XIX. *Fortunata*, órfã de origem humilde, vive com uma tia em uma casa no bairro popular de Cova de San Miguel. Lá conhece Juan Santacruz, por quem se apaixona perdidamente. Santacruz, um conquistador, filho de uma rica família de comerciantes madrilenses, se apaixona obstinadamente por *Fortunata* e a transforma em sua amante. A família dele se opõe a esta relação e pensa em casar o filho com *Jacinta*, uma prima rica. O matrimônio é celebrado e Santacruz deixa *Fortunata*. Nesse meio tempo *Fortunata* perdeu um filho de Santacruz e tenta refazer a sua vida com um traficante de armas catalão. Quando Santacruz toma conhecimento da gravidez interrompida, encontra a garota e torna-se novamente seu amante. O traficante de armas catalão descobre a relação e põe *Fortunata* para fora de casa, e esta se refugia na casa de Feliciano, uma velha amiga. Lá, *Fortunata* encontra Maximiliano Rubín, um estudante de farmácia, que se apaixona por ela e a pede em casamento.

Fortunata aceita, embora a família dele a obrigue a passar um período em um instituto religioso para preparar-se para ser uma boa esposa. Mas Santacruz não se dá por vencido e encontra *Fortunata*, que cede pela enésima vez às suas adulações. Quando Maximiliano descobre que a relação entre *Fortunata* e Santacruz nunca havia terminado, tem um ataque de loucura. *Fortunata* decide enfrentar a esposa de Santacruz, *Jacinta*, para dizer-lhe que a "verdadeira" esposa de Santacruz é ela, que, mesmo não tendo se casado com ele, espera um filho seu. Começa uma violenta briga entre as duas mulheres, que termina quando *Fortunata* se fecha em um sótão e dá à luz sozinha ao filho. Ao invés de Santacruz, é Maximiliano que corre para ajudá-la e que lhe faz saber que Santacruz tem uma outra amante. *Fortunata*, tomada pela fúria e pelo desejo de vingança abandona momentaneamente o filho no sótão, e vai à procura da sua nova rival. Depois de tê-la espancado brutalmente, morre esvaída em sangue, não sem antes ter entregue o filho de Santacruz a quem não podia concebê-lo: *Jacinta*. Os Santacruz acolhem o recém-nascido e pagam o cortejo fúnebre, com vinte carruagens de luxo. Mas elas permanecem vazias e ninguém segue o caixão da mulher do povo que amou até à morte o "senhor" indigno de tanto amor.

FORTUNATA Y JACINTA



ESCENA 1'



Arriba: Fortunata, llena de ilusiones, piensa en Juan Santacruz y en el hijo que espera.

Abajo: Fortunata recoge los vestidos que un amigo con el que vive acaba de arrojar por la ventana y decide irse a casa de una amiga.

Feliciano

Mientras el señorito Santacruz no vuelva², ¿qué vas a hacer?

Fortunata

A eso he venido³, a que me recojas en tu casa.

Feliciano

Me lo imaginaba. No tienes cuajo⁴ para volver a la Cava de San Miguel.

Fortunata

Desde que murió mi hijo la casa vacía se me cae encima⁵. Y decías que siguiera con él, que me convenía. ¡Pues, anda, que con todo su dinero, mira cómo me ha dejao⁶!

Feliciano

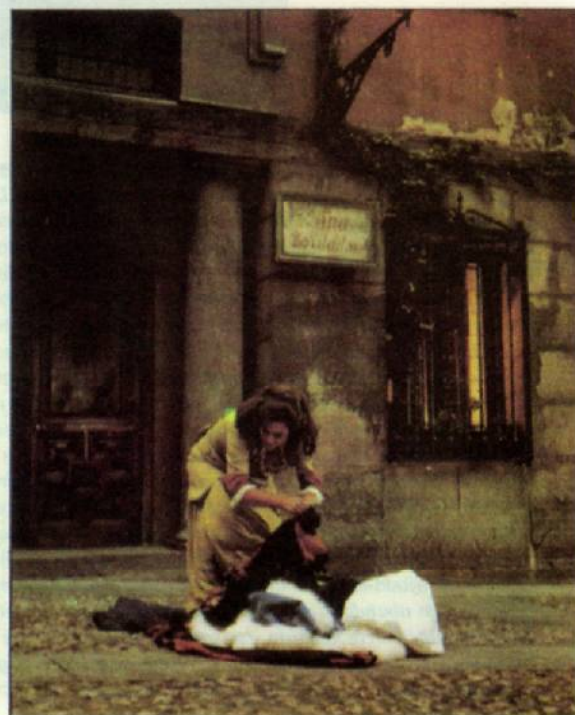
Anda, toma un trago⁷. Bueno, ahora mucho llorar⁸. Podías haber venido un poquito antes, cuando todavía te quedaban un par de abrigos de pieles⁹. No me hagas caso¹⁰, era por echarlo a broma¹¹.

Fortunata

(LLORA).

Feliciano

Oye, a mí no te me pongas tierna¹², que yo también tengo fácil el lagrimal¹³.





Fortunata

Gracias, Feliciania. Desde que he perdido las esperanzas de casarme me echo a llorar¹⁴ por cualquier cosa...

Feliciania

Sí, te quedarás aquí. Nos arreglaremos como podamos¹⁵. Pondremos una cortina¹⁶ y tú dormirás al otro lado. Y cuando venga mi novio¹⁷, un chico que estudia farmacia, un señorito como el de Santa Cruz, pero menos, te vas a dar un paseo¹⁸. ¿eh? No te preocupes, no te haremos esperar mucho en la calle. Al ratito¹⁹ está deseando marcharse. Me dice que tiene mucho que estudiar.

Fortunata

(RIE)

Feliciania

¡Eh, déjame un poco!

(RISAS)

1. Depois de ter sido abandonada pelo seu amante Juan Santacruz, Fortunata tenta refazer sua vida com um traficante de armas catalão que a leva consigo e a faz viver como sua esposa. Mas Juan Santacruz não a deixa em paz, a procura e lhe propõe voltar com ele. Fortunata cede de novo às

propostas de Santacruz, mas é posta para fora de casa pelo catalão quando este descobre a relação. Sozinha e na miséria, Fortunata se refugia no sótão de uma velha amiga, Feliciania, noiva de um estudante de farmácia. Nesta cena as duas amigas trocam confidências sobre as suas penas e

bebem juntas um copo de aguardente.

2. *Mientras... no vuelva*: subordinada temporal introduzida pela conjunção *mientras*.

3. *A eso he venido...*, "por isso eu vim..."; oração principal da qual depende a subordinada final que segue: "para que me hospede na sua casa".

4. *Cuajo* (do latim *coagulum*) significa "coelho", ou seja, aquela substância que faz talhar o leite ou qualquer outro líquido; em sentido figurado, *tener cuajo* é sinônimo de *tener flema*, "ter calma, tranquilidade", e, por extensão, significa também "não ter coragem para fazer algo".

5. *Se me cae encima*, "cai em cima de mim" (no sentido de "não a suportar"). A partícula *se* é pleonástica e serve para reforçar o pronome pessoal oblíquo *me*.

6. *¡Mira cómo me ha dejado!*, "olha como me deixou!". *Dejar* deriva, com a perda do *d* intervocálico muito comum na linguagem popular, de *dejado*, participio passado do verbo *dejar*.

7. *Tomar un trago*, "tomar um trago, uma bebida".

8. *Mucho llorar*, "chorar muito". Feliciania repreende Fortunata por ter chorado em vão, visto que Santacruz acabou abandonando-a. Feliciania, nas respos-

tas sucessivas, diz zombeteiramente à amiga que poderia ter vindo antes para visitá-la, quando ainda não tinha caído em desgraça e teria podido presentear-la com alguma coisa.

9. *Abrigo de piel* significa "casa-co de pele".

10. *No hacer caso a algo*, "não se incomodar com algo".

11. *Echar a broma* equivale a *tomar a broma*, "levar na brincadeira".

12. *No ponerse tierno uno*, "não tornar-se terno, não se pôr a chorar". *Tierno*, em sentido figurado, significa "propenso ao choro, sentimental".

13. *Lagrimal*, "lacrimal" (glândula no canto do olho por onde saem as lágrimas); a frase inteira significa "tenho o choro fácil".

14. *Echarse a llorar*, "pôr-se a chorar". A construção *echar a* + infinitivo é usada com os verbos *andar*, *correr*, *volar*, *nadar*; e *echarse a* + infinitivo, com os verbos *llorar*, *reír*, *temblar*. Equivalente a "pôr-se a + infinitivo", a construção com *echarse* enfatiza, porém, que a ação começou de modo bastante brusco.

15. *Como podamos...*; oração subordinada modal que explica a principal. O uso do modo subjuntivo confere um caráter de incerteza à disposição que adotação na casa de Feliciania. Significa que irão resolvendo as coisas à medida que aparecerem.

16. *Cortina*, "cortina".

17. *Novio*, "noivo".

18. *Dar un paseo* equivale a *pasear*, "passear".

19. *Al ratito*, "depois de pouco tempo, logo depois". *Ratito* é o diminutivo de *rato*, "momento,

FORTUNATA Y JACINTA



A la izquierda: Juan Santacruz se casa con Jacinta, hija única de una familia acomodada madrileña.
Abajo: Jacinta, con su tía y Juan Santacruz, de pie en segunda fila del palco, asisten a un concierto en el Teatro Real.

En la pág. siguiente, arriba: Fortunata, llena de ira, se presenta en una casa de citas en busca de Juan Santacruz.
En el centro: Desolada y abatida, Fortunata se siente sola y abandonada por un amor imposible.



ESCENA 2²⁰

Olmedo

¿Qué hace mi buen amigo Rubinus Vulgaris²¹?

Maximiliano

¡Hola, Olmedo! ¿Qué te trae por aquí²²?

Olmedo

Vengo a librarte²³ de este claustro²⁴. Vas a cenar conmigo en casa de Feliciano con una amiga que ahora vive con ella ¿Hm? ¿Qué te parece?

Maximiliano

¿Yo cenar con una mujer?

Olmedo

Con una mujer como de aquí a allá²⁵. No has visto otra mejor en tu vida. (RUBINUS PREPARA UN JARABE²⁶ Y AGITA LA BOTELLA)

Maximiliano

¿Es honrada²⁷?

Olmedo

¡Ja! ¿Pero crees que hay alguna mujer que se pueda llamar honrada? No te enfades²⁸, hombre. A lo mejor es honrada. Bueno, ya sabes dónde vivimos. Oye, no dejes de venir²⁹ que a lo mejor³⁰ a Feliciano le sabe mal³¹... ¡Adiós, Rubinus! ¡Ah, dile a tu tía que vienes a estudiar conmigo! Así te dejará salir.

ESCENA 3³²



Maximiliano

Aquí tienes mis ahorros³³. (MIENTRAS VUELCA UNA BOLSA DE MONEDAS) Con esto bastará para desempeñar las ropas³⁴. Los trajes y el sombrero. Las alhajas³⁵ se sacarán más adelante³⁶. Con el resto, viviremos hasta que yo arregle lo de³⁷ mi herencia. No quiero que hagamos ni una sola trampa³⁸. Ni una sola.

Fortunata... Si tú me sabes querer, yo... te querré mucho más que a mi vida. Te adoraré. ¿Por qué te ríes?

Fortunata

No lo sé. Me ha hecho gracia³⁹ eso de "te adoraré".



instante (de tempo)".

20. Olmedo, o noivo de Felicina, convida o amigo Maximiliano Rubín, que nunca coñeceu afortunada. Rubín, que nunca coñeceu afortunada. Rubín, que nunca coñeceu afortunada.

21. *Rubinus Vulgaris*: alteración irónica latinizada do sobrenome Rubín, que alude aos estudos de farmacia de Maximiliano.

22. *¿Qué te trae por aquí?*, "o que te trae por aquí?"

23. *Librar* (*liberar*), "librar, liberar-se de un problema".

24. *Claustro* significa "claustro" e, por extensión, "convento"; Olmedo ironicamente manifesta a propia intención de divertir o amigo, sabidamente solitario e dedicado aos estudos.

25. *De aquí a allá*: expresión con a qual Olmedo alude ás qualidades de Fortunata.

26. *Jarabe* (do árabe *sarab*) equivale a *bebida*, *poción*; o termo é agora usado tamén con o significado de "xarope".

27. *¿Es honrada?*, "é honesta, é honrada?"

28. *Enfadarse*; sinónimo de *enojarse*, "aborrecer-se".

29. *Dejar de venir*; a perífrase verbal *dejar de* + infinitivo equivale a *cesar*, *parar de*. Na forma negativa significa que a acción expresa polo verbo se pasa sen ningunha interrupción (exemplo: *No ha dejado de asistir a clase ni un solo día* equivale a *no ha faltado...*). A mesma construción negativa con o verbo no futuro ou no imperativo, como no caso en cuestión, significa que a acción expresa polo verbo debe ser absolutamente completada: *portanto, no debes de venir* equivale a *ven sin falta; no te olvides de*

venir; te ruego que vengas, "venha de calquera maneira, non se esqueza de vir".

30. *A lo mejor* aquí equivale a *quizá*, *quizás*, "talvez". Constrói-se sempre con o modo indicativo e é mais coloquial do que as outras formas equivalentes.

31. *Saber mal una cosa a alguien* significa "causar desgosto a alguén por algun motivo".

32. Maximiliano, coñecendo a Fortunata, declara-lhe o seu amor e a pede en casamento. Deixa-lhe tamén algun dinheiro, para que poida recuperar obxectos persoais anteriormente penhorados.

33. *Ahorro*, "economía".

34. *Ropa*, "roupa, pezas de vestuario".

35. *Alhaja* equivale a *joyas*, "jóias".

36. Maximiliano aconsella a Fortunata a resgatar as jóias somente

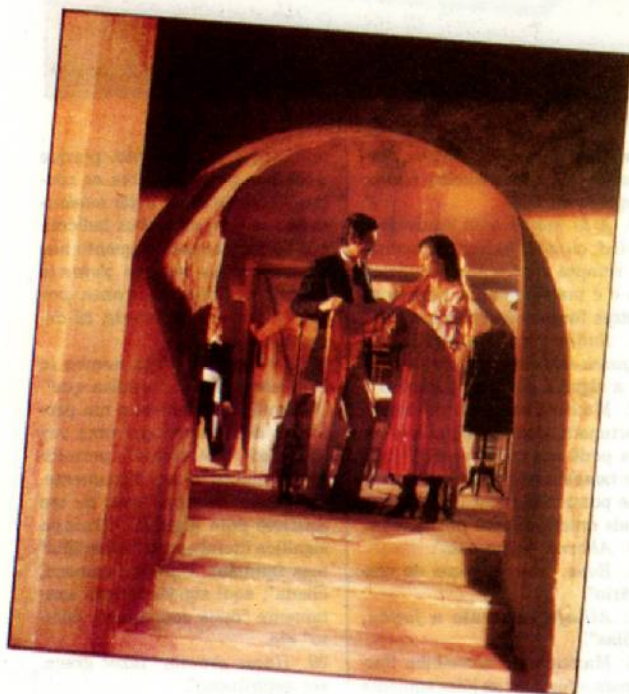
num segundo momento, porque é mellor resgatar antes as roupas. O adverbio de lugar *adelante* se usa con os verbos indicativos de movemento, enquanto nos outros casos se usa *delante* (exemplos: *¡sigue adelante, por favor!*; *you estoy delante, tú detrás*).

37. *Lo de...*; o artigo neutro *lo* equivale a "isso", "a coisa que". Maximiliano refírese a un problema de herança que unha vez *arreglado* ("resolvido") permitirá que ambos vivan dignamente.

38. *Hacer trampa*, "usar de un artificio con alguén". *Trampa* significa literalmente "armadilha" mas tamén "tramóia, trapaça, cilada"; aquí significa mais exactamente "onus económico, débito" etc.

39. *Hacer gracia*, "fazer graça, ser espirituoso".

FORTUNATA Y JACINTA



Maximiliano

Desde la primera noche que te conocí no hacía más que⁴⁰ repetirme una cosa: ¿cómo será esta mujer cuando diga la palabra "Te amo"? Pero diciéndolo de verdad, diciéndolo con el alma. No me digas que no; por lo menos seremos amigos. Es la primera vez que me enamoro de una mujer. Fortunata, ¿no me dices nada?

Fortunata

No sé qué decirte, Maximiliano.

Maximiliano

No importa. Ahora me voy; pero volveré en seguida. Ten preparadas⁴¹ tus cosas, sólo preocúpate de eso. Vuelvo en seguida. 

ESCENA 4⁴² 

Papitos

Yo no he hecho nada, ¡nada!

Fortunata

No llores, a ninguno nos va a pasar nada.



40. *No hacer más que* equivale a *no hacer otra cosa que...* O advérbio *más*, quando precede um nome em uma frase negativa, equivale a *otro*. Note-se, porém, que *no más de* equivale a *sólo* (exemplo: *había no más de cincuenta personas*, "havia somente cinquenta pessoas").

41. *Ten preparadas...*; o verbo *tener* durante o processo de evolução da língua espanhola foi substituído pelo verbo *haber* como auxiliar na formação dos tempos compostos ativos. A perífrase *tener* + particípio se diferencia de *haber* + particípio porque conserva uma certa idéia de posse e outras nuances como a duração, a repetição e a insistência. Usado, como no caso em questão, no imperativo com participípios que indicam atividade, *tener* assume um valor puramente de conclusão.

42. Maximiliano e Fortunata consolam Papitos, uma menina pobre que vive na casa do tio de Maximiliano. Ele faz com

que Fortunata, enfim sua esposa, saiba que alugou uma casinha na encosta do mar em uma cidadezinha de pescadores. Fortunata está comovida e feliz. 43. *¡Deja!* (do verbo *dejar*, "deixar") aqui equivale a "deixa pra lá, deixa disso!".

44. *Desempeñar*, desempenhar, livrar dos débitos, resgatar objetos levados ao penhor.

45. *Recobrar*, "recobrar", aqui "resgatar". Maximiliano se refere à farmácia.

46. *Pues ya está*, exclamação com a qual se comenta a realização de alguma coisa. Maximiliano, conhecendo o desejo de Fortunata de ver o mar, alugou uma casinha em uma cidadezinha à beira-mar e comunica à esposa que irão para lá.

47. *Hartarse de algo* significa "fartar-se de algo".

48. *Pensar en alguien o algo*; o verbo *pensar* exige a preposição *en*; em espanhol, não pode ser usado como transitivo referindo-se a pessoas.

En la pág. anterior, arriba: *Desfile de las tropas, de gala, en la Plaza Real del Madrid decimonónico.*

Abajo: *Juan Santacruz con Fortunata, en la casa de ésta.*

En esta pág., a la izquierda: *Boda de Fortunata y Maximiliano.*

Abajo: *Un momento de la ceremonia nupcial.*

Maximiliano

Claro que no, todo lo contrario. ¡Los tres vamos a ser muy felices.

Fortunata

Siéntate, ¿a ver?...

Maximiliano

Deja⁴³. Os he traído una sorpresa. Mirad.

Fortunata

¿Por qué has desempeñado⁴⁴ mis joyas? Lo necesitabas para la farmacia.

Maximiliano

¡Qué importa la farmacia! Tiempo habrá de recobrarla⁴⁵. Lo más importante ahora es ser felices. Y aún hay más. Bien, ¿no querías ver el mar? Pues ya está⁴⁶, nos hartaremos de mar⁴⁷. Un mar azul maravilloso. He alquilado una pequeña casita, que es un sueño, en un pueblo de pescadores. Y allí nos iremos los tres. Papitos, tú y yo. ¿En qué piensas⁴⁸, Fortunata?

Fortunata

En nada. Pienso que en este mundo los buenos deberían ser los felices.



Precisar la fecha de entrega de unos pedidos

Ouça na fita cassete o diálogo entre o senhor Prado e o senhor Durán, referente a uma reclamação por um certo atraso nas entregas e à solicitação de uma modificação no pedido.

Escuche

Sr. Prado ¿Oiga? Buenos días. Quisiera hablar con el Sr. Durán. 

La secretaria ¿De parte de quién?

Sr. Prado Del Sr. Prado, de Romosa.

Sr. Durán Buenos días, Sr. Prado. ¿Cómo está usted?

Sr. Prado Muy bien, gracias. ¿Y usted?

Sr. Durán Bien, gracias. ¿Tiene algún problema?

Sr. Prado No, pero quería precisar la fecha de entrega de unos pedidos. Ustedes se están retrasando y cada vez nos es más urgente¹ el material que esperamos. Sinceramente, empiezo a estar un poco preocupado.

Sr. Durán Tengo la impresión de que no nos estamos retrasando respecto de los plazos establecidos. En fábrica no hay problemas de producción y, en conjunto², estamos cumpliendo con el calendario fijado³.

Sr. Prado No se trata de un problema global, sino de un pedido que hubiera debido llegar ayer y que aún no hemos recibido. Además, quería preguntarle si es posible avanzar la entrega de dos pedidos.

Sr. Durán Vamos a ver qué se puede hacer. Seguramente⁴ no podré darle una respuesta ahora mismo, pero voy a anotar sus necesidades para contestarle lo más pronto posible. Dígame.

Sr. Prado En primer lugar, vamos al pedido número 4382: tendríamos que anticipar 15 días la fecha de entrega, de modo que el material debería estar en nuestra fábrica el 20 de abril.

Sr. Durán Estoy al corriente de este pedido, pero me es imposible anticiparlo por problemas de recepción del metal. Lo único que puedo proponerle es que retrasemos algún pedido que utilice el mismo metal, aunque ahora mismo no podría decirle si tienen alguno en curso. Voy a pedir a la fábrica



